



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**



MARIA FERNANDA MARABELLO: educadora religiosa e suas práticas educativas para o “saber fazer” e o “saber ser” (1977-1991)

DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS

João Pessoa - PB
2020

DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS

MARIA FERNANDA MARABELLO: educadora religiosa e suas práticas educativas para o “saber fazer” e o “saber ser” (1977-1991)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, no âmbito da Linha de História da Educação como exigência para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Maria Lúcia da Silva Nunes.

João Pessoa - PB
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237m Santos, Damião Fernandes.

MARIA FERNANDA MARABELLO: educadora religiosa e suas práticas educativas para o saber fazer e o saber ser (1977-1991) / Damião Fernandes Santos. - João Pessoa, PB, 2020.
187 f.

Orientação.

Tese (Doutorado) - UFPB/PPGE/CE.

1. História da Educação; Memórias; Prática Educativa.

I. . II. Título.

UFPB/BC

DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS

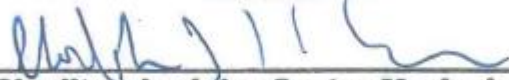
**MARIA FERNANDA MARABELLO: educadora religiosa e suas práticas
educativas para o “saber fazer” e o “saber ser” (1977-1991)**

TESE DEFENDIDA EM 27/03/2020

COMISSÃO EXAMINADORA



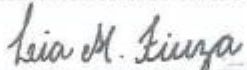
Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes (PPGE/UFPB)
Orientadora



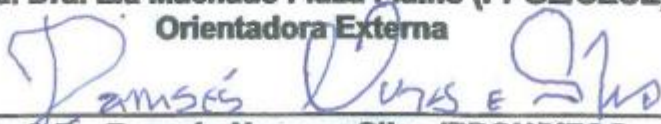
Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado (PPGE/UFPB)
Examinador Interno



Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva (PPGE/UFPB)
Examinador interno



Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho (PPGE/UECE)
Orientadora Externa



Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva (PPGH/UFCG)
Examinador Externo

Aos meus pais, com gratidão!
José Mariano dos Santos e Joana Fernandes dos Santos
(*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre presente.

A minha esposa Magna de Sousa, por sonhar comigo este sonho e lutar comigo esta luta; por ser presença que anima a alma e pelo amor com que me acolhe.

Aos meus Pais José Mariano dos Santos e Joana Fernandes dos Santos (*in memoriam*), pela vida que me deram, pela vida que souberam ser, pelo amor com que me amaram.

A todos os meus irmãos pela alegria de vibrarem juntos com essa conquista: Expedito Fernandes (Nên), Edilsom Fernandes, Fatinha Fernandes, Célia Fernandes, Carlos Antônio e José Fernandes (Ninha).

A minha orientadora Professora Lúcia Nunes por ser quem ela é: suave e intensa, mão que afaga e mão que corrige. Por ser sempre inteira em tudo que faz e em tudo o que é, é amor. Obrigado por acreditar em mim, por apostar em mim!

A minha segunda família pela presença e apoio sempre constante, nas pessoas de D. Mundinha e Sr. Domingos, gratidão a todos e cada um. Minha eterna gratidão.

A Adalberto, meu compadre, por ter sido apoio e abrigo nessa caminhada.

Às Irmãs da Sagrada Face pela presença marcante e determinante na história da minha vida. Grato pela fundamental contribuição nesta pesquisa, em especial à Irmã Severina Neta (Itália) e Irmã Luiza (Cajazeiras/PB).

Aos Irmãos da Sagrada Face, nas pessoas de Padre Silvio, Irmão Marcolino e Vinícius André. Gratidão!

À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (FAFIC);

Aos meus irmãos da Obra Álegrate pela torcida e oração.

A todos(as) os(as) professores(as) do Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha de História da Educação, pela competência e generosidade demonstrada na partilha dos seus conhecimentos.

Aos professores Dr. Charliton José dos Santos Machado, Dra. Lia Machado Fiuza Fialho, Dr. Severino Bezerra da Silva e Dr. Ramsés Nunes e Silva, pela gentileza em aceitarem o convite para participarem da minha banca examinadora. Grato pelo tempo dedicado e apreciações a esse trabalho.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram com esta pesquisa e/ou que vibraram pelo bom êxito dela. O meu muitíssimo obrigado.

“De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua (...)”

(Clarice Lispector)

RESUMO

Esta tese de doutoramento tem como objetivo geral problematizar a trajetória de vida da religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello, desvelando as especificidades e contribuições das suas práticas educativas. O argumento desenvolvido é que esta religiosa e educadora trazia, intencionalmente, no interior de suas práticas educativas uma estratégia para incrementar potencialidades juntos aos seus educandos e que tais práticas iam além de um formato de alfabetização via silabação ou numa transposição didática da leitura pela leitura, ou seja, daquela silabada como instrumento de codificação do símbolo escrito. A educadora estava preocupada como fim último do seu fazer educacional com um processo de escolarização que desenvolvesse potencialidades, onde a leitura era o meio para alcançar o algo mais de um “saber fazer” e de um “saber ser”. O recorte temporal da pesquisa compreende os anos de 1977, quando Maria Fernanda Marabello, junto com a Congregação das Irmãs da Sagrada Face chegam ao Brasil, na cidade de Cajazeiras, abrindo a primeira casa de missão fora da Itália e inaugurando um Centro de Pastoral Social na zona Norte desta cidade, composto por: uma Escola de Ensino Fundamental (1º a 5º ano), oficina de corte e costura e outra de pintura e produção de imagens sacras, até 1991, ano do seu falecimento. A pesquisa orientou-se pelos referenciais teóricos da Nova História Cultural, inserindo-se na abordagem da pesquisa biográfica e da História Oral, com o uso de entrevistas orais de ex-professores e ex-alunos que conviveram com a biografada na Escola São José; além de fontes escritas e imagéticas como: livro escrito pela biografada, fotos, documentos oficiais da Escola São José, entre outras. Neste sentido, o recorte temático da pesquisa está historicamente contextualizado na fronteira entre a história, a memória e a cultura, inscrito nas narrativas e escritas de si dos sujeitos, vinculados à história das práticas educativas da educadora. Por fim, entende-se que a referida educadora e religiosa, fiel seguidora dos ideais e regras da Congregação das Irmãs da Sagrada Face, teve sua fundadora como modelo de atuação no campo da escolarização de crianças, e desenvolveu na instituição citada um trabalho no qual imprimiu sua marca pessoal, mas sem perder de vista aqueles ideais. Suas práticas incluíram estratégias que visavam desenvolver potencialidades em seus educandos, que os comprometessem não apenas com o processo ensino-aprendizagem, mas também os engajassem com um modo de fazer e de ser no mundo.

Palavras-chave: Maria Fernanda Marabello. História da educação. Memórias. Práticas educativas.

RESUMEN

Esta tesis doctoral tiene como objetivo problematizar la trayectoria de la vida de la religiosa y educadora Maria Fernanda Marabello, revelando las especificidades y contribuciones de sus prácticas educativas. El argumento desarrollado es que esta religiosa y educadora trajo intencionalmente, dentro de sus prácticas educativas, una estrategia para aumentar el potencial con sus estudiantes y que estas prácticas iban más allá de un formato de alfabetización a través de la silabización o en una transposición didáctica de lectura por lectura, es decir, esa lectura de sílabas como instrumento para codificar el símbolo escrito. La educadora estaba preocupada como el objetivo final de su actividad educativa con un proceso escolar que desarrollaba potencial, donde la lectura era el medio para lograr algo más que "saber cómo hacer" y "saber cómo ser". El marco de tiempo de la investigación abarca los años 1977, cuando María Fernanda Marabello, junto con la Congregación de las Hermanas de la Santa Faz llegó a Brasil, en la ciudad de Cajazeiras, abriendo la primera casa de misión fuera de Italia e inaugurando un Centro Pastoral Social. en la parte norte de esta ciudad, que consiste en: una escuela primaria (1 ° a 5 ° grado), un taller de costura y corte y otra pintura y producción de imágenes sagradas, hasta 1991, año de su muerte. La investigación se guió por las referencias teóricas de la Nueva Historia Cultural, insertándose en el enfoque de la investigación biográfica y la Historia Oral, con el uso de entrevistas orales de ex profesores y ex alumnos que vivían con la biografía en la Escola São José; además de fuentes escritas e imágenes como: libro escrito por el biógrafo, fotos, documentos oficiales de la Escuela São José, entre otros. En este sentido, el enfoque temático de la investigación está históricamente contextualizado en la frontera entre historia, memoria y cultura, inscrito en las narrativas y escritos de los sujetos, vinculado a la historia de las prácticas educativas del educador. Finalmente, se entiende que la mencionada educadora y religiosa, fiel seguidora de los ideales y reglas de la Congregación de las hermanas de la santa face, tuvo a su fundadora como modelo de acción en el campo de la escolarización de los niños, y desarrolló un trabajo en la mencionada institución en la cual imprimió su marca personal, pero sin perder de vista esos ideales. Sus prácticas incluían estrategias que apuntaban a desarrollar potencial en sus estudiantes, que los comprometería no solo al proceso de enseñanza-aprendizaje, sino también a involucrarlos con una forma de hacer y estar en el mundo.

Palabras clave: Maria Fernanda Marabello. Historia de la educación. Recuerdos. Prácticas educativas.

RIASSUNTO

Questa tesi ha come obiettivo generale problematizzare il percorso di vita della religiosa e educatrice Maria Fernanda Marabello, svelando le specificità e contribuzioni delle sue pratiche educative. L'argomento sviluppato è che questa religiosa ed educatrice portava, intenzionalmente, all'interno delle sue pratiche educative una strategia per incrementare le potenzialità con i suoi allievi e che tali pratiche vanno oltre un formato di alfabetizzazione attraverso la sillabazione o in una trasposizione didattica della lettura mediante lettura, cioè, quella lettura della sillaba come strumento di codificazione del simbolo scritto. L'educatrice aveva come obiettivo ultimo della sua pratica educativa un processo di scolarizzazione capace di sviluppare le potenzialità, dove la lettura fosse il mezzo per ottenere qualcosa di più del "saper fare" e del "saper essere". Il lasso di tempo della ricerca comprende gli anni di 1977, quando Maria Fernanda Marabello, insieme ad altre sorelle della Congregazione delle Suore del Santo Volto sono arrivate in Brasile, nella città di Cajazeiras, aprendo così la prima casa di missione fuori d'Italia ed inaugurando un Centro Pastorale Sociale nella parte nord di questa città, che si compone di: una Scuola elementare (1° al 5° anno), officina di taglio e cucito e altri, pittura e produzione di immagini sacre, fino 1991, quando è morta. La ricerca si ha orientato attraverso i presupposti teorici della Nuova Storia Culturale, inserendosi nell'approccio della ricerca biografica e della Storia Orale, utilizzando i racconti di ex insegnanti ed ex alunni che hanno vissuto con l'educatrice nella Scuola São José; oltre a fonti scritte e di immagini come: libro scritto da lei, fotografie, documenti ufficiali della Scuola São José ecc. In questo senso, il lasso tematico della ricerca è storicamente contestualizzato al confine tra la storia, la memoria e la cultura, iscritto nei racconti e negli scritti di altri soggetti, legati alla storia delle pratiche educative dell'educatrice. Infine, si capisce che la detta educatrice e religiosa, fedele seguace degli ideali e delle regole della Congregazione delle Suore del Santo Volto, aveva la sua fondatrice come modello di attuazione nel campo della scolarizzazione dei bambini, e ha sviluppato nella medesima istituzione un lavoro dove ha impresso il suo marchio personale, ma senza perdere di vista quegli ideali. Le sue pratiche hanno incluso strategie che cercavano sviluppare le potenzialità nei suoi allievi, impegnandoli non solo con il processo insegnamento-apprendimento, ma anche coinvolgerli in un modo di fare e di essere nel mondo.

Parole chiave: Maria Fernanda Marabello. Storia dell'Educazione. Memorie. Pratiche educative.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 0: A Educadora Irmã Maria Fernanda Marabello com crianças da Escola São José.....	(capa)
Imagem 1: Educadora e religiosa Irmã Maria Fernanda Marabello.....	13
Imagem 2: Livros “POSITIO” da causa de Canonização da Madre Fundadora.....	26
Imagem 3: Capa do Livro “Uma Apóstola da Sagrada Face” de Irmã Maria Fernanda Marabello.....	27
Imagem 4: Dedicatória no Livro “Uma Apóstola da Sagrada Face” de Irmã Maria Fernanda Marabello.....	28
Imagem 5: Irmã Maria Fernanda Marabello.....	47
Imagem 6: Certificado de Estudo de Irmã Maria Fernanda Marabello.....	48
Imagem 7: Certificado de Estudo de Irmã Maria Fernanda Marabello.....	50
Imagem 8: Irmã Fernanda Marabello (ao lado esquerdo) da Madre Fundadora que está sentada entre outras as Irmãs neo-professas.....	51
Imagem 9: Com a comunidade de Roma: Ir Fernanda é a que está sentada, a primeira da esquerda com um terço branco sobre as pernas.....	51
Imagem 10: Jornal MONTEPIESE, outubro de 1991.....	53
Imagem 11: Irmã Fernanda Marabello com os alunos da Escola São José.....	56
Imagem 12: Portaria de Irmã Fernanda Marabello como Administradora Escolar da Escola São José.....	57
Imagem 13: Decreto de criação da Escola Municipal de 1º grau São José.....	59
Imagem 14: Ata de Encerramento de Ano Letivo de 1983 da Escola São José.....	60
Imagem 15: Parte da Escola São José ainda em construção na década de 80. Na foto, no lado esquerdo, a casa das Irmãs da Sagrada Face. Ao lado um anexo com as primeiras salas de aula.....	62
Imagem 16: Maria Fernanda Marabello, com o instrutor do curso de produção e pintura de imagens em gesso, Fernando.....	67
Imagem 17: Ofício de Maria Fernanda Marabello encaminhado ao Secretário de Educação da Paraíba, José Loureiro Lopes, solicitando a contratação da professora Francisca Gonçalves de Sousa.....	69

Imagem 18: Boletim da 4ª série do ano de 1987, Escola São José.....	71
Imagem 19: Boletim da 3ª série do ano de 1986, da Escola São José.....	72
Imagem 20: Pia Mastena ao centro, rodeada de crianças das atividades escolares da Congregação.....	85
Imagem 21: Pia Mastena ao centro e Irmã Maria Fernanda Marabello no lado esquerdo.....	91
Imagem 22: Relatório da Escola Municipal São José no ano de 1989 (1ª parte).....	119
Imagem 23: Relatório da Escola Municipal São José no ano de 1989 (2ª parte).....	120
Imagem 24: Boletim de Conclusão de Ensino Fundamental (8º ano) no Colégio Diocesano Padre Rolim, apadrinhado pelas Irmãs da Sagrada Face, capitaneado por Maria Fernanda Marabello.....	139
Quadro 1: Total de orientações dos professores vinculados à linha de História da Educação no PPGE da Universidade Federal da Paraíba nos anos de 2009 a 2016.....	18
Quadro 2: Pedagogias tradicional e moderna.....	125

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - DA CONSTITUIÇÃO DO OBJETO ÀS REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	14
1.1 A constituição do objeto e o caminho enviesado.....	14
1.2 Os diálogos teóricos: sobre como ler as fontes.....	29
CAPÍTULO II – A VIDA DE IRMÃ MARIA FERNANDA MARABELLO: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DA SUA FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA EDUCACIONAL.....	44
2.1. A trajetória educacional da educadora Maria Fernanda Marabello	44
2.2. Atuação da educadora Fernanda Marabello na Escola São José.....	55
CAPÍTULO III – MARIA FERNANDA MARABELLO E A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DA SAGRADA FACE.....	74
3.1 Considerações históricas sobre o nascimento e a Fundação da Congregação das Irmãs da Sagrada Face	74
3.2 Maria Fernanda Marabello: fiel imitadora da fundadora da Congregação das Irmãs da Sagrada Face, Madre Pia Mastena.....	91
CAPÍTULO IV - AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE MARIA FERNANDA MARABELLO NA ESCOLA SÃO JOSÉ	101
4.1 A compreensão sobre a Educação e suas práticas educacionais nas Diretrizes Educacionais Brasileira: a LDB de 1994	101
4.2 Pensando as práticas no interior da Escola São José, a partir dos relatos de professoras.....	107
4.3 As práticas educacionais na Escola São José sob a direção de Irmã Fernanda Marabello: tradicionais ou modernas?.....	118
4.4 Pensando as práticas da Educadora Maria Fernanda Marabello, no interior da Escola São José, a partir das narrativas orais de ex-alunos.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS.....	151
ANEXOS	156

Imagem 1: Educadora e religiosa Irmã Fernanda Marabello.



Fonte: Congregação das Religiosas da Sagrada Face (Ano 1980).

CAPÍTULO I - DA CONSTITUIÇÃO DO OBJETO ÀS REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS¹

1.1 A constituição do objeto e o caminho enviesado

A história, a vida e trajetória profissional de educadores e educadoras têm se constituído em um dos mais importantes temas de grande relevância no campo da história da educação. A pesquisa sobre formação de docentes, incluindo saberes e memoriais biográficos tem ganhado evidente destaque no cenário docente. De acordo com Nóvoa (1995) e Josso (2007), tais pesquisas se propõem à reconstrução da memória simbólica de educadores e educadoras e das suas práticas profissionais que, por algum motivo, foram negligenciadas por um tipo de paradigma convergente à uma racionalidade técnica. Portanto, narrar a história da contribuição do feminino na história da educação, além de ser uma forma de importante registro histórico se constitui como uma maneira de promover um maior e qualificado desvelamento da memória feminina e assim ser possível incluir ou reincluí-la de maneira adequada no interior de uma construção histórica. É possível perceber que, na atualidade, a presença da mulher na atividade magisterial ganha visibilidade e cresce, assim, um certo interesse em estudar esses sujeitos no interior dos seus espaços educativos. De acordo com Machado, Silva e Nunes (2012, p.8), “contar as histórias das educadoras é insistir no rompimento de um silêncio histórico que perdurou tempo demais”. Contar a história das mulheres, portanto, é um tipo de fazer justiça histórica àquelas que por muito tempo foram tratadas como meras coadjuvantes de um processo histórico.

O meu interesse em narrar as memórias e a história de vida da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello tem inicialmente uma motivação pessoal e subjetiva, apresentando características de afeto e respeito pela história da educadora. Nesse contexto, a minha inclinação por querer narrar a sua história e memórias nasce de uma inquietação gnosiológica, de uma curiosidade histórica, de um desejo de conhecer o processo histórico-social da sua prática educacional e do seu fazer

¹ No Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, especialmente em sua Linha de Pesquisa: História da Educação - da qual eu faço parte, é comum (em dissertações e teses) o uso da terminologia “Capítulo I” para o que, em outras Linhas e/ou Programas, pode-se chamar de “Introdução”. Por esta razão, neste trabalho utilizei o termo conforme a prática frequente da Linha de Pesquisa a qual ele pertence.

pedagógico à frente de uma Escola Municipal na cidade de Cajazeiras. Mesmo a despeito de toda uma série de dificuldades, esta educadora leva a cabo um processo educacional que procura promover a escolarização e, ao mesmo tempo, a construção de uma consciência cidadã nos seus educandos.

Entre os anos de 1984 a 1988, fui aluno da Escola São José na qual Maria Fernanda Marabello realizou o seu trabalho como religiosa e educadora, estando à frente da Congregação de Cajazeiras como Superiora Geral e da Escola como Diretora. Durante este período, tive a possibilidade de participar também da Oficina de produção de imagens de gesso e de pintura, por um longo período da minha infância e também da minha pré-adolescência. Ao concluir o Fundamental II em escolas do Sistema Municipal de Ensino de Cajazeiras, Maria Fernanda Marabello, em contato com famílias ricas residentes na Itália, consegue que uma destas financie os meus estudos durante o período em que cursei o Ensino Médio na Rede Privada, no então Colégio Diocesano Padre Rolim, que à época era um colégio administrado pela Diocese de Cajazeiras.

Durante este período em que fui aluno do Colégio Diocesano Padre Rolim, cursando o Ensino Médio, Irmã Maria Fernanda Marabello tinha o compromisso de que junto às famílias italianas apresentasse um tipo de relatório sobre o andamento dos estudos e as respectivas notas bimestrais. Assim, periodicamente a educadora se correspondia por meio de carta e informava as minhas condições letivas no que concerne às notas e aproveitamentos de aprendizagem.

A educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello, de origem italiana, chegou ao Brasil em fevereiro de 1977 e faleceu em 02 de setembro de 1991. Portanto, foram 14 anos de uma intensa vida de prática educacional com ênfase na escolarização de crianças, mas ainda invisibilizadas por uma incompreensão histórica. Assim, de acordo com Perrot (1989):

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas [...] nesse silêncio profundo é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões (PERROT, 1989. p. 16).

Num primeiro momento, existe uma motivação pessoal em querer desvelar e problematizar a história de vida da religiosa e educadora que se estabelece numa cidade no sertão do Estado da Paraíba e que lá, junto à sua Congregação das Irmãs

da Sagrada Face, iniciam um tipo de apostolado e de missão no campo da catequese de crianças, mas sobretudo no campo da educação. Isso levou-me a investigar a sua história como educadora que possibilitou não somente a mim, mas a uma centena de outras crianças, que a depender de suas condições sociais e econômicas, dificilmente teriam condições de, por meio da escola e por um processo de escolarização, serem vencedores no que chamamos de “vencer na vida” e sobre si mesmo.

Portanto, busco com essa pesquisa de cunho biográfico trazer à tona, por meio da memória sobre a educadora, o contexto histórico concernente à cultura educacional de Cajazeiras, as características dessa expressão educacional e as contribuições reais e fundamentais dessa mulher educadora, em que o seu fazer educacional fora usado como um instrumento de escolarização e de transformação social.

Em um segundo momento, o meu interesse em narrar as memórias e a história da educadora Maria Fernanda Marabello e investigar as suas práticas educativas tem uma inclinação acadêmica. Tudo começa no ano de 2014, data que marca a minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, quando por meio de seleção, ingressando no Mestrado em Educação, eu já trazia o desejo de escrever projeto de dissertação na linha de História da Educação. Na época lecionava no Ensino Médio na Rede Estadual da Paraíba como professor de Filosofia e Sociologia. Além de ministrar aulas no Ensino Médio regular, dava aulas também em turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), fato que colaborou bastante para que, naquele instante, eu já tivesse bem encaminhado um projeto de pesquisa nesta área; realidade que também facilitou a conclusão do projeto e, portanto, a inscrição na seleção de Mestrado em Educação na Linha de Pesquisa de Educação Popular. Assim, orientado pela professora Dra. Aline Maria Batista Machado, concluí o Mestrado em Educação no ano de 2016. Durante todo o processo de curso das disciplinas do Mestrado, sobretudo na ocasião de apresentação das Linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação, a linha de História da Educação me encantou de imediato, despertando em mim a possibilidade de enveredar por uma pesquisa nesta linha e sobre a educadora Maria Fernanda Marabello. Tal interesse aumentou quando soube que a professora Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes era uma das professoras orientadoras desta linha e que era também, como eu, natural do Sertão, da cidade de Catolé do Rocha e que tínhamos uma amizade em comum, que era a sua irmã que

reside em Cajazeiras. Todos estes fatos me impulsionaram a fazer no mesmo ano de 2016 a seleção de Doutorado em Educação e há poucos meses de acontecida a banca de defesa do Mestrado, soube da aprovação no Doutorado em Educação e na Linha de História da Educação. Algo que fora por muito tempo sonhado e desejado com o objetivo de fixar-se nas especificidades e particularidades da vida de atores individuais e, neste caso específico, trazendo como foco de análise a narrativa de vida e a prática educativa de Maria Fernanda Marabello, religiosa e educadora do sertão paraibano. Dessa forma, o meu interesse em narrar as memórias e a história da educadora Maria Fernanda Marabello e investigar suas práticas educativas tem um misto de intento de uma contribuição acadêmica, ou seja, conferir cientificidade histórica à sua história de vida e às suas práticas no campo da educação.

Assim, fui também mantendo os primeiros contatos com temáticas acerca da mulher, sua identidade social, a sua importância como agente de transformação na sociedade e ainda, ao mesmo tempo, percebendo o quanto a história de vida dessas mulheres - sobretudo e particularmente a história da educadora Maria Fernanda Marabello - eram de certa forma desconhecidas e invisibilizadas e, por consequência, incompreendidas. Apesar de sabermos e concordarmos que “dentre os sujeitos emergentes que perpassaram a educação e a pedagogia no século XX, a mulher está em posição de destaque” (MACHADO; SILVA; NUNES, 2012, p. 177), e com isso, muito já fora pesquisado, analisado e discutido sobre o papel da mulher sobretudo no campo da educação, existe muito ainda a ser sensibilizado e descortinado sobre as mulheres, sobre seus papéis, práticas e representações e suas contribuições a partir das suas lutas. Ainda de acordo com Machado e Nunes (2012, p. 179)

Trazer à tona, revelar as práticas, as representações e as leituras das educadoras paraibanas do século XX, significa dar visibilidade e voz a um sujeito que durante muito tempo ficou fora das versões da historiografia oficial, ou ocupou espaços mínimos e marginalizados, embora tenha participado ativamente do processo histórico, como também possibilita ampliar o conhecimento sobre a configuração educacional, mas também política, ideológica e cultural da sociedade [...]

Concordo com Machado, Silva e Nunes (2012) que trazer à tona, revelar as práticas e representações dessas mulheres significa dar a elas visibilidade, ao mesmo tempo, compreendo que muito dessa empreitada científica já tenha sido feita,

sobretudo por esse Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), entre os anos 2009 a 2016.

Nesse ínterim, um grupo de alunos deste Programa de Educação², elaborou um estado da Arte referente às pesquisas produzidas na linha de História da Educação, desde a criação desta linha de pesquisa. Barreto (2019) em sua tese de Doutorado sob o título *“A Guardiã: um retrato histórico e (auto)biográfico de Maria Fernandes de Queiroga (Irmã Ana OSF) – 1949 a 2019”*, apresenta o quadro abaixo sob um inventário referente aos trabalhos orientados pelos professores que com suas pesquisas e orientações, contribuíram com a Linha da História da Educação dos anos 2009 a 2016.

Quadro 1: Total de orientações dos professores vinculados à linha de História da Educação no PPGE da Universidade Federal da Paraíba nos anos de 2009 a 2016.

TOTAL DE ORIENTAÇÕES DOS PROFESSORES QUE CONTRIBUÍRAM COM A LINHA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO PPGE			
ORIENTADOR (A)	PRODUÇÕES DOS ANOS DE 2009 a 2016		TOTAL
	DISSERTAÇÕES	TESES	
ANTONIO CARLOS FERREIRA PINHEIRO	06	04	10
CARLOS AUGUSTO DE AMORIM CARDOSO	04	01	05
CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO	09	05	14
CLAUDIA ENGLER CURY	03	05	08
FABIANA SENNA DA SILVA	04	00	04
IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA	03	00	03
JEAN CARLO DE CARVALHO COSTA	06	00	06
MARIA ADAILZA M. DE ALBUQUERQUE	03	00	03
MARIA DO SOCORRO NÓBREGA QUEIROGA	04	00	04
MARIA ELIZETE G. CARVALHO	05	00	05
MARIA LUCIA DA SILVA NUNES	09	00	09
MAURICEIA ANANIAS	06	00	06
WOJCIECH ANDRZEJ KULESZA	07	03	10
TOTAL GERAL	69	18	87

Fonte: Barreto (2019, p.22)

² Grupo composto pelos(as) mestrados(as): Auristela Rodrigues, Bruna Gomes Oliveira, José Roberto Moraes dos Santos, Renata Cristina da Silva e Thaís Jussara de Oliveira Guedes Isidro. O ano de referência 2009 justifica-se por ser o marco temporal dos primeiros trabalhos publicados na linha de História da Educação do PPGE/UFPB.

Dentre as várias dissertações e teses que biografam mulheres educadoras, defendidas na Linha de História da Educação do PPGE/UFPB, destaco algumas que desvelam as práticas e representações dessas mulheres educadoras no campo da educação católica feminina, que contribuem para retirar de uma quase invisibilidade nos registros oficiais da História da Educação no Estado da Paraíba. Neste sentido, temos a dissertação de Tatiana de Medeiros Santos (2009), que desenvolve uma investigação intitulada ‘Magistério em declínio: história e memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970)’, na qual analisa as memórias de quatro ex-alunas da última turma concluinte do magistério dessa instituição confessional. Além das fontes orais com as entrevistas da ex-alunas e de uma ex-diretora (religiosa), a autora usou fontes escritas e imagéticas diversas e destaca, ao final, que a formação educacional recebida pelas ex-alunas regia-se pela disciplina dos corpos submetidos às relações de poder e por um modelo de família que primasse pelos valores cristãos; tal arcabouço educativo reflete-se em suas formas de conceber o mundo. Como prolongamento dessa dissertação a autora produziu um artigo no qual reconstrói as memórias da Irmã Margarida Marcelo Costa, enquanto ex-diretora do Colégio Nossa Senhora das Neves no ano de 1970.

No âmbito das pesquisas sobre a educação católica de grupos religiosos e/ou de escolares na Paraíba, temos o trabalho de tese de Doutorado de Maria Ivete Martins Correia (2010), sob o título *“Educação católica, gênero e identidades: o Colégio Santa Rita de Areia na História da Educação Paraibana (1937-1970)”*³. Esse estudo teve como objetivo compreender as relações estabelecidas entre um projeto de educação católica desenvolvida pelas irmãs Franciscanas de Dillingen no Colégio Santa Rita, localizado na cidade de Areia Paraíba.

O historiador, prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva, em seu trabalho de tese de doutoramento no ano de 2012 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPB), intitulado: *“A igreja é uma escola, ou como o internato se tece: culturas instrucionais de confinamento e as damas da instrução cristã - 1891-1937”*, no qual

³ Esta pesquisa, mesmo sendo uma Tese que está locada na linha de pesquisa Educação Popular, comunicação e cultura, retrata em seu objeto a ubiquidade da mulher na educação, mormente no interior da Educação católica feminina. Tese orientada pelo Professor Dr. Antônio Carlos Ferreira Pinheiro (PPGE/UFPB) no ano de 2010. A linha de História da Educação é implantada no PPGE com a (Resolução 52/2007 – CONSEPE).

pesquisou e analisou a figura dos internatos confessionais, quando do combate a um processo de secularização da instrução e dos seus processos, ora estabelecendo, ora esclarecendo as maneiras pelas quais estas instituições confessionais dialogam com um novo tipo de conjuntura.

Nesta mesma linha de pesquisa de educadoras e suas práticas educativas, orientadas pelo teor confessional temos a tese de doutorado de Francymara Antonino Nunes de Assis (2014), que desenvolve a pesquisa sob o uso de narrativas sobre a trajetória da professora e historiadora de Serra Branca, Estelita Antonino de Souza, sob o título: *“Práticas educativas no cariri paraibano: histórias e memórias da educadora Estelita Antonino de Souza (1947-1991)”*. A autora conclui que o modelo cultural que fundamentou as práticas educativas da referida educadora foi o do cristianismo católico, tendo a mesma dedicando-se à divulgação e circulação de saberes e práticas próprios à religião católica.

Ainda neste pequeno panorama das pesquisas na linha da História da Educação, com um enfoque na ubiquidade da mulher na educação, mormente na educação católica feminina, temos o trabalho de tese de Iolanda de Sousa Barreto (2019), citado anteriormente, que desenvolve uma pesquisa de doutoramento sobre uma educadora e religiosa da Cidade de Catolé do Rocha (PB), Maria Fernandes de Queiroga (Irmã Ana), com o objetivo de compreender a trajetória de vida da religiosa e educadora e assim, descortinar as especificidades de sua práxis educativa. A autora defende que Irmã Ana é uma verdadeira guardiã do Colégio Normal Francisca Mendes e dos valores confessionais apreendidos, sobretudo com as Irmãs Franciscanas de Dillingen (Alemanha), bem como tem feito de suas práticas educativas instrumento de divulgação desses valores e saberes.

Pontuo estas pesquisas dentro de um quadro de análise da pesquisa em História da Educação na Paraíba, sobretudo na linha da História da Educação no interior do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, como maneira de deixar bem-posto uma empreitada científica sobre esta temática. Nesse sentido, a pesquisa que proponho e apresento traz em si o objetivo de ampliar o discurso sobre as educadoras religiosas e as suas práticas educativas na História da Educação da Paraíba e a sua contribuição no crescimento e alcance da educação a tantos rincões deste Estado, sobretudo no interior dos seus processos de escolarização.

Assim, não posso negar que tenha havido um crescimento e até um progresso no que diz respeito à pesquisa sobre a mulher, o seu papel e contribuição na Educação. Mas, não podemos negar também que é possível identificar a necessidade de um maior avanço da pesquisa biográfica, na perspectiva de destacar mulheres religiosas com papel de protagonismo no campo da educação. Vale salientar a situação da mulher frente à educação formal, a Escola Normal e paralelo a isto, o início de um processo de feminização do magistério, no final do século XIX, e que em todo esse processo houve sempre uma crescente intervenção e controle do Estado. Assim, vemos entrelaçados tanto a luta da mulher quanto a da educadora.

Desta forma, grandes são os desafios que se apresentam para a construção de novas chaves de leitura sobre o papel dessas mulheres em pleno século XXI, sempre a partir de novas categorias conceituais de análise, novas fontes, documentos e metodologias adequadas. Desse modo, a necessidade de retirar tais figuras femininas de um tipo de anonimato social e de um silenciamento histórico mostra-se sempre atual, mesmo quando o conhecimento sobre tal gênero avança, sobretudo quando se refere às narrativas biográficas das mulheres com destaque para as suas histórias, memórias, seus feitos, ideias e posicionamentos frente ao mundo ou ainda sobre as suas resistências a qualquer tipo de opressão cultural ou ideológica.

Aliado aos dois interesses referentes ao objeto de tese é possível ainda apresentar um terceiro, quando olho na perspectiva da análise das práticas educativas da educadora Maria Fernanda Marabello, ou seja, de como o seu fazer educacional, assumido como uma intransferível missão, teve papel fundamental no desenvolvimento político-social de toda uma comunidade local. A sua contribuição na área da educação, na cidade de Cajazeiras, possibilitou um grande desenvolvimento social por meio da alfabetização de centenas de adultos e crianças pobres e ainda a construção de um processo de inclusão social através de práticas de uma “educação profissional”, com a oferta de oficinas de artes, corte e costura e pintura, pedagogicamente atreladas ao seu fazer educacional.

Nesse contexto, o recorte temporal desse estudo se justifica pelo fato de representar por um lado o ano da chegada e instalação da Congregação no Brasil e em Cajazeiras no ano de 1977, quando tem início um processo de investimento estrutural, logístico e humano em vista de um pioneirismo da Congregação no campo da abertura de casas de missão fora da Itália, visto ser o Brasil o primeiro país a

recebê-las e, por consequência, temos Maria Fernanda Marabello no campo da educação, que irá desembocar na instalação da Escola São José como materialização de uma educação formal e sistemática. Porque na verdade, antes da abertura da Escola São José, Maria Fernanda Marabello já realizava um trabalho educativo informal com as crianças e famílias do bairro, por meio de visitas domiciliares e ajuda material àquelas famílias que viviam em condições sub-humanas. O trabalho educativo “informal” da educadora estava voltado para a prevenção, sensibilização e catequização dos pais e crianças dos bairros onde a Congregação estava instalada.

Temos como ponto final de todo esse processo o ano de 1991, que representa, por um lado, o fim da parceria entre o Poder Público Municipal - que fazia uso do espaço físico e as estruturas de salas do Centro Social São José, construído à época pelo sacerdote Italiano, Padre Albino, “para servir a população em dificuldades” e que “quando Padre Albino mudou de Diocese, o novo vigário Padre Antônio Alves Siqueira [...] incrementou o trabalho do Centro Social para uma promoção humana e cultural” (MARABELLO, 1986, p. 83). E ainda, o poder público municipal era responsável em disponibilizar alguns funcionários públicos e professores concursados para serem lotados na referida Escola, sendo remunerados pelo erário público. A Escola São José era fruto também dessa parceria em que a Congregação das Irmãs da Sagrada Face estava responsável pela administração e de forma mais diretamente, por Maria Fernanda Marabello. E por outro lado, 1991 representa o período de encerramento dessa parceria, o fechamento da Escola São José e o falecimento da educadora, em setembro de 1991, vítima de um enfarte no miocárdio, de acordo com informações em sua certidão de óbito. Conta-se que neste mesmo dia, a educadora estava em visita ao Bispo Diocesano Dom Matias Patrício de Macedo. As informações de senso comum, partilhado pela comunidade local é de que, ali mesmo em audiência com o Bispo, ela sofre um enfarte, vindo a óbito poucos minutos depois, sem que desse tempo de reversão do quadro. Por conhecimento de senso comum, uma das causas da morte da educadora, seriam as denúncias feitas em rádios locais de que a religiosa integrava uma rede de tráficos de menores pobres para a adoção por famílias ricas italianas. Com a sua morte, surgirá entre esta, diversas outras versões sobre o desdobramento deste fato.

Por outro lado, esse fato ainda inexplicado sobre a morte da educadora, não extinguiu ou ao menos diminuiu a relevância e importância das suas práticas

educativas na cidade de Cajazeiras, junto a tantas crianças da Zona Norte da cidade, sobretudo dos bairros São José e Casas Populares. Nesse sentido, algo que tem me incentivado e instigado a pesquisar sobre as práticas educacionais da educadora é o fato de que muitas crianças e adolescentes à época, seus antigos alunos egressos, hoje homens e mulheres que desempenham as mais diversas atividades profissionais em diversos setores, atribuem à educadora e às suas práticas educativas fundamental contribuição na construção dos cidadãos em que se tornaram. Tais realidades, de certa maneira, reforçam a motivação de investigar as práticas educativas da referida educadora. Pois, se consideradas no interior de um fazer educacional próprio, tais práticas representaram para a minha condição de sujeito a única possibilidade de acesso a uma cultura de escolarização em um chamado ‘ensino regular’, que pudesse assim favorecer tanto a mim quanto outras crianças, o acesso a um tipo de conhecimento escolar-pedagógico que estava além de estratégia instrumental de escolarização.

Nesse sentido, disponho-me a investigar de que maneira e sob que perspectivas as práticas educativas de Maria Fernanda Marabello estariam voltadas como propostas pedagógicas, a uma ‘escolarização tradicional’ ou, pelo contrário, tal processo de escolarização estaria para o desenvolvimento de potencialidades, direcionadas a um “saber fazer” e um “saber agir”.

Aliado a todas estas considerações acerca das motivações e inclinações que me levaram a escolher a religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello para narrar suas memórias, está ainda o fato de que, passados 27 anos de sua morte, a sua vida e, sobretudo, suas contribuições no campo da educação, no interior das suas práticas educacionais na cidade de Cajazeiras, continuam invisibilizadas no interior de incompreensões históricas. Os estudos de Perrot confirmam a exclusão das mulheres na história e afirma ainda que o olhar do pesquisador por muito tempo esteve voltado apenas aos grandes acontecimentos públicos e aos grandes heróis masculinos.

Nesse sentido,

[...] no que se refere às mulheres, esta vontade foi por muito tempo inexistente. Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê à relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das cidades (PERROT, 2005. p. 14).

A partir dessa análise de Perrot (2005), é possível afirmar que fazer a opção por narrar a história de vida da educadora Maria Fernanda Marabello e investigar as

suas práticas educacionais será, de certa forma, descortinar o que por muito tempo permanece oculto, a saber, a sua importância como mulher, religiosa e educadora num contexto social profundamente marcado pela figura masculina como única promotora dos maiores fatos históricos. Investigar as práticas educativas de Maria Fernanda Marabello é analisá-las sob a perspectiva de um tipo de protagonismo feminino.

Compreendo, assim, que uma das relevâncias acadêmicas desse estudo está caracterizada pela premente necessidade de estudos e pesquisas no campo da memória histórica, com vistas à inclusão da mulher como sujeito na história através de documentos de base material escrita, bem como a contribuição para a amplitude da história da educação paraibana.

A partir das ponderações apresentadas, advogo a tese de que a religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello trazia intencionalmente, no interior das suas práticas educativas, uma estratégia de desenvolvimento de potencialidades junto aos seus educandos e que tais práticas estavam para além de um formato de alfabetização via silabação ou numa transposição didática da leitura pela leitura, ou seja, daquela leitura silabada como instrumento de codificação do símbolo escrito. A educadora estava preocupada, como fim último do seu fazer educacional, com um processo de escolarização que desenvolvesse potencialidades, onde a leitura era o meio termo para alcançar o algo mais de um “saber fazer” e de um “saber ser”.

Assim, com base na problemática da pesquisa apresentada, tomo por objetivo geral: compreender a trajetória de vida da religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello, desvelando as especificidades e contribuições das suas práticas educativas.

Enquanto objetivos específicos destacamos: a) Apresentar aspectos gerais da trajetória da construção do objeto de tese e do campo de pesquisa. b) revelar os traços biográficos da educadora e a sua trajetória educacional. c) Analisar o processo de fundação e os estatutos da Congregação das Irmãs da Sagrada Face e analisar as influências destes na vida da biografada. d) Problematicar, a partir de relatos de professores da Escola São José, as práticas educativas da educadora biografada.

Além dos importantes registros do papel que esta educadora desempenhou na construção e na circulação de saberes e práticas educativas no interior da política educacional local em que estava inserida, esta pesquisa poderá fornecer fragmentos

e fontes que possibilitam uma compreensão geral da organização sociocultural e educacional da cidade de Cajazeiras. E assim, possa revelar o interior dos imbricamentos de diversos elementos nas representações tanto individuais quanto coletivas, nesse contexto sócio histórico particular, contribuindo, assim, com a constituição do campo da História da Educação Paraibana.

Para atender satisfatoriamente à empreitada de responder a problemática de pesquisa aqui anunciada, busco reconstruir um pouco da trajetória de vida da educadora, desde aspectos dos seus estudos na Itália, passando pela entrada na Congregação das Irmãs da Sagrada Face até a sua chegada no Brasil em fevereiro do ano de 1977, avaliando os aspectos fundamentais da sua contribuição, sobretudo como educadora à frente da Escola São José, onde irá desenvolver grande parte de suas práticas educacionais. Digo grande parte, por que à frente da catequese Irmã Fernanda também desenvolverá parte fundamental da sua ação pedagógica.

Portanto, para tal reconstrução, lanço mão do caminho metodológico da análise de fontes orais e de fontes escritas, fontes imagéticas disponibilizadas por ex-alunos da Escola São José por meio de arquivos pessoais e ainda através de vídeo-depoimento, produzido por ex-alunos(as) da Escola São José e por pessoas que conheceram e conviveram com a biografada; fotografias, atas da Escola São José. Entrevistas com professores que trabalharam na Escola durante a Gestão da educadora; entrevistas com ex-alunos(as) da Escola São José durante o recorte temporal na qual se insere a pesquisa, durante a Gestão da educadora; faço uso ainda de uma coleção de livros intitulados “POSITIO” (Imagem 2), que trata-se de um tipo de livro-arquivo documentário, contendo declarações testemunhais autenticadas coletadas no interior do processo da Causa de canonização da Fundadora da Congregação das Irmãs da Sagrada Face, Madre Maria Pia Mastena, cuja instrução do processo aconteceu em Roma de 1990 a 1992. Estes livros trazem os depoimentos testemunhais das primeiras religiosas à época da Fundação da Congregação, que conviveram mais de perto com a Madre Fundadora, como a Maria Fernanda Marabello que apresenta testemunho em seus autos documentais, justamente um ano antes do seu falecimento, ocorrido em setembro de 1991.

Imagem 2: Livros “POSITIO” da causa de Canonização da Madre Fundadora.



Fonte: Arquivo da Congregação Irmãs da Sagrada Face – Cajazeiras/PB

A tais livros e a outras fontes documentais históricas sobre Irmã Maria Fernanda Marabello, sua formação acadêmica desde a época ginásial, tive acesso por meio da Congregação das Irmãs da Sagrada Face, particularmente através de Irmã Severina Neta, amiga de adolescência e juventude da época em que participávamos dos Grupos de Jovens na década de 1980 na Paróquia São José Operário, sob a coordenação de Maria Fernanda Marabello. A casa das Irmãs atualmente localiza-se na Zona Norte da cidade de Cajazeiras. Irmã Severina Neta, hoje, reside na Itália. Por meio dela foi possível acessar aos documentos e fotos de Maria Fernanda Marabello. Todo o contato foi feito por email, sobretudo para o envio dos documentos e as imagens de fotografia.

No Brasil, para a pesquisa documental acontecer, tive a grandiosa colaboração da Irmã Luiza, religiosa responsável pela Casa de Missão na cidade de Cajazeiras. Foi esta religiosa que me possibilitou ter acesso aos documentos, fotos, atas, declarações de promoção e de remanejamentos de professores na época da Escola

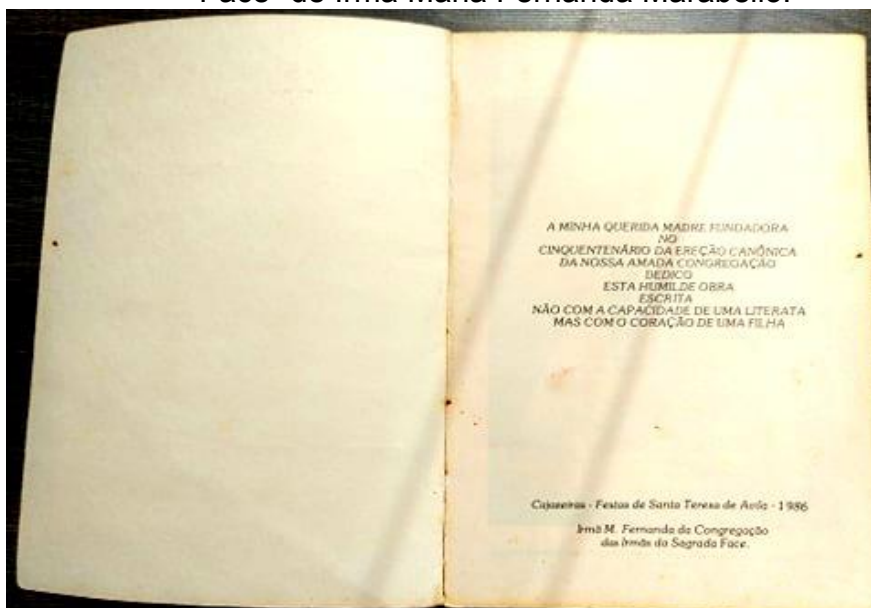
São José. Deu-me acesso ainda a portarias de transferências e remoções de professores, à época em que irmã Maria Fernanda Marabello era diretora da Escola. Muitos destes documentos comecei a tomar conhecimento da sua existência no ano de 2016, quando do aniversário da morte da Irmã Maria Fernanda Marabello. Na ocasião, um grupo de pessoas que conviveram e a conheceram de perto, como forma de promover uma homenagem à sua memória, organizaram uma semana de exposições aberta para a comunidade, de um material sobre Maria Fernanda Marabello. Registros fotográficos, objetos pessoais usados pela Irmã durante a sua atividade de catequista e missionária na cidade de Cajazeiras. Destaco aqui como uma importante fonte documental para a nossa pesquisa, a Obra “Uma Apóstola da Sagrada Face” de Maria Fernanda Marabello.

Imagem 3: Capa do Livro “Uma Apóstola da Sagrada Face” de Irmã Maria Fernanda Marabello.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 4: Dedicatória no Livro “Uma Apóstola da Sagrada Face” de Irmã Maria Fernanda Marabello.



Fonte: Arquivo pessoal.

Esta obra, por ocasião do Cinquentenário da ereção canônica da Congregação das Irmãs da Sagrada Face, narra a história da vida da Fundadora, a fundação da Congregação e a aproximação, conhecimento e entrada na Congregação, por parte de sua autora. Foi escrita na cidade de Cajazeiras no ano de 1986, publicada de forma independente e, por isso, não apresenta nome de editora e nem registro ISBN. Nesta publicação, por ser um livro biográfico, Maria Fernanda Marabello apresenta a história de vida da fundadora e, por consequência, a história de origem da Congregação, utilizando-se de uma narrativa descritiva quando se refere a dados mais históricos, como datas e fatos – estilo que vai predominar no livro.

Esta obra é composta por 93 páginas e pela forma autodata na publicação independente, não apresenta um sumário. Mas logo na primeira página da obra (Imagem 4), caracterizando, assim, um tipo de prólogo e dedicatória à sua obra, Maria Fernanda Marabello dedica: “a minha querida Madre Fundadora no cinquentenário da ereção canônica da nossa amada Congregação dedico esta humilde obra escrita não com a capacidade de uma literata, mas com o coração de uma filha” (MARABELLO, 1986, p. 01).

1.2 Os diálogos teóricos: sobre como ler as fontes

A análise e tentativa de explicação e de compreensão do passado sempre constituiu um objeto da história. A partir de um prisma tradicional da história, esta é entendida como uma análise dos aspectos econômicos determinantes em uma determinada sociedade, a leitura da vida dos grandes personagens da história e os seus feitos que gozem de um tipo de consenso sobre as suas trajetórias e realizações. Em um movimento contrário a esta lógica, temos a Nova História Cultural que entre as várias modalidades da História que se desenvolveram durante o século XX, algumas priorizam a riqueza de detalhes e de possibilidades que se abrem aos mais diversos historiadores e tematizam suas abordagens muitas vezes com perspectivas antagônicas. A Nova História Cultural – campo historiográfico que se torna mais preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX, mas que tem claros antecedentes desde o início do mesmo século, é particularmente rica no sentido de abrigar no seu seio diferentes possibilidades de tratamento.

Com os Annales e a Nova História, novas abordagens foram sendo lançadas e possibilidades passaram a emergir num mundo onde as pesquisas tinham que ser rigorosamente iguais, padronizadas teoricamente, para justamente estabelecerem uma metodologia própria à História, colocando-se assim no rol das ciências, como a matemática, a química e a física, por exemplo (SILVA, 2017, p. 83).

Esta pesquisa se inscreve na abordagem teórico-metodológica da Nova História Cultural, que se constitui como uma base filosófica, que considera a realidade histórica como uma construção tanto social quanto cultural, tornando dessa forma viável a reparação de aspectos do cotidiano, o estudo e análise de novos objetos, novos problemas, possibilitando assim novas abordagens sobre os antigos e novos sujeitos. Uma nova História Cultural que não se limita apenas a analisar uma produção sociocultural oficialmente reconhecida, mas uma nova história que estará interessada pelos sujeitos produtores e receptores de cultura – o que abarca tanto a função social dos “intelectuais” de todos os tipos até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada indústria cultural. E aqui, entre as leituras e abordagens a novos sujeitos, destaco um estudo analítico-histórico biográfico da vida da Educadora Maria Fernanda Marabello, como também uma análise das suas práticas educativas, sob um novo olhar perspectivo-histórico. Nesse

sentido, trato a biografia como uma descrição de histórias de vida e ferramenta de análise das estruturas sociais e, por que não dizer, dos comportamentos. De acordo com Le Goff (1989):

Uma verdadeira biografia é inicialmente a vida de um indivíduo e a legitimidade do gênero histórico passa pelo respeito a esse objetivo: a apresentação e a explicação de uma vida individual na história. Mas uma história iluminada pelas novas concepções da historiografia (LE GOFF, 1989, p. 49).

Nesse sentido,

[...] pensar a escrita biográfica e a validade científica de suas perspectivas analíticas sobre os mais variados sujeitos é no mínimo, propor-nos, como pesquisadores, ao exercício difícil do reconhecimento de outras possibilidades de leitura do mundo e de seus sujeitos, independente do tempo e do espaço pesquisado. Ampliar a perspectiva, considerar e reconsiderar limites e olhares. É também admitir as fragilidades das nossas próprias pesquisas, sejam elas (auto-biográficas ou não, e isso é jornada de amadurecimento intelectual, muitas vezes, de uma vida toda (TEIXEIRA, 2017, p. 119).

Assim, a Nova História Cultural propõe uma virada cultural, um movimento de reação às abordagens da história tradicional, preocupada com as macroanálises e com a hierarquização científica: a história dos grandes heróis, dos grandes estadistas, das revoluções. Como enfatiza Burke (2005):

Essa virada cultural é, ela mesma, parte da história cultural da última geração. Fora do domínio acadêmico, está ligada a uma mudança na percepção manifesta em expressões cada vez mais comuns, como “cultura da pobreza”, “cultura do medo”, “cultura das armas”, “cultura dos adolescentes” ou “cultura corporativa” e também nas chamadas “guerras de culturas” nos Estados Unidos e no debate sobre “multiculturalismo” em muitos países. Diversas pessoas atualmente falam de “cultura” a respeito de situações cotidianas que há 20 ou 30 anos teriam merecido o substantivo “sociedade” (BURKE, 2005, p. 9).

As categorias históricas que contribuíram como chaves de leitura para esta pesquisa estão, outrossim, vinculadas àqueles teóricos da história que compreendem os sujeitos históricos no interior da sua cotidianidade entre os seus afazeres simples, mas grávidos de sentidos, ressignificados e problematizados. Problematizações estas construídas a partir das suas crenças individuais ou coletivas, suas representações e práticas cotidianas. Para seguir essa linha de análise teórica relacionada ao nosso objeto de pesquisa, recorreremos ao pensamento de Chartier (2002) que trabalha com

o conceito de história cultural e representações como forma de compreender os objetos e os sujeitos históricos.

A emergência de novos objetos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentescos e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, tem tanta importância historiográfica quanto o estudo das conjunturas econômicas e demográficas ou das estruturas sociais (CHARTIER, 2002, p. 14).

A partir desse pressuposto teórico de Chartier, na perspectiva da emergência de novos objetos no interior das questões históricas, será possível lançar luz sobre realidades do dia-a-dia das atividades educacionais desenvolvidas na rotina da Escola São José que nos possibilitam detectar qual concepção de educação ou que teorias pedagógicas eram predominantemente desenvolvidas pelas professoras e adotadas como linha de gestão escolar pela administração e, em última análise, pela educadora Maria Fernanda Marabello. De que maneira ou até que ponto, as práticas pedagógico-educativas desenvolvidas no interior das modalidades de funcionamento escolar na Escola São José estavam de fato alinhadas com uma estrutura de pensamento e formação pedagógica da educadora.

Neste estudo, é dado um interesse, embora colateral, ao conceito de cultura também trazido por Chartier, que apresenta a noção de culturas plurais, de onde advêm as práticas culturais que são explicadas pelas categorias de representação, práticas e apropriação. De acordo com Chartier (2002, p. 16-17), é necessário “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler [...]”. Aqui, a partir disso, também compreendo que é impossível entender uma história cultural que esteja desconectada de uma história social, posto que as representações sejam produzidas a partir dos papéis sociais.

Amparado em Chartier, é possível compreender e até aceitar a possibilidade de que existem várias versões sobre a história e memórias da educadora Maria Fernanda Marabello, visto que, entende-se que na história não existe apenas uma versão dos fatos, existem várias. Com isso, justifico que não tenho compromisso acadêmico como pesquisador, com a história biográfica da Educadora em tela que se apresente como uma linearidade subjacente e que repouse na ideia de uma

continuidade sistemática cronológica. Se não assim cairíamos numa ilusão biográfica que já fora afirmado por Bourdieu (2006):

um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção objetiva e subjetiva de um projeto: a noção sartreana de projeto original coloca explicitamente o que está implicado nos já, por conseguinte, desde a mais tenra idade, etc., de biografias ordinárias ou nos sempre (sempre amei a música) das histórias de vida (BOURDIEU, 2006, p. 71).

Assim, caímos nessa ilusão, quando buscamos construir uma narrativa biográfica linear, de forma lógica e cronológica, no sentido de mostrar a vida como um conjunto de eventos de uma existência individual conhecido como uma história e relatado como uma história. Tentar analisar e compreender a vida de Maria Fernanda Marabello, em seus lugares e espaços distintos e, às vezes, no interior de contradições desses deslocamentos, é tarefa que busco empreender, sob a motivação do Chartier, ao afirmar que a representação do mundo é indissociada da prática e do lugar que o sujeito ocupa.

De acordo com Certeau (2005), tomaremos as suas discussões sobre o tema do cotidiano como lugar do homem ordinário que inventa e reinventa o cotidiano a partir de novos significados, no uso de criatividade e astúcias. Neste aspecto, o cotidiano é o lugar da manifestação do mistério e do enigma a ser decifrado. É nos lugares ordinários, frequentados e vividos tanto pela educadora Maria Fernanda Marabello quanto pelas pessoas que com ela conviveram, que se torna possível compreender, nas dobras do cotidiano, as reais construções de significados a partir das suas práticas educativas.

Logo, neste estudo, quando me refiro à categoria conceitual de “práticas educativas”, estou pensando o desenvolvimento dessas práticas no “chão da escola”, no cotidiano das estruturas de um pensar e de um fazer pedagógico, a partir das realidades nuas e cruas da vida. As práticas educativas desenvolvidas pela educadora Maria Fernanda Marabello são vistas como práticas cotidianas e assim consideradas na perspectiva das reflexões certeunianas, ou seja, em torno das pessoas ordinárias que procuram contrariar com astúcia e criatividade as já possíveis respostas óbvias e estereotipadas trazidas pelos manuais tradicionais.

Trabalho o conceito de memórias intercambiado à temporalidade histórica, utilizo os estudos e compreensões tanto no campo da memória quanto às suas

compreensões sobre a historicidade da história, quando Le Goff (2013, p.19) fundamentado em Certeau, observa que “há uma historicidade da história que implica um movimento que liga uma prática interpretativa a uma práxis social”. Portanto, tanto um quanto outro, compreendem o fazer histórico intimamente interligado com um fazer social que é constantemente inventado e reinventado no cotidiano como um lugar pertinente de memória e novas significações.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2013, p.388).

Em Le Goff, à memória é atribuída o trabalho específico de ressignificar as imagens e os vestígios que no passado tenham ficado sem sentido ou empoeirados pelo tempo histórico. Por isso, o “processo da memória do homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas a releitura desses vestígios” (LE GOFF, 2013, p. 388). Assim, o artefato da memória aliada a uma construção histórica no interior do estudo de uma temporalidade linear ou não, onde se caracteriza a biografia, traz em si uma potencialidade de revelar um interior de significados singulares e múltiplos. Para este pensador,

[...]. Uma verdadeira biografia é inicialmente a vida de um indivíduo e a legitimidade do gênero histórico passa pelo respeito a esse objetivo: a apresentação e a explicação de uma vida individual na história. Mas uma história iluminada pelas novas concepções da historiografia (LE GOFF, 2013, p.49).

Já no que se refere às contribuições de Paul Thompson (1992) para este trabalho, destaco o seu estudo sobre a história oral e a importância desta como interpretação da história e das mutáveis sociedades e cultura através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências. O uso da oralidade como fonte surge com uma possibilidade para o resgate de uma história geral, nacional, onde os acontecimentos coletivos se esclarecem com maior evidência no interior dos relatos. Percebemos a grande importância da história quando lemos em Thompson (1992):

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e

espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Assim, a história oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo a possibilidade de novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes necessita de documentos variados, não apenas escrito. Nesse sentido, à história oral é vinculada uma ideia de evolução, sobretudo em tempos atuais.

De acordo com Alberti (1990),

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1990, p.4).

Já no que se refere às relações entre as narrativas biográficas e a história e ainda sobre os estudos sobre narrativas autobiográficas das mulheres, a discussão dos referenciais teórico-metodológicos apoia-se em autores como Perrot (2008). Há ainda autores que expressam ideias referentes às categorias que orientam o trabalho: biografia e memória. De um modo geral, estas serão as referências teóricas para a nossa pesquisa.

No campo da historiografia tradicional, é possível perceber que a memória feminina passou por um processo de rebaixamento, onde por muito tempo a história teve o masculino como narrador oficial. Escrever sobre a história da mulher nem sempre se mostrou uma tarefa fácil. Invisível durante séculos, somente nos anos 1980 o tema finalmente emergiu como um campo definido de pesquisa para os historiadores. Desde então, um número significativo de publicações vem revelando o fortalecimento expressivo desse interesse, como atesta o crescimento de livros, artigos em revistas especializadas, teses, dissertações e simpósios temáticos versando sobre o tema.

Desde os anos de 1980, a narrativa autobiográfica ou temas de história de vida têm ganhado popularidade nas ciências humanas. No Brasil, em particular, é possível destacar que tal fato está relacionado com o expressivo crescimento do uso da História Oral, resultando assim na criação da Associação Brasileira da História Oral (ABHO), no ano de 1994. Além disso, o surgimento de novas abordagens

historiográficas - *história cultural, a história das mentalidades e a história do cotidiano* – vai progressivamente provocando o surgimento de novos modelos historiográficos de análise, novas metodologias de pesquisa no campo da história, onde não mais o documento escrito estaria no centro como fonte absoluta com sua objetividade indiscutível, fechando assim todas as possibilidades de consideração de uma análise subjetiva das fontes históricas. Pelo contrário, a história oral desponta como um novo horizonte hermenêutico de análise com fortes características subjetivistas, justamente por introduzir a memória e as experiências individuais históricas como fonte original de construção de significados.

A história oral nasce como possibilidade de uma nova metodologia de análise e como uma nova chave de leitura dos fatos, mas sobretudo dos documentos e fontes históricas. Conforme Alberti (2005):

a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2005, p. 155).

Nesse sentido, novas discussões foram sendo travadas acerca do papel de diferentes sujeitos históricos no interior de seus contextos socioculturais e políticos. Em termos historiográficos, é possível afirmar que diversos cientistas sociais brasileiros viviam um momento em que buscavam outras formas de tratar e analisar seus objetos de investigação que não se aproximasse do estruturalismo, do historicismo e dos métodos quantitativos. Ao mesmo tempo, ampliava-se a influência de historiadores que remetiam à problemática da micro-história, não se satisfazendo apenas com as grandes explicações macro-históricas. Dessa forma, compreende-se que a micro-história possibilita desvelar histórias vividas a partir de particularidades, sobre as maneiras,

como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e seus confrontos, através das dependências que as ligam ou dos conflitos que os opõem. O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos (CHARTIER, 1994, p. 98).

A partir disso, é possível compreender que com a História Oral, instaura-se a possibilidade de um novo discurso de análise sobre os sujeitos e os fatos históricos. Para Thompson, é evidente a importância e a contribuição da história oral como fonte e como método de análise:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Sendo a História Oral uma produtora de memórias a partir das suas produções de narrativas orais, ela está também diretamente ligada à construção de um outro sentido de história que tenta colocar em evidência os sujeitos históricos anônimos e assim fugindo em identidade e métodos, da história tradicional. Nesse caso, a História Oral como metodologia de pesquisa, está ligada a uma nova maneira de conceber a história das culturas e das mentalidades. No interior dessa discussão construída em torno das relações e distinções entre a perspectiva de uma Nova História Cultural e uma historiografia tradicional, temos o posicionamento de Chartier (1994) quando afirma que:

A emergência de novos objetos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentescos e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, tem tanta importância historiográfica quanto o estudo das conjunturas econômicas e demográficas ou das estruturas sociais (CHARTIER, 1994, p.14).

Novos objetos junto com outras problemáticas são introduzidos sob novas perspectivas nos estudos históricos. Deste modo, as narrativas sobre a história de vida da educadora Maria Fernanda Marabello, sobre suas experiências vividas, tais como o seu processo de escolarização, a sua formação e atuação como educadora e religiosa no alto sertão Paraibano, deverão estar intimamente ligadas às suas memórias como educadora, no fazer das suas práticas, sendo responsável por uma Escola de ensino infantil e fundamental e de que maneiras essas práticas educativas foram fundamentais para a construção de uma escolarização para além de uma apropriação apenas didático-pedagógica dos seus alunos.

Nesse aspecto, o conceito de memória coletiva em Halbwachs (2006) ajuda a compreender as estreitas relações entre o processo de criação de valores e com isso restabelecer a ponte entre lembranças, esquecimentos e descontinuidades. Assim se expressa,

Quem sabe se, depois de uma guerra, de uma revolução que tenha escavado um fosso entre duas sociedades, como se houvesse desaparecido uma geração intermediária, a sociedade jovem ou a parte jovem da sociedade, em harmonia com a porção idosa, não se preocupa principalmente em apagar os traços dessa ruptura, em reaproximar gerações extremas, e, apesar de tudo, manter a continuidade da evolução? É preciso que a sociedade viva; mesmo que as instituições sociais estejam profundamente transformadas, e então, sobretudo quando estiverem, o melhor meio de fazer com que elas criem raízes é fortalecê-las com tudo o que se puder aproveitar de tradições. Aí, logo depois dessas crises, repetimos: temos de recomeçar no ponto onde fomos interrompidos, é preciso retomar as coisas a partir do início. Em pouco tempo, imaginamos que nada mudou porque reatamos o fio da continuidade. Esta ilusão, da qual logo nos livraremos, pelo menos terá permitido que passemos de uma etapa a outra, sem que em momento algum a memória coletiva tenha sentido qualquer interrupção (HALBWACHS, 2006, p.104).

E ainda, Le Goff (2013) estabelece que o ato mnemônico fundamental é comportamento narrativo, que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo. Nessa mesma reflexão, Le Goff (2013) vai afirmar que “a memória é propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, etc”.

Ainda nesse sentido, a história oral pode ser considerada como uma importante fonte identitária de um povo que é capaz de retratar as realidades, as vivências e os distintos modos de vida de uma determinada comunidade em tempos e contextos sociais distintos. A história oral não somente permite a inserção do indivíduo, mas possibilita o seu resgate como sujeito no processo histórico, produtor de histórias e feitos de seu tempo. É importante ainda sublinhar que o problema da verdade histórica é sempre abordado na perspectiva da memória como fonte alternativa de reconstrução e ressignificação do passado, que proporcione no presente, vez e voz àqueles esquecidos, discriminados e ofuscados pelo poder. Sobre a importância da memória, afirma Le Goff (1996, p.24) que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

Na história oral, a fonte oral se revela como o elemento determinante central no processo de pesquisa concebido em si mesmo. Evidentemente que o pesquisador poderá fazer uso de outros instrumentos de análise, mas estes estarão sempre subordinados ao debate central que decorre das fontes orais. Com o intuito de valorizar tais fontes, é importante que o pesquisador concentre a sua atenção nelas desde a gênese do projeto até às etapas conclusivas da sua criação de documentos.

Entre as questões que dão norte a esta pesquisa estão: qual o contexto social em que a educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello estava inserida? Quais saberes foram tecidos no cotidiano da sua trajetória educacional e nas perspectivas das suas práticas educacionais? Qual a concepção de educação que a sua trajetória educacional revela? Quais as experiências vivenciadas por ela como mulher, educadora e religiosa? Que saberes e práticas ela fez circular nos espaços em que trabalhou e atuou? De que maneira a sua prática pedagógica educacional articulada com a sua formação pedagógica contribuiu para o desenvolvimento político-social, cultural e religioso da cidade de Cajazeiras?"

Neste estudo, a forma pela qual a história da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello é apresentada e analisada tem como substrato de análise as memórias coletivas daqueles indivíduos que compartilharam com ela as vivências das suas práticas educacionais. Por esse motivo, tenho a possibilidade de enveredar por uma riqueza de detalhes guardados na memória daqueles que foram seus contemporâneos, além de outros documentos históricos, tais como escritos, iconográficos e materiais, os quais nos darão concretude e visibilidade às suas memórias de práticas educativas, construindo sua trama, a narração e o seu respectivo registro.

Neste sentido, me proponho a realizar uma pesquisa (auto)biográfica que busca como meta, narrar a história de vida da educadora Maria Fernanda Marabello, além de problematizar os processos de escolarização, formação e atuação profissional (situada sobretudo nas suas práticas educativas) da educadora Maria Fernanda Marabello. É importante frisar que a narrativa biográfica aqui construída dará visibilidade às narrativas de um sujeito e às suas experiências enquanto indivíduo. Neste sentido, ao teorizar sobre histórias de vida, Souza (2006, p.25) tece alguns esclarecimentos:

[...] a história de vida ou relatos podem ter a forma obrigatória onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência, ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida. Pode ser um discurso livre de percepções subjetivas ou recorrer a fontes documentais, às afirmações e relatos pessoais.

A biografia, que por um tempo tem sido compreendida como um instrumento em vista do enaltecimento de figuras históricas proeminentes, passa por um processo de mutação e reestruturação conceitual em seus dispositivos conceituais e estruturantes em períodos diversos. Assim, antes de certa forma refutada pela história, desponta com certa credibilidade na arte narrativa e se configura no século XX como importante instrumento e método de análise. Dessa forma, reconhecida e exaltada pelos historiadores por sua contribuição científica, como afirma na declaração do historiador Jacques Le Goff (1989): “A biografia é um complemento indispensável da análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos. A biografia é o ápice do trabalho do historiador”.

Ainda segundo este autor, a biografia narrada é importante instrumento de aquisição de dados que se caracteriza por um trabalho minucioso de compreensão e de interpretação, onde a partir de fontes e de métodos adequados utilizados, vai se revelando importantes aspectos da realidade estudada.

[...] Uma verdadeira biografia é inicialmente a vida de um indivíduo, e a legitimidade do gênero histórico passa pelo respeito a esse objetivo: a apresentação e a explicação de uma vida individual na história. Mas uma história iluminada pelas novas concepções da historiografia (LE GOFF, 1989, p. 49).

Assim, nesta pesquisa, como caminho metodológico, utilizo como principal objeto e fonte a narrativa biográfica sobre Maria Fernanda Marabello, quanto à sua origem, identidade e formação ainda em terras italianas e a sua chegada ao Brasil. Para isso, faço uso das metodologias de escolha de personagens, técnica de entrevistas, armazenamento e interpretação das falas das entrevistas.

Na primeira etapa, selecionei dois entrevistados, sendo um que está estreitamente ligado a esse processo de saída da Itália e chegada ao Brasil. Na verdade, o personagem entrevistado, posso dizer, é um dos agentes ativos do desencadeamento de processo da vinda da Congregação para o Brasil, que é o Monsenhor Gervásio Fernandes de Queiroga. Entrevistei-o, sem um roteiro prévio, ou seja, fiz propositadamente a opção pela entrevista não estruturada, onde as questões

iam surgindo na medida em que a conversa ia se desenvolvendo. Fiz a opção por essa modalidade de entrevista, em respeito ao perfil do entrevistado, por ser um entrevistado mais dado à conversação e que apresenta assim uma capacidade de fluidez na fala e na argumentação. Não estabeleci este modo de entrevista como modelo ou norma a ser seguida pelas outras entrevistas que seriam desenvolvidas a posteriori. A entrevista aconteceu em sua residência com o uso de um gravador, onde fomos de maneira livre conversando sobre a vinda da Congregação para o Brasil e qual a sua contribuição nesse processo.

Já o segundo entrevistado selecionado foi a Senhora Maria Amável de Oliveira, monitora dos Cursos de corte e costura, ministrados no Centro Social São José, onde também funcionava a Escola São José. A Monitora “Baía”, como era conhecida, concedeu a entrevista na sua própria residência. Com ela, fiz uso de uma entrevista semiestruturada com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente explicado e assinado ao final da entrevista. A entrevista com a Senhora Maria Amável de Oliveira ocorreu na manhã do dia 23 de agosto deste ano.

A professora e monitora do Centro Social São José, a senhora Maria Amável de Oliveira, por contar com a idade de 80 anos, foi necessário que eu fosse lendo pausadamente as perguntas do questionário da entrevista. Entre um momento e outro, a professora fazia uma pausa na sua fala de quem precisava de uma reativação da memória, ora dos acontecimentos, ora dos personagens e sobretudo das falas e experiências com a educadora Maria Fernanda Marabello.

Entrevistamos ainda, em uma segunda etapa, mais duas professoras que lecionaram na Escola São José à época em que Maria Fernanda Marabello foi educadora e diretora da Escola. Foram as Professoras Maria Adelaide da Fonseca e Francisca de Sousa Gonçalves. Com estas professoras realizei uma entrevista semiestruturada com cada uma em suas próprias residências, num processo de escuta atenta e tomando nota de todas as informações. Ao todo se caracterizam na utilização de 04 entrevistas, com duração de aproximadamente uma hora e meia cada uma. Utilizamos ainda como fonte para nossa pesquisa, registros de fotos e documentos da Escola São José como atas de reuniões, declarações institucionais e registros ilustrativos como fotografias.

Realizamos ainda mais duas entrevistas com ex-alunos da Escola São José como forma de compreendermos as nuances de seus pensamentos acerca das

experiências que tiveram como ex-alunos da escola São José e conhecermos também as suas impressões de análises sobre a atividade educacional de Maria Fernanda Marabello e as suas práticas educativas enquanto e durante diretora da Escola São José. Entrevistamos o ex-aluno Francisco Auri Pinheiro e a ex-aluna Maria da Silva Carvalho Araújo, todos ex-alunos que estudaram na Escola São José na época em que Maria Fernanda Marabello atuou como gestora do referido estabelecimento de ensino. No caso específico do ex-aluno Auri, ele também foi participante assíduo na oficina de produção e pintura de gesso de imagens sacras, atividade que tinha como destinatário prioritário, os alunos da Escola São José. Inclusive, o ex-aluno Francisco Auri e eu fomos contemporâneos nesta oficina de pintura, por algum momento frequentando turnos iguais, mas grande parte das nossas atividades na oficina vieram a acontecer em turnos diferentes, posto que eu estudava na Escola São José na parte da manhã e ele na parte da tarde.

Todo o processo e o decorrer dos levantamentos de dados e entrevistas foi devidamente apresentado para análise e apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências Sociais, tendo sido devidamente aprovado (conforme Anexo I). O CEP tem o objetivo de atuar de forma que as pesquisas realizadas sigam as normas éticas estabelecidas pela Norma Operacional nº 001/2013 - Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos e da Resolução 466/12 - A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

Portanto, para uma melhor compreensão desta tese, dividi a produção da escrita em quatro capítulos. **No Primeiro Capítulo, “da constituição do objeto às reflexões teórico metodológicas”,** apresento aspectos da trajetória que percorri na construção de uma identificação com o campo de pesquisa no qual o objeto da tese está inscrito, a saber, a História da Educação, sobretudo no campo da metodologia da (auto)biografia de mulheres. Apresento, ainda, como nasceu o meu interesse em pesquisar sobre o feminino e suas histórias de vida e de modo particular sobre a educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello. Neste capítulo, trato ainda o processo de constituição do objeto e o caminho enviesado nos diferentes diálogos e aproximações teóricas com o objeto de tese; também esclareço que para realizar esta pesquisa estarei de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural. Também trago a discussão da abordagem da biografia histórica, a

questão das narrativas (auto)biográficas, tendo as narrativas de escolarização, formação e atuação pedagógica da educadora Maria Fernanda Marabello como fonte para esta pesquisa e o método da história oral na realização de entrevistas.

No segundo capítulo, intitulado “a vida de Irmã Maria Fernanda Marabello: traços biográficos da sua formação e trajetória educacional”, busco revelar os traços biográficos da educadora Maria Fernanda Marabello, sua relação com a família, sua escolarização, formação e a sua trajetória educacional desde a Itália. Escolho este esquema de pesquisa de maneira intencional para que nos seja possível compreender como Maria Fernanda Marabello, uma jovem que com apenas 16 anos entra no convento de vida religiosa, onde lá faz os seus primeiros votos de consagração na Congregação das Irmãs da Sagrada Face e que pouco tempo depois dos seus primeiros votos, deixa a sua terra, sendo enviada como missionária para terras totalmente desconhecidas e estranhas: o Brasil. Chegando aqui, desenvolve, de forma pioneira, uma atividade educacional que iria transformar as realidades sociais mais duras.

Já no terceiro capítulo, intitulado Maria Fernanda Marabello e a Congregação das Irmãs da Sagrada Face, parto de uma análise das considerações históricas sobre o nascimento e a fundação da Congregação das Irmãs da Sagrada Face; uma leitura dos estatutos da Congregação numa perspectiva crítica para assim compreender as relações de aproximações entre a religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello e o que preconizam os estatutos da Congregação sob a qual ela norteia as suas decisões e o fazer educacional. Fundamento-me numa historicidade biográfica da Madre Maria Pia Mastena, fundadora da Congregação das Irmãs da Sagrada Face e a sua importante contribuição para a Fundação da Congregação, como também importantes aspectos da história da Congregação, do seu caminho fundacional, destacando as relações entre a religiosa Maria Fernanda Marabello e a Congregação.

E finalmente no quarto capítulo, intitulado “As práticas educativas de Maria Fernanda Marabello na Escola São José nos anos de 1977 a 1991”. Neste capítulo, penso e analiso as práticas educativas da educadora Maria Fernanda Marabello, no interior da Escola São José, onde busco de maneira pontual discutir sobre as causas, os motivos e as razões das práticas educacionais da educadora terem sido implantadas na cidade Cajazeiras e quais as características destas práticas

educacionais, quando ela tenta conciliar no interior delas, um tipo de “saber-fazer e um saber-ser”, próprios de uma pedagogia da competência do sujeito, onde tais saberes e práticas estão inseridos num contexto de um ensino humanizador de valorização da pessoa. Neste capítulo tento ainda explorar uma busca por uma compreensão da educadora Maria Fernanda Marabello e a sua pedagogia do “saber ser” e “saber fazer” como desenvolvimento de potencialidades dos seus alunos.

CAPÍTULO II – A VIDA DE IRMÃ MARIA FERNANDA MARABELLO: TRAÇOS BIOGRÁFICOS DA SUA FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA EDUCACIONAL

Temos um modo de ver dominante no mundo moderno: um olhar distante, “neutro” que nos ensinaram, aprendemos a olhar (Michel de Certeau).

2.1. A trajetória educacional da educadora Maria Fernanda Marabello

Nesse capítulo apresento a reconstrução de traços histórico-biográficos da vida de Maria Fernanda Marabello, que é natural da Itália de Padova. Maria Marabello nasceu em Casalserugo (Pádua) no dia 04 de abril de 1924, sendo a segunda filha do casal Giuseppe Marabello e Giuseppina Dante. Neste capítulo, destaco sua formação e trajetória educacional. Contudo, não é intento dessa pesquisa abarcar todos os acontecimentos da vida biográfica de Maria Fernanda Marabello, no que diz respeito à sua formação e atuação como educadora à frente da Escola São José, mas sim, trazer à baila em forma de relatos das narrativas possíveis colhidas com contemporâneos a sua atividade como religiosa e educadora ao chegar ao Brasil.

Pois como afirma Pierre Bourdieu (2006) em sua obra “A ilusão biográfica”, expressando o seu desagrado com a abordagem da biografia cronológica e linear, com curso e caminho orientado e definido desde o começo, com início, meio e fim, estabelecidos a priori, defende a impossibilidade de darmos de conta da narrativa biográfica com um todo linear, com uma construção pronta e acabada. Para o autor: “É significativo que o abandono da estrutura do romance como relato linear tenha coincidido com o questionamento da visão da vida como existência dotada de sentido, no duplo sentido de significação e de direção”. A proposta que defendo nessa escrita biográfica é que busco abordar o sujeito, objeto de pesquisa, de acordo com sua ação e representatividade (na constituição, organização e manutenção) nos diferentes campos (político, religioso, econômico, intelectual, literário).

Nesse sentido, Schmidt (2000) vai afirmar que o relato biográfico que trata da construção ou reconstrução da vida de uma pessoa deve, nesse sentido, considerar os diferentes graus da liberdade desse sujeito e ainda a sua inserção em diferentes contextos (político, religioso, econômico, intelectual, etc.). Assim, deve-se indagar e escrever sobre o biografado, de modo que evidencie as suas multifacetadas perspectivas e realidades, inclusive sem temer possíveis contradições na biografia do

sujeito. Em relação ao que deverá ser colocado em destaque numa possível narrativa biográfica, se o indivíduo ou a sociedade, Avelar (2007, p. 53) afirma que é fundamental tomar “o indivíduo como parte integrante de um contexto, elemento integrante da realidade que o circunda. O indivíduo tanto cria a sua obra, quanto é criado por ela”. Dessa forma é fundamental que seja considerado no sujeito biografado o exercício da liberdade com relação às suas escolhas pessoais, as relações internas dos diferentes fenômenos coletivos que a envolvem e ainda as estratégias e comportamentos individuais. As trajetórias narrativas desenvolvidas aqui não são consideradas como algo cristalizado e pronto, onde teremos apenas o trabalho de sobrepor ou compilá-las como exercício de uma técnica natural. Mas pelo contrário, serão narrativas consideradas como caixa de ressonância de um contexto social na qual a biografada está encarnada a sua existência. Contextos estes que se apresentam como múltiplos, criados e recriados, numa relação que se estabelecem entre ambos: sujeito e contexto.

De acordo com Josso (2007), quando trabalhamos com narrativas de vidas, é fundamental darmos voz às suas singularidades, como forma de compreendermos o que é universal e perceber aí, os diversos processos de formação. Considerar as diversas facetas de uma existência é na verdade uma tendência das novas produções historiográficas, rejeitando assim toda e qualquer tentativa de manipulação linear da história de vida das pessoas. Torna-se fundamental assim, “considerar a constante transição histórica entre o social e o indivíduo, o particular e o universal, o consciente e o inconsciente, entre o privado e o público, o familiar e o político, e do profissional ao pessoal” (AVELAR, 2007, p. 56).

Dessa forma, a narrativa biográfica ganhará um novo e representativo sentido.

[...] assume uma função a meio caminho entre o particular e o coletivo, exercício apropriado para identificar uma figura no meio, examinar o sentido adquirido por uma educação distribuída a outros segundo os mesmos modelos, analisar as relações entre o desígnio pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios (LEVILLAIN, 1996, p.165).

Nesse contexto, considero fundamental reforçar que não será porque pesquiso sobre a educadora Maria Fernanda Marabello, que irei direcionar a minha escrita sobre a sua trajetória educacional, destacando a todo custo uma trajetória linear e de sucesso, à revelia de possíveis contradições. Mas, pelo contrário, foco nas

contradições tanto no campo da biografia, quanto no campo das suas práticas educacionais. Há espaço para as tensões e particularidades de sua vida que venham a corroborar ou não para somar as práticas educativas da educadora em questão. E aqui toco em dois pontos delicados e complicados nas relações entre o método biográfico e a história. Ou seja:

[...] a supervalorização do indivíduo como fator explicativo de uma época. Depois a tradicional divisão entre literatura, a quem é concedida a 'liberdade ficcional' e a história comprometida com a 'verdade' e o 'rigor documental'. Ou seja, de um lado o romancista, a arte, do outro, o historiador e a ciência (MOTTA, 1994, p.8).

De acordo com Motta, a riqueza de uma construção biográfica, a partir das narrativas biográficas, se encontram justamente no confronto entre as complexidades de tentar explicar as contradições existentes entre o biografado e a sua história, entre as diversas possíveis contradições no interior da vida subjetiva do sujeito biografado ou entre os indivíduos históricos que o cercam e que de alguma forma exercem poder de influência sobre as escolhas e decisões daquele sobre o qual nos comprometemos biografar.

Depois dos esclarecimentos sobre a postura metodológica desta pesquisa, no que se refere ao tratamento dado na construção biográfica da educadora Maria Fernanda Marabello (imagem 5), destaco que as imagens são utilizadas no interior desta tese, como um importante instrumento propício a entender que o entrecruzamento de fontes possibilita uma melhor compreensão do objeto de estudo.

Imagem 5: Irmã Maria Fernanda Marabello.



Fonte: Congregação das Irmãs da Sagrada Face.

A trajetória educacional de Maria Fernanda Marabello acontece toda ela na *Scuole Elementari Del Comuni* de Casalserugo em Padova⁴, onde conclui a sua formação primária e secundária. De acordo com o certificado de Estudo (Imagem 6), em 1927 ela conclui o Estudo de grade inferior, que corresponde ao Ensino Fundamental primário vigente na Educação do Brasil.

⁴ Casalserugo é uma cidade italiana da região do Vêneto, província de Pádua, com cerca de 5.517 habitantes. Estende-se por uma área de 15 km², tendo uma densidade populacional de 368 hab/km². (Fonte: Wikipédia. Acesso: em 03/09/2018).

Imagem 6: Certificado de Estudo de Irmã Maria Fernanda Marabello.

R. PROVVEDITORATO AGLI STUDI DEL VENETO

Direzione Didattica di *Nasice*

Comune di *Casalserugo* Frazione di *Capebuzze*

Anno scolastico 1932 - 1933

CERTIFICATO DI STUDIO

Si certifica che l'aluna *M. Marabello Maria*
proveniente da scuola pubblica figlia di *Giuseppe*
e di *Donata Giuseppe* nata a *Casalserugo*
il 24 aprile 1911 ha completato con profitto gli
studi di grado inferiore.

MATERIE D'INSEGNAMENTO	QUALIFICA IN	ANNOTAZIONI
Qualifica attribuita all'aluna dall'Insegnante di		
Religione	<i>Buono</i>	Il nome dell'aluna è stato iscritto al Comune registrando per l'assunzione degli studi compiuti nel registro di nascita.
Canto	<i>Sufficiente</i>	
Disegno e bella scrittura	<i>Buono</i>	
Letture separate e individuali	<i>Buono</i>	
Ortografia-leitura ed esercizi per l'ortografia di lingua italiana	<i>Buono</i>	IL DIRETTORE
Aritmetica e Contabilità	<i>Buono</i>	(Autografo) <i>Donna Maria</i>
Nozioni varie e Cultura Fascista (P e D)	<i>Buono</i>	
Geografia	<i>Buono</i>	
Storia e Cultura Fascista (P e D)	<i>Buono</i>	
Scienze fisiche e naturali e nozioni generali d'igiene	<i>Buono</i>	
Nozioni di diritto e di economia	<i>Buono</i>	
Educazione fisica	<i>Buono</i>	
Lavori domestici e lavoro manuale	<i>Buono</i>	
Contabilità	<i>Buono</i>	
NOTE SPECIALI		
Valori e caratteri educativi nella gioventù e nei giovani	<i>Buono</i>	
Regole dell'igiene, pulizia e cura della persona.	<i>Buono</i>	

LA COMMISSIONE

Casalserugo, 24 giugno 1933 - A. M.

Il Presidente: *Alfonsino*

I Componenti: *Alfonsino*

Il Provveditorato agli Studi del Veneto ha l'onore di comunicare che l'aluna Maria Marabello ha completato con profitto gli studi di grado inferiore, e che il suo nome è stato iscritto al Comune registrando per l'assunzione degli studi compiuti nel registro di nascita.

Fonte: Congregação das Religiosas da Sagrada Face.

De acordo com o certificado acima Maria Fernanda Marabello concluiu o primeiro grau na Escola Estadual de Casalserugo, em Padova, no ano de 1933. O certificado mostra ainda que Maria Fernanda Marabello havia cursado as disciplinas e as qualidades atribuídas à aluna pelas disciplinas cursadas. Relação de disciplinas que estão na primeira coluna, da direita para a esquerda: religião, canto, desenho e bela escritura, leitura expressiva e recitação, ortografia-leitura e exercício escrito da língua italiana, aritmética e contabilidade, noções variadas e cultura fascista,

geografia, história e cultura fascista⁵, ciência física e natural e noções organizacionais de higiene, noções de direito e economia, educação física, trabalho doméstico e trabalho manual, etc. Um currículo notadamente fundamentado sob disciplinas com destaques para um perfil feminino (canto, desenho e ortografia, bela escritura, trabalho doméstico), mostrando que Maria Fernanda Marabello teve uma educação marcadamente tradicional. Chama a atenção por uma grade curricular quase inteiramente voltada para questões de desenvolvimento de aptidões da área de humanas, tais como “*Scienze fisiche e naturali e nozioni organiche d’igiene* - “Ciências físicas e naturais e noções de higiene orgânica. E ainda os estudos de *Lavori donneschi e lavori manuale* – “Trabalho feminino e trabalho manual”. Tais constituições curriculares serão fundamentais na formação humana da educadora como também será de grande importância para o desenvolvimento da sua tarefa e atribuições como educadora à frente da Escola São José ao chegar ao Brasil em 1977. Podemos perceber ainda que ao final dos dois ‘*Certificato di Studio*’ de Maria Marabello (Imagens 6 e 7), temos uma nota especial, que parece merecer destaque: “*volontá e capacità dimostrata nella ginnastica e nei giuochi. Rispetto all’igiene e pulizia della persona*”, que se traduz por “Disposição e habilidade demonstradas em ginástica e jogos. Respeito à higiene e limpeza da pessoa”.

⁵ **Fascismo**, surge na Europa saída da Grande Guerra, alcançando o poder na Itália em 1922. Foi conceituado como movimento de contrarrevolução, regime contrarrevolucionário. É uma ideologia política ultranacionalista e autoritária caracterizada por poder ditatorial, repressão da oposição por via da força e forte arregimentação da sociedade e da economia. É possível apontar várias características em comum, entre as quais nacionalismo extremo, desprezo pela democracia eleitoral e pela liberdade política e econômica, crença numa hierarquia social natural e no domínio das elites e o desejo de criar uma comunidade do povo em que os interesses individuais sejam subordinados aos interesses da nação. O fascismo defende ser necessária a mobilização da sociedade sob um estado totalitário de partido único para preparar a nação para o conflito armado e responder de forma eficaz às dificuldades econômicas (MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008. pág. 70)

Imagem 7: Certificado de Estudo de Irmã Maria Fernanda Marabello.

R. Provveditorato agli Studi di Venezia
 R. Direzione Distrettuale di *Masera*
 SCUOLE ELEMENTARI DEL COMUNE DI *Casalsoragno*
CERTIFICATO DI STUDIO
 Si certifica che l'alunno *Marabello Maria*
 proveniente da *Sancti Gervasio* *pubblica* *Italia* di *Giuseppe*
 e di *Sancti Gervasio* nato a *Casalsoragno* il *14* aprile *1925*
 ha conseguito con profitto gli studi della scuola obbligatoria

ELEMENTO DELLA CLASSIFICAZIONE		PORTO DI MERITO assegnato all'alunno (%)
1. Religione (?)		<i>secondo</i>
2. Canto (?)		<i>terzo</i>
3. Disegno e bella scrittura (?)		<i>secondo</i>
4. Lettera espositiva e recitazione (?)		<i>primo</i>
5. Ortografia (?)		
6. Lettere ed esercizi per l'inizio di lingua italiana (?)		<i>secondo</i>
7. Aritmetica e contabilità (?)		<i>primo</i>
8. Numeri vari (?)		
9. Geografia (?)		<i>primo</i>
10. Storia e cultura fascista (?)		<i>primo</i>
11. Scienze fisiche e naturali e nozioni organiche d'igiene (?)		<i>primo</i>
12. Nozioni di diritto e di economia (?)		<i>primo</i>
13. Lavori domestici e lavoro manuale (?)		<i>secondo</i>
Condotta (?)		<i>secondo</i>
Non specificati: 1. Velocità e capacità dimostrata nella ginnastica e nei giochi (?) 2. Rispetto all'igiene e pulizia della persona (?)		<i>primo</i>

Casalsoragno add. 14 giugno 1925 - 1000 f.
 LA COMMISSIONE
 II. PRESIDENTE *[Signature]*
 I. COMMISSARI *[Signature]*
 ASSENZE *[Signature]*
 MAESTRO *[Signature]*
 ANNOTAZIONI
 Il voto dell'alunno si è stato trascritto al Conto d'Esame per l'assegnazione degli studi compiuti nel regime di tempo.
 IL DIRETTORE *[Signature]*
 IL SEGRETARIO *[Signature]*

Fonte: Congregação das Religiosas da Sagrada Face.

É possível perceber, a partir das leituras dos elementos de classificações dos currículos de 1º e 2º grau de Maria Fernanda Marabello, que sua trajetória de formação educacional fora fortemente marcada por um tom de humanidade e habilidades voltadas à preparação das suas potencialidades práticas, como vemos no “respeito e cuidado de pessoas”, tendo tal conduta, a necessidade de uma nota especial sobre determinado potencial.

Em junho de 1946, Maria Marabello concluiu o curso de Magistério no Instituto *Magistrale Governativo “Alfredo Oriani”* em Roma. Seguido pela finalização também dos cursos de especialização em Pedagogia, Didática e Psicologia, respectivamente nos anos de 1947, 1948 e 1949, na cidade de Veneza, Itália. Paralelo a essa trajetória de formação educacional, Maria Fernanda Marabello, com pouco menos de 18 anos,

já estava fazendo um dos seus primeiros votos como neo professoras⁶, na Congregação das Irmãs da Sagrada Face. Essa informação vem a partir da afirmação que a própria Marabello faz na sua obra biográfica *“Uma apóstola da Sagrada Face”*, onde narra a história de vida da sua fundadora e o nascimento da Congregação. Quando ela usa no texto a expressão: *“A neo professora mais nova”*, é a si mesma que se refere:

Aquela festa se revestiu de mais beleza com a vestição religiosa de seis postulantes e a primeira profissão de cinco noviças. A neo professora mais nova expressou ao querido pai em nome de todas a eterna gratidão que cada irmã da Sagrada Face tinha por ele. Completou-se a festa com a partida, naquela noite, de duas irmãs (uma destas era a Maria Fernanda Marabello), que iriam abrir a casa de Sartreano. Uma das primeiras e a mais nova das neo professoras (MARABELLO, 1986, p. 57).

Imagem 8: Irmã Fernanda Marabello (ao lado esquerdo) da Madre Fundadora que está sentada entre outras as Irmãs neo-professas.



Fonte: Irmãs Religiosas da Sagrada Face

⁶ O termo “neo-professas” é um termo religioso usado para designar todas aquelas que ao entrarem recentemente em um convento, fizeram os seus primeiros compromissos, professaram os seus primeiros votos.

Imagem 9: Com a comunidade de Roma: Ir Fernanda é a que está sentada, a primeira da esquerda com um terço branco sobre as pernas.



Fonte: Congregação das Religiosas da Sagrada Face

A festa a qual Maria Fernanda Marabello se refere é o aniversário de 25 anos de eleição episcopal do Bispo Eugenio Beccegato, que fora peça fundamental para origem e nascimento da Congregação da qual Maria Fernanda Marabello faz parte, o que por isso o faz tão importante para as irmãs, inclusive para ela. Portanto, por essa ocasião, Maria Fernanda Marabello realiza a sua primeira profissão de votos. Pela referência indireta que faz no texto não é possível identificar que seja ela. Pois parece ser uma opção da religiosa manter-se no anonimato quando na narração de fatos e eventos importantes e cruciais na vida da Madre Fundadora. Porém é possível intuir que seja ela, a partir de uma matéria de jornal (Imagem 10) publicada por meio de periódico italiano (MONTIPIESI, nº 10, ano XXII, de outubro de 1991) (um mês após o seu falecimento no Brasil), que afirma ter sido Maria Fernanda Marabello enviada à cidade de Sarteano para abrir uma nova casa de missão da Congregação da Irmãs da Sagrada Face. Fato que indiretamente ela faz referência quando da narrativa na citação anterior.

"Venne a Sarteano, inviata dalla sua madre fondatrice, forse neppure diciottenne, ad aprire la casa di Porta Monalda. Con noi é stata molti anni, a piu riprese ed ha lasciato pronto il pensionato e l'impianto della catechesi; la sua attività pastorale l'ha vista in giro da Fontevetrina. Da Sartreano nel 1976 era partita per il Brasile per cominciare do zero, materialmente e spiritualmente, a rovesciare amore a servizio evangelico tra quella gente della periferia di Cajazeiras" (Jornal italiano MONTEPIESI, nº 10, ano XXII, de outubro de 1991)⁷

Imagem 10: Jornal MONTEPIESE, outubro de 1991.

MONTEPIESI 8 N.º 10 Ano XXII Outubro 1991

SUOR FERNANDA

Quando a Sarteano si è sparsa la voce della morte di Suor Fernanda, diversi hanno pianto: tanti hanno sentito dentro qualcosa che si struggeva e si spegneva.

A Sarteano Suor Fernanda voleva bene; a Sarteano molta gente voleva bene a Suor Fernanda.

Venne a Sarteano, inviata dalla sua madre Fondatrice, forse neppure diciottenne, ad aprire la casa di Porta Monalda l'8 Settembre 1942. Con noi è stata molti anni, a più riprese, ed ha lasciato pronto il pensionato e l'impianto della catechesi; la sua attività pastorale l'ha vista in giro da Fontevetrina alla Val d'Orcia; dall'Astrone a Castiglioncello.

Da Sarteano nel 1976 era partita per il Brasile per cominciare da zero, materialmente e spiritualmente, a rovesciare amore e servizio evangelico tra quella gente della periferia abbandonata di Cajazeiras.

Di questo lavoro ha voluto collaboratore Sarteano. Quello che Suor Fernanda ha trovato, ha realizzato e promosso l'hanno veduto con i propri occhi ed aiutato con generosità Ferdinando e Federico Franci; a Suor Fernanda non hanno mai potuto e saputo dire di no.

Di essi è la testimonianza che pubblichiamo.

Parlare di Suor Fernanda, non è facile, la sua vita è stata molto dinamica e congegnata.

Nel 1986, quando ci reammo in Brasile e trascorrevano alcuni giorni in sua compagnia, abbiamo potuto constatare che non aveva mai un attimo di respiro: doveva andare a visitare i poveri, doveva insegnare con molta pazienza ai bambini, doveva andare in Comune a difendere i poveri operai che venivano continuamente sfruttati dai fazendeiros e non venivano poi pagati. A molti aveva, poi, fatto avere la pensione e potevano così vivere con dignità.

Il suo cruccio maggiore era di dover assistere impotente alla morte di molti bambini, dovuta molto



"O Senhor habita em seu templo, o Senhor tem seu trono no céu. Sua vista está atenta, seus olhos observam os filhos do homem. Porque o Senhor é justo. Ele ama a justiça; e os homens não conseguem olhar a sua face."

R. 10,4.7

spesso a denutrizione e all'educazione psicologica di molti altri che, e sono parole sue, "sono attirati da tante cose e i capi del popolo, invece di aiutarli a fare ciò che è giusto, li aprono a divertimenti, e, così i poveri brasiliani credono che la cosa più importante sia divertirsi anche senza mangiare".

A Cajazeiras, in luglio di quest'anno, c'è stata festa per un mese di continuo e i canti e i balli duravano tutta la notte. Povera gente! Chi ha voglia di lavorare va a S. Paolo e se ha fortuna trova lavoro.

Attualmente nella scuola di Suor Fernanda ci sono ancora 230 ragazzi senza libri di lettura perché il governo non li ha pagati e i genitori non li possono comprare. Con gli aiuti dei tedeschi ha finito l'impianto della luce e il soffitto della Chiesa che sta costruendo. Per evangelizzare quel popolo Suor Fernanda ha fatto chilometri su chilometri, con la corriera, come la chiamava lei, o con la macchina, e tornava spesso a notte rischiando di essere assalita da gente ubriaca che voleva solo qualche crusceiro per comprarsi l'acqua ardente. Veramente non ci sono parole per descrivere l'amore che questa coraggiosa suora ha provato e continuerà a provare dal cielo per i brasiliani.

Basta pensare a molte cose con acqua e luce, che ospitano famiglie disagiate con numerosi bambini, e il luogo dove si trova la missione adesso, prima era un campo arido a pieno di serpenti e ragni velenosi. Praticamente Suor Fernanda ha costruito un quartiere!!! Camminare con lei per le strade di Cajazeiras voleva dire salutare continuamente la gente che incontravamo. Era conosciuta e ben voluta da tutti!!! Per alcuni riservava un saluto arrabbiato, per i più invece aveva parole di conforto e di pace.

Io sono sicura che i soldi a lei mandati si sono moltiplicati nelle sue mani, ed hanno conferito serenità, sorrisi e fiducia a molte persone che, non dimentichiamolo, sono nostri fratelli e sorelle.

Preghiamo perciò affinché, come lei diceva, "LA LUCE DEL SIGNORE ILLUMINI PER SEMPRE LA NOSTRA VITA".



Fonte: Congregação das Religiosas da Sagrada Face

⁷ Tradução: Ela chegou a Sarteano, enviada por sua mãe fundadora, talvez nem com dezoito anos, para abrir a casa de Porta Monalda. Conheço tem sido muitos anos, em várias ocasiões e deixou pronto o pensionato e a instalação da catequese; sua atividade pastoral a viu em torno de Fontevetrina. De Sarteano, em 1976, ele partiu para o Brasil para começar do zero, material e espiritualmente, para derramar o amor pelo serviço evangélico entre aquelas pessoas nos arredores de Cajazeiras (Tradução pessoal).

Portanto, de acordo com a publicação, Maria Fernanda Marabello, “de Sarteano, em 1976 partiu para o Brasil para começar do zero, material e espiritualmente, para derramar o amor pelo serviço evangélico entre aquelas pessoas nos arredores de Cajazeiras”. Fato este que a mesma afirma e explica como se dá o processo da sua vinda, junto com outras irmãs para o Brasil no ano de 1977.

Madre Nardin com o apoio de suas conselheiras e todas as irmãs tinha programado em abril em 1976 uma casa ou na África ou no Brasil, para comemorar concretamente o quadragésimo aniversário da Ereção Canônica e o vigésimo quinto aniversário da morte da fundadora. A oportunidade de escolher o Brasil se deu pela presença de Padre Gervásio Queiroga em Roma. Ele convidou a Madre Geral a abrir uma casa no Nordeste do Brasil, precisamente na Diocese de Cajazeiras. A Madre Nardin gostou do convite, comunicou a notícia a todas as irmãs, que ficaram entusiasmadas. Ela programou logo uma viagem ao Brasil para falar com o Bispo da Diocese e localizar onde abrir a comunidade. Foi muito bem acolhida pelo Senhor Bispo, Dom Zacarias Rolim de Moura e pelo Padre Albino Donati, italiano Trentino, naquele tempo Vigário da Paróquia Nossa Senhora de Fátima (MARABELLO, p. 82, 1986).

Em entrevista com o Monsenhor Gervásio Fernandes de Queiroga, um dos responsáveis pela vinda da Congregação das Irmãs da Sagrada Face para o Brasil, ele assim se refere como se deu, por intermédio da sua contribuição, a vinda de Maria Fernanda Marabello, junto com outras três irmãs da Congregação. A entrevista com o Mons. confirma aquilo que a própria Fernanda Marabello havia afirmado anteriormente, de que tal vinda, viria a representar um tipo de abertura de uma frente de missão em terras brasileiras. Maria Fernanda Marabello estará entre as primeiras missionárias da Congregação.

O Monsenhor Gervásio Fernandes de Queiroga era um sacerdote da Diocese de Cajazeiras que estava em Roma estudando Doutorado em Direito Canônico na Universidade Gregoriana de Roma. Na ocasião, participava como palestrante em um Congresso Latino Americano sobre a Vida Pastoral da Igreja no Brasil. Ocasão em que conheceu o Monsenhor Canova, que o apresentou à recém-fundada Congregação da Sagrada Face na Itália.

Assim, Monsenhor Gervásio conta o ocorrido da vinda das Irmãs da Sagrada Face para o Brasil em 1977.

[...] aí fomos a San Fior [...] tudo muito hierárquico. A madre, a Madre... a Madre Arcadia Nardine... Já ouviu falar, não é? Toda empacotada como se fosse um Cisterciense. Me recebe. Na sala de visita. E da sala de visita nem o Monsenhor nem eu saímos, né! Porque ela ofereceu, já era hora de janta e

não entramos no refeitório, nem pensar né! Então trouxe para mim na sala de visita uns sanduiches, essas coisas, né! Então, ele me apresentou. A ideia que elas queriam abrir a frente missionária, sempre foi um sonho da Madre Fundadora [...] e queriam ir para Uganda [...]. Então elas sentiram que não haveriam condições de começar logo numa área assim tão difícil. E o Monsenhor Canova, então foi comigo justamente para propor elas virem ao Brasil. Assim começou a história. Então escrevi a carta a Dom Zacarias para se a Diocese não aceitava. Dom Zacarias estava apavorado com a linha social dos Italianos né [...] Então ele (Dom Zacarias), não disse que, mandou dizer que a Diocese não assumiria – “não disse nada”, mas eu entendi que a diocese não assumiria a fundação né!, Uma casa de Italiano aqui! Não ia reforçar! Então eu fiz uma Carta para Padre Albino aqui da paróquia e ele assumiu imediatamente. Dom Zacarias não proibiu, como eu disse, ele era assim, né! Então a paróquia assumiu, isso foi em 75. Em 76 passando preparando (FERNANDES, 2018, Entrevista).

2.2. Atuação da educadora Fernanda Marabello na Escola São José

Portanto, em fevereiro de 1977, Maria Fernanda Marabello junto com outras três irmãs italianas chegam ao Brasil e assim dá-se o início das atividades ligadas tanto à evangelização quanto à educação. Entre as principais atividades ligadas à evangelização, estava a ação catequética com as crianças pobres dos bairros São José e Casas Populares, ambos parte da área zona norte. E relacionada à atividade da educação, está a abertura de uma Escola Pública gratuita de 1º Grau, chamada de Escola São José. Tal escola, inicialmente irá funcionar como um anexo de outra já existente Escola Estadual, chamada “Escolinha Sinhazinha Ramalho”, que era também uma escola de nível primário dos primeiros anos do ensino fundamental.

De acordo com fontes e registros conseguidos da Escola São José, tais como relatórios anuais de matrículas dos alunos, portarias de instalação e funcionamento da Escola, Portarias de remoção de funcionários e ainda atas de reuniões de Irmã Maria Fernanda Marabello com funcionários, apontam que a referida Escola tem o início do seu funcionamento a partir do ano de 1983 como um tipo de “anexo” de outra escola, mas que tinha a sua independência com gestão e funcionamento interno, como atesta a portaria de nomeação de nº 29/84 do Prefeito Constitucional à época, o sr. Eptácio Leite Rolim, conferindo assim à Escola São José uma certa autonomia e instituindo Maria Fernanda Marabello com Diretora da nova escola.

A imagem 11 trata-se de um registro feito no interior da Escola São José, no chamado “grande salão da merenda”. Era um salão enorme onde as crianças, na hora do recreio, iam para pegar a merenda e ali mesmo merendarem. A foto registra um

destes momentos, onde Maria Fernanda Marabello (Irmã Fernanda), organizava as crianças em fila e providenciava para que cada uma merendasse e comesse toda a comida. Por isso, que na foto ela parece caminhar entre as crianças, atenta. Na foto, a centralidade da educadora em meio às crianças é um dado importante e de relevante destaque. Outra informação importante que a fotografia nos traz é sobre as condições sociais das crianças, alunos e alunas da Escola. Pelo tipo de vestimentas, é possível perceber que as crianças são, na sua grande maioria, de origem simples e de famílias pobres, não aparecendo crianças com roupas mais alinhadas, com sapatos ou tênis, mas de “sandálias de dedo”, o que caracterizava um modo de vestir-se.

Imagem 11: Irmã Fernanda Marabello com os alunos da Escola São José.

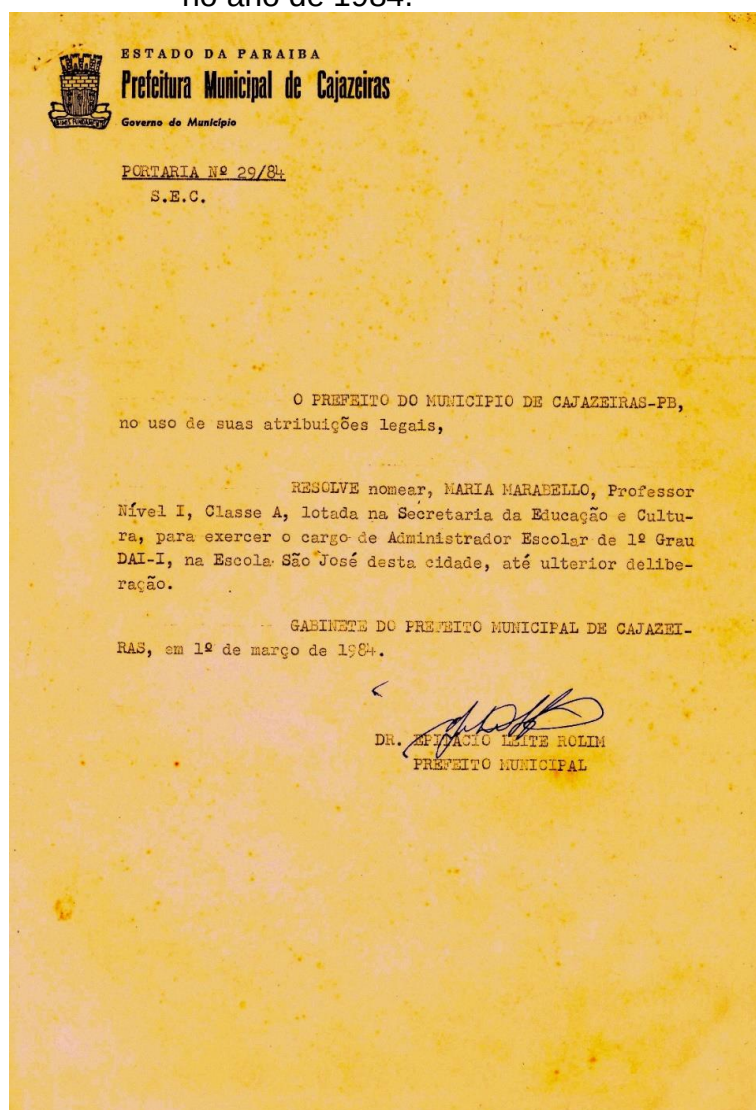


Fonte: Congregação das Religiosas da Sagrada Face.

Ao analisar o texto da portaria de nomeação de Maria Marabello como Administradora Escolar, percebe-se que a nomeação acontece posterior ao seu exercício como Professora da escola, ou seja, confirma aquilo que afirmo anteriormente que a Escola São José tem o seu primeiro funcionamento em 1983 como um anexo de uma outra pequena Escola da Rede Estadual, mas com um relativo tipo de gerência particular. Apenas alguns materiais básicos de limpeza e higiene e merenda escolar eram proporcionalmente divididos entre as duas escolas.

Percebo ainda algo importante sobre a formação de Maria Marabello que, por exemplo, de acordo com a portaria de nomeação (Imagem 12), a educadora é descrita como *professora Nível I, Classe A*. De acordo com a LDB, artigo 61, inciso I, nesse nível estão aqueles professores que possuam habilitação nível médio, na modalidade normal, e compete ao professor Classe A o exercício de suas funções docentes na educação infantil de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental.

Imagem 12: Portaria de Irmã Fernanda Marabello como Administradora Escolar da Escola São José no ano de 1984.



Fonte: Congregação da Religiosas da Sagrada Face.

A Escola São José torna-se uma das principais atividades da nova Congregação chegada ao Brasil. No campo da Educação, será promovida e

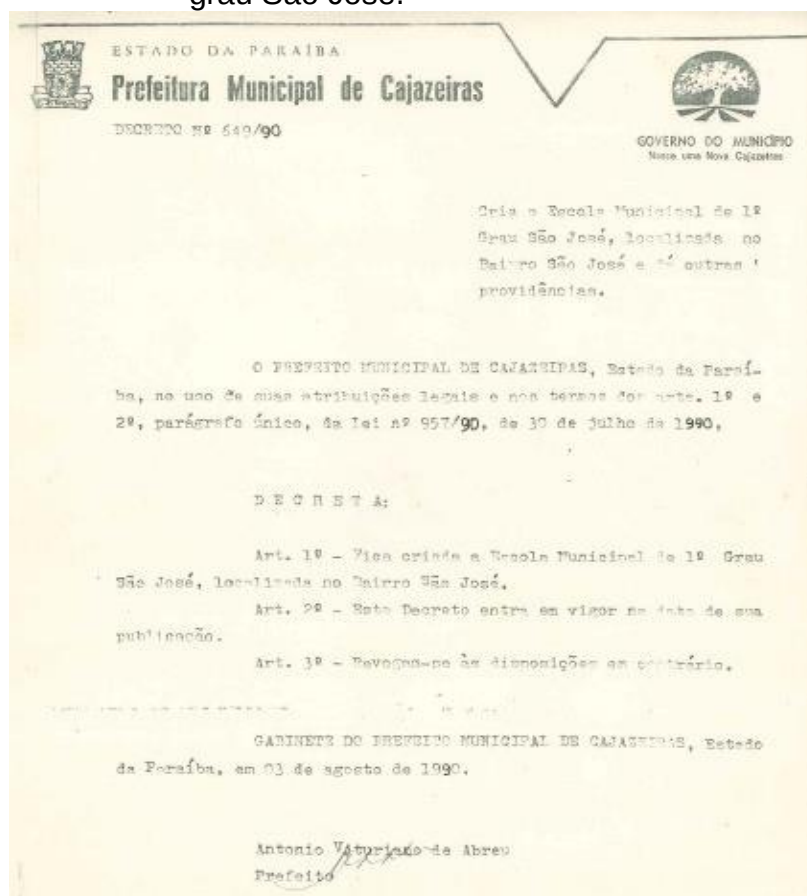
encabeçada pela Congregação das Irmãs da Sagrada Face e mais particularmente como uma das atividades fundamentais de Maria Fernanda Marabello. É possível que isso se dê tanto pela sua posição como superiora da Casa e por ser ela a única das quatro religiosas que tinha formação específica na área de pedagogia e, assim, capacitava-a para estar à frente dessa atividade, de maneira que se destacava entre as outras irmãs, pelas suas iniciativas de enfrentamento aos problemas escolares. Ou ainda pelo fato de ser a única religiosa do grupo que possuía uma portaria de nomeação para exercer o cargo de Administradora Escolar. Essa atividade educativa, passo a passo, vai se tornando de grande importância como campo de trabalho de evangelização e de missão.

A Escola São José era uma escola pública que agregava grande quantidade de alunos das camadas pobres dos bairros São José e Casas Populares da Zona Norte da cidade de Cajazeiras. Como a própria Maria Fernanda Marabello destaca, tão logo elas chegam em Cajazeiras e se instalam em uma residência na Casas Populares, “logo começaram o trabalho religioso socioeducativo e de educação popular nos bairros e nas várias capelas; tendo sempre como destinatários os mais pobres, marginalizados, velhos e doentes” (MARABELLO, p. 83, 1986). A Escola São José era parte integrante fundamental dessa estrutura inicial, em vista da construção de um processo deste trabalho de evangelização, como também de alfabetização das camadas mais pobres e desassistidas.

Assim, tal Escola começa a ter o seu funcionamento totalmente administrado pela Congregação em parceria com o poder público local, iniciado em 1983, mesmo antes de Maria Marabello ser nomeada como administradora. À época o prefeito constitucional da cidade de Cajazeiras era o então Prefeito Francisco Matias Rolim, administrador com quem a Educadora mantinha uma relação de cooperação institucional e respeito. Por gozar de reconhecimento diante da comunidade da Zona Norte, a Educadora Maria Fernanda Maraballo era vista como uma importante liderança local, por isso as relações institucionais entre o Poder Público e a Congregação eram estabelecidas sob laços de cooperação, de estima e respeito. Tais relações de confiança recíproca dispensavam por assim dizer, reconhecimento, digamos assim, oficiais de criação documental da Escola. De 1997 até o ano de 1983, é o período que dura a administração municipal do então Prefeito conhecido na cidade de Cidade de Cajazeiras, como Chico Rolim.

Este, convencido pelas lideranças políticas locais e, principalmente, pela interferência do governador Ivan Bichara (1975-1978), retornou à Paraíba, embora mantendo negócios no Maranhão, disputa eleições locais para prefeitura de Cajazeiras, elegendo-se, em novembro de 1976, na legenda da Arena. Com a extinção do bipartidarismo em novembro de 1979 e a consequente reorganização partidária, filiou-se, em 1980, ao Partido Democrático Social (PDS), sucessor da Arena no apoio ao governo. Durante esse segundo mandato de prefeito⁸, investiu nos serviços de saneamento básico, na saúde e na educação. Neste segundo mandato se torna um importante colaborador, enquanto agente público de Irmã Fernanda Marabello. Será somente no próximo Governo Municipal sob a administração do Prefeito Antônio Vitoriano de Abreu que faz oficialmente o reconhecimento de criação da Escola São José, em agosto de 1990 (Imagem 13).

Imagem 13: Decreto de criação da Escola Municipal de 1º grau São José.



Fonte: Congregação Irmãs da Sagrada Face.

⁸ O primeiro mandato do Prefeito Francisco Matias Rolim, sendo o 11º prefeito eleito de Cajazeiras, ocorre de 31 de janeiro de 1963 a 30 de janeiro de 1969. O seu segundo mandato, vai de 1977 a 1983.

Desde 1983 a Escola São José inicia com a oferta de três turmas de salas de aula: pré-escolar, 1ª e 2ª série, não sendo possível a oferta das outras séries finais do Ensino Fundamental, justamente pela falta de espaço físico suficiente para tanto. Em 1983, a Escola inicia as suas atividades escolares contendo nessas três turmas a quantidade aproximadamente de 100 alunos matriculados inicialmente, apresentando nas referidas séries, relativos índices de aprovação, em torno de 57,5% no Pré escolar, 60,5% na 1ª série e 95% na 2ª série. E o que podemos verificar também é um baixíssimo índice de evasão ou de desistência, como é possível verificar na ata de Encerramento do Ano Letivo de 1983 (Imagem 14), justamente no primeiro ano de funcionamento da Escola.

Imagem 14: Ata de Encerramento de Ano Letivo de 1983 da Escola São José.

ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
9º DISTRITO GEO ADMINISTRATIVO

ATA DE ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO DE 19 83
ÀS 10 horas do dia 21 de Dezembro de 1983 foram encerradas as aulas

Unidade Escolar Escola Municipal São José localidade Barro Preto
Município Cafeteiras com a presença do (a) diretor e das professoras
da referida unidade escolar no (s) turno (s) da Manhã

	M. INICIAL		TRANSFERÊNCIA				EVASÃO				M. FINAL		APROVADOS		REPROVADOS		PERCENTUAL DE APROVAÇÃO	OBSERVAÇÃO
	MASC.		FEM.		MASC.		FEM.		MASC.		FEM.		MASC.		FEM.			
	N	R	N	R	N	R	N	R	N	R	N	R	N	R	N	R		
PRÉ	36	24	6	4	5	3	25	18	13	12	12	5	57,5%					
1ª	20	8	3	1	1		16	7	9	5	8	2	60,5%					
2ª	11	9		1		2	11	6	10	5	1	1	95%					
3ª																		
4ª																		
5ª																		
6ª																		
7ª																		
8ª																		

Dos alunos matriculados foram promovidos 54 e 28 não conseguiram aprovação, para constatar lavrou-se a presente ATA que vai por mim devidamente assinada.

M= Masculino FEM = Feminino
N= Novatos R= Repetentes

Maria Maria
ASSINATURA

Fonte: Congregação das Religiosas da Sagrada Face.

A Escola São José, mesmo com a existência de outra escola de caráter público municipal em suas proximidades, - pois à época já funcionava a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles - vai se apresentando como uma alternativa de unidade de ensino-aprendizagem para centenas de crianças em

situações de risco social, dos bairros próximos onde está localizada. Tal realidade aponta duas possibilidades: a oferta de vagas por parte da secretaria de educação, à época, para a educação infantil se mostrava insuficiente para a demanda de crianças fora da escola; ou a própria Escola Cecília Meireles não oferecia estrutura física para comportar mais alunos do que já possuía em seu quadro de matriculados. A Escola São José inicia o seu primeiro ano de funcionamento com aproximadamente 100 alunos, mesmo tendo a sua estrutura física em processo de construção, não tendo como oferecer certa comodidade para tantas crianças. Nessa época, a Escola São José funcionava apenas com quatro salas ou anexos (Imagem 15). Historicamente, a educação da Cidade de Cajazeiras é marcada por um pioneirismo desde a sua história nascente, na terra do Padre Rolim⁹ no alto sertão da Paraíba. A Cidade de Cajazeiras, foi município fundado pela lei nº 92, de 23 de novembro de 1863, e elevada à categoria de cidade pela lei nº 616 de 10 de junho de 1876, assumindo ao longo dos anos grande importância no cenário paraibano sobretudo no campo educacional. Considerada uma das principais cidades do estado, Cajazeiras ainda carece de produções acadêmicas sobre sua história, seus personagens e sua memória.

⁹ A cidade de Cajazeiras está localizada no extremo Oeste do Estado da Paraíba. Dista cerca de 475 km da capital, e além de ser um dos pólos comerciais e educacionais do Alto Sertão Paraibano, tem dado uma grande contribuição para a História da Paraíba e do Nordeste, sobretudo, no que diz respeito à Educação, onde vem se destacando, desde a fundação do Colégio Padre Rolim, na primeira metade do século XIX. A atual Cidade de Cajazeiras originou-se de um sítio denominado "Cajazeiras", pelas árvores desse nome existentes no local, parte da sesmaria concedida em 7 de fevereiro de 1767, pelo Governador da Capitania, Jerônimo José de Melo, ao pernambucano Luís Gomes de Albuquerque. Como presente de casamento, Luís Gomes de Albuquerque doou à sua filha, Ana de Albuquerque, o sítio "Cajazeiras", quando contraiu núpcias com Vital de Souza Rolim membro de tradicional família de Jaguaribe. Do consórcio, entre outros filhos, nasceu, Inácio, a 22 de agosto de 1800, que se ordenou em Olinda, voltando, mais tarde, para o sítio de seus pais onde fundou um colégio, em 1843. Em volta do colégio, foi nascendo a povoação. Cresceu a Cidade, que em breve, se tornou poderoso núcleo de civilização. Cajazeiras singularizou-se, assim, dentre todas as cidades do Brasil, pois teve, como São Paulo, seus alicerces firmados em um estabelecimento de ensino e na educação, tornando-se famoso o jargão "A cidade que ensinou a Paraíba a ler". Cajazeiras é uma cidade que sobre a pilastra da educação e da cultura conseguiu destaque no cenário estadual, projetando-se inclusive fora das fronteiras paraibanas, e revelando nomes ilustres da vida sociopolítica e econômica da região.

Imagem 15: Parte da Escola São José ainda em construção na década de 80. Na foto, no lado esquerdo, a casa das Irmãs da Sagrada Face. Ao lado um anexo com as primeiras salas de aula.



Fonte: Congregação das Irmãs da Sagrada Face.

De acordo com a Irmã Maria Fernanda Marabello, anos depois da sua chegada na cidade de Cajazeiras, no alto sertão da Paraíba, este espaço passa por um importante processo de reforma e ampliação que será organizado e levado adiante pelo então novo vigário da Matriz de Nossa Senhora de Fátima, cujo espaço fazia parte desta paróquia, logo da mudança do antigo Vigário.

O novo vigário, Padre Antônio Alves Siqueira, deu muito apoio às irmãs no seu trabalho pastoral-catequético, na paróquia, nos bairros, nas escolas e nas capelas. Incrementou o trabalho do Centro Social para uma promoção humana e cultural com os cursos de corte e costura e datilografia. Incentivou e até ajudou com recursos financeiros a abertura da escola primária, denominada Escola São José para as crianças pobres dos nossos bairros impossibilitados de frequentar outra escola (...). (MARABELLO, p. 82, 1986).

Aqui vemos, pelo menos sinalizado, que a missão e as práticas educacionais da Congregação das Irmãs da Sagrada Face, de modo direto, a Irmã Maria Fernanda, será feita a partir de duas frentes: curso de corte e costura e datilografia e a Escola São José de ensino primário. Ambos estavam em vista de atender a uma mesma

finalidade: promover a educação e a alfabetização de crianças pobres, impossibilitadas de frequentarem outra escola. Nesse processo de alfabetização das crianças não havia uma oposição entre estes dois instrumentos; muito pelo contrário, as práticas educativas mesmo díspares, estavam numa tentativa de sincronia. Pois, enquanto as crianças eram acolhidas pela Escola São José, as mães das crianças matriculadas e outras mães dos bairros eram acolhidas pelo curso de corte e costura como forma de incluí-las socialmente e poderem ser, mesmo que de forma ainda insuficiente, arrimos de família. Assim, às mulheres participantes era dada a possibilidade de venderem aquilo que era produzido no curso e assim, parte era dado a elas como forma de incentivo, mas não como forma de salário, visto que a produção não estava para atender a um mercado, mas apenas para o custeio do próprio curso.

No sentido específico da oficina de corte e costura, tal curso funcionava por uma duração de seis meses. De acordo com a senhora Maria Amável de Oliveira, conhecida como Baía, que era a monitora do curso de corte e costura,

[...] o curso tem início no ano de 1981. O curso era mantido pela Congregação das Irmãs da Sagrada Face, máquinas, tecidos, enfim todo material necessário. O poder público pagava apenas o monitor. Esse curso não tinha fins lucrativos. A Irmã Maria Fernanda queria somente ajudar, proporcionando ocupação para a maioria das mães de famílias e adolescentes a partir dos 16 anos. O curso não tinha distinção, sendo que todos os interessados podiam se matricular. O curso tinha duração de 6 meses. No término de cada curso, vendiam as roupas e o dinheiro apurado custeava o próximo curso, que eram dois por ano (OLIVEIRA, 2018, Entrevista).

Como citado antes, o curso de corte e costura funcionava como outra frente, tanto de evangelização quanto de exercício de prática educacional, encabeçada pela educadora Maria Fernanda Marabello. Era uma das maneiras encontradas pela educadora de aproximar as famílias em suas mais diversas realidades sociais que moravam no entorno da Escola e, assim, possibilitar um diálogo entre a realidade da escola e ao mesmo tempo, ter conhecimento da realidade social de cada criança. Poderíamos afirmar que seria uma forma encontrada pela educadora de entrar no cotidiano das pessoas envolvidas em seus processos de inclusão pela via da educação.

As narrativas da Senhora Maria Amável de Oliveira, conhecida como “Baía”, possibilitaram um mergulho no cotidiano passado, a partir das suas memórias, revelando suas lembranças na condição de monitora no Centro Social São José, no

curso de corte e costura, administrado pela Congregação das Irmãs da Sagrada Face, tendo a liberdade de narrar o que tem influenciado nas suas práticas, a frente de campo de prática educacional “não formal”, poderíamos dizer, que também envolvia a participação de Maria Fernanda Marabello.

Dessa forma, sobre a dinâmica da memória do lembrar e do esquecer, acionamos Bosi (1994) quando afirma que essa é uma grande oportunidade de reconstruir por meio de uma apreensão particular e seleção através dos sentidos de quem está narrando um acontecimento passado, destacando as suas escolhas e experiências diversas, os modos de seleção de trabalho, as diversas representações e valores que de certa forma também nos ajuda a compreender, mesmo que indiretamente, qual seja a maneira de entender a educação e suas práticas diante do quadro que se apresenta e no qual ela mesma está inserida. Sobre as memórias do presente que envolvem a representação do cotidiano, nos portamos a Certeau, Giard e Mayol (1996) com a análise dos significados do cotidiano.

[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes ‘velada’. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história ‘irracional’, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. ‘O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível’ (CERTEAU, GIARD; MAYOL, 1996, p. 31)

Quando falamos sobre práticas escolares, criações e artes no espaço escolar, dificilmente fugimos das discussões de Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 142) sobre a análise do cotidiano como lugar de revelação e de construção de significados. Ou quando afirma que o espaço é o efeito produzido pelas operações que orientam, o circunstanciam, o temporalizam, ou seja, o espaço é aquele lugar da prática, portanto, um lugar que por sua natureza antropológica é o cotidiano das manifestações.

Numa tentativa de relacionar e ao mesmo tempo distinguir os conceitos “lugar” e “espaço”, como campos específicos, assim se coloca Certeau (2005) entendendo o cotidiano como um espaço da prática dos sujeitos.

Um lugar é a ordem (seja qual for), segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.

Existe espaço sempre que se tomam em conta os vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais, ou de proximidades contratuais (CERTEAU, 2005, p. 201-203).

Mesmo que não possamos esquecer que nem toda atividade humana pode ser caracterizada como cultura, assim é considerada por ele, pois para que haja cultura, faz-se necessário que os autores sejam protagonistas das suas próprias práticas sociais. Ainda nesse interim, fazemos uso da fala do próprio Certeau (2005) para uma melhor compreensão associativa da prática social e educativa de Maria Fernanda Marabello e as suas próprias práticas de significados e ao mesmo tempo ressignificadas. Certeau (2005), já no início da sua obra, esclarece a relação da análise do cotidiano de pessoas comuns com suas lutas associadas às suas maneiras de caminhar e de fazer.

Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isso, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto (CERTEAU, 2005, p. 35).

A ideia de trazer a discussão aqui sobre a realidade da práxis educacional de Maria Marabello e ainda de práticas educacionais informais, ou seja, aquelas que não estão diretamente ligadas por mecanismos semelhantes, a um processo de ensino e aprendizagem da Escola São José, seria justamente para destacar que a prática educacional de Maria Fernanda Marabello estava pulverizada no interior das suas diversas práticas sociais, onde ela mesma era protagonista.

Quando digo “pulverizadas”, quero afirmar que as práticas educacionais de Maria Fernanda Marabello estavam diluídas em diversas outras atividades, como por exemplo o curso de corte e costura que era utilizado como instrumento em vista de um processo educacional como forma de manter elos entre um tipo de “saber fazer” com um tipo de “saber ser”, ou seja, aliado à prática do ensino da técnica (aprender a manusear a tesoura, utilizar os mapas de modelo de corte, etc.), estava a prática de inclusão e acesso ao conhecimento, como processo pedagógico de aprendizagem

não formal. Tanto é que as mulheres inscritas no curso de corte e costura eram, na sua grande maioria, mães de filhos matriculados na Escola São José, onde a educadora e administradora escolar realizava visitas de forma periódica, como forma de tentar aliar os processos.

Além do curso de corte e costura, organizado e administrado pela Congregação da Sagrada Face, sobretudo para as mulheres que na sua maioria eram mães das crianças matriculadas na Escola São Jose, havia ainda um curso de produção e pintura de imagens sacras de gesso que também era administrada pela Congregação e que tinha a educadora Maria Fernanda Marabello à frente. Tal curso de pintura era oferecido para os jovens e adolescentes da comunidade dos bairros onde a Escola São José estava localizada, ou seja, tal prática da oferta desse curso era mais uma estratégia de tentar uma aproximação com as famílias que residiam nos bairros próximos à Escola, que tinham filhos matriculados na pré-escola e nas séries fundamentais e com uma quantidade de adolescentes em situação de vulnerabilidade social, que encontrava na escola a sua fonte segura de alimentação diária. Era uma grande quantidade de crianças cuja única refeição que faziam era justamente a merenda na Escola.

Dentre tantas crianças e seus relatos de experiências, lembro bem de um, que até hoje está vivo na minha memória. Era o mais novo de uma família de 12 irmãos. Sendo que destes, cinco já haviam falecido meses depois do parto, não conseguindo completar ao menos um ano de vida, na sua maioria, vitimados de doenças próprias da infância, mas sobretudo por um tipo de desnutrição. Portanto, esse garoto, o mais novo dos sete irmãos vivos, foi um dos poucos que pôde frequentar a escola no período da sua infância. A Escola São José foi um dos importantes lugares de conhecimento e aprendizagem e, sobretudo, representou um lugar de sobrevivência, diante da dura realidade social de privações. Tal garoto ia todos os dias à Escola São José apenas para comer, porque era a maneira de garantir o mínimo de condições de sobrevivência. Portanto, a Escola São José foi se tornando paulatinamente, a partir das práticas educacionais de Maria Fernanda Marabello, um lugar de construção de personalidades e desenvolvimento das potencialidades de seus alunos e alunas.

Eram alunos com características sociais semelhantes a estas que faziam assim a “clientela” da Escola São José, e que, portanto, a educadora Maria Fernanda Marabello estabelecia como sujeitos prioritários do seu fazer educacional, tentando

promover um acesso à Escola, àqueles que viviam uma realidade social excludente e a partir disso, procurar por meio de estratégias pedagógicas, a possibilidade de desenvolver nestas crianças suas melhores aptidões e capacidades intelectuais e/ou artísticas.

Portanto, a oferta do curso de pintura (Imagem 16), como já afirmamos anteriormente, era uma das tantas estratégias pedagógicas propositadas a este fim, por meio de atividades ligadas a um tipo de formato de oficinas, que se diferenciavam daquelas disciplinas tradicionais ministradas no cotidiano da sala de aula pelo professor. Nesse contexto, o propósito que a educadora procurava intuitivamente, era o de promover o cidadão que devia nascer, o cidadão futuro consciente do seu valor enquanto pessoa e capaz de contribuir para uma sociedade mais justa, tendo agora o seu fazer ético como gênese de um homem que emprega bem as suas competências.

Penso que nesse ponto, esteja a centelha do nosso argumento de tese, quando afirmo e defendo que o fazer educacional e o conjunto de práticas pedagógicas empreendidas pela educadora Maria Fernanda Marabello estão, prioritariamente, direcionadas em vista de um processo educacional de promoção das capacidades e potencialidades intelectuais, artísticas e cidadãs daqueles sujeitos, alvo do seu fazer educacional.

Imagem 16: Maria Fernanda Marabello com o instrutor do curso de produção e pintura de imagens em gesso, Fernando.



Fonte: Congregação das Religiosas da Sagrada Face.

Em suma, poderíamos afirmar que seu fazer educacional estava em vista de um fazer o ser do homem. Assim, este seu fazer educacional como prática pedagógica não era uma atividade vazia de princípio e de sentido, mas estava posta como um caminho para construir o ser do homem. Ou seja, sendo o “seu compromisso realmente com o homem concreto, com a sua humanização, de sua libertação, não posso isso mesmo prescindir da ciência, da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por essa causa” (FREIRE, 2014, p. 22). No interior das práticas pedagógicas efetivadas pela educadora Maria Fernanda Marabello, a educação era vista quase sempre como um meio para alcançar algo que não propriamente o simples conhecimento em si ou por si mesmo. As práticas pedagógicas ou o seu fazer educacional estavam empregados em vista de algo maior, o que na concepção dela, era o homem e a mulher feitos, prontos e preparados para ‘vencer na vida’ enquanto sujeitos autônomos economicamente que pudessem, dessa maneira, romper com um ciclo de dependência.

As práticas pedagógicas ou o fazer educacional de Maria Fernanda Marabello estava, de certa forma, voltada para uma reconstrução e desenvolvimento das potencialidades. A visão da educadora sobre os processos educacionais desenvolvidos no interior da Escola São José era de que tais processos de inclusão, promoção e desenvolvimento de potencialidades além das intelectuais estão acima de uma oferta de conteúdos disciplinares, tendo a sala de aula como único lugar de autoridade para o ensino e exclusivo lugar de referência para o mesmo. Suas práticas partiam de situações concretas, das realidades sociais do cotidiano dos alunos para um corpo teórico de conteúdo.

Em vez de se partir de um corpo de conteúdos disciplinares existentes, com base no qual se efetuam escolhas para cobrir os conhecimentos considerados mais importantes, parte-se de situações concretas, recorrendo-se às disciplinas na medida das necessidades requeridas por essas situações (RAMOS, 2011. p. 221).

Essa análise de Ramos sobre a chama pedagogia das competências, que estabelece a partir das suas concepções que tal conceito de competências se baseia no tripé: saberes, saber-fazer e saber-ser, nos ajuda a compreender que mesmo implicitamente, tal conceito de competência estava como que pulverizado no interior das práticas educacionais de Maria Fernanda Marabello. Isso se mostra claro quando

ela faz das oficinas de corte e costura e de pinturas legítimos espaços não apenas de automação, mas sobretudo de autonomia; espaços legítimos de produção de conhecimentos e aprendizagem complementar ao conhecimento escolar. A professora referida se chama Francisca Gonçalves de Souza, uma das professoras mais antigas da Escola, que na ocasião, foi formalmente requisitada ao então Secretário de Educação do Estado da Paraíba, José Loureiro Lopes para que fosse colocada à disposição da Escola São José, conforme ofício (Imagem 17).

Imagem 17: Ofício de Maria Fernanda Marabello encaminhado ao Secretário de Educação da Paraíba, José Loureiro Lopes, solicitando a contratação da professora Francisca Gonçalves de Sousa.

Cajazeiras, 17 de fevereiro de 1986

Exmo. Sr.
Dr. José Loureiro Lopes
DD. Secretário da Educação
João Pessoa - Pb.

Senhor Secretário:

Na qualidade de Diretora da Escola São José de 1ª Fase do 1º Grau, sediada no Bairro do mesmo nome, mais conhecido por "Casas Populares", nesta cidade de Cajazeiras, venho apelar para V. Exa. conseguir a contratação da Professora Francisca de Souza Gonçalves com Licenciatura Plena em História, pondo-a à disposição desta Escola.

Cumpra-me cientificá-lo de que esta Escola funciona gratuitamente atendendo a numerosas crianças pobres do referido Bairro, nos expedientes manhã e tarde.

Valho-me da oportunidade para apresentar os meus protestos de consideração e sincero agradecimento.

Atenciosamente,

Maria Maribello (Irmã Fernanda)
D i r e t o r a

Maria Maribello
Irmã Fernanda da Sagrada Face

Fonte: Congregação das Religiosas da Sagrada Face.

Portanto, em entrevista feita por mim na sua residência, a Professora Francisca Gonçalves afirma que:

A Irmã Fernanda, além de diretora da Escola São José, era também catequista [...] Além da responsabilidade da Escola São José ela se prontificava em ajudar as famílias dos alunos que estudavam na Escola São José. Construiu mais de 50 casas para as famílias pobres das crianças que estudavam na Escola. Era um tipo de assistência que ela dava paralelo à sua prática educacional na escola. *Era como se na cabeça, as coisas estavam interligadas* (GONÇALVES, 2018, Entrevista, grifo nosso).

Nessa fala da professora Francisca Gonçalves é possível compreender que, na sua visão, as práticas educacionais de Maria Fernanda Marabello iam além dos muros da Escola e que, nem sempre, tal prática de escolarização promovida pela Escola se dava apenas por meio de uma educação tradicional formal, ou seja, aquela ancorada no tripé “professor”, “aluno” e “sala de aula”. Aqui julgamos que a fala da professora Francisca Gonçalves se não totalmente, mas parcialmente, corrobora com nosso argumento de tese, ou seja, de que as práticas da Educadora estão pulverizadas nestas atividades de trabalho de oficinas e ainda neste empenho na promoção de atividade de assistencialismo, como forma de promover uma acessibilidade social, cultural e humana. A professora Francisca Gonçalves de Sousa afirma ainda na sua entrevista que “as oficinas oferecidas pelo Centro Social São José era uma forma de fazer com que as famílias, pais e alunos, permanecessem mais tempo dentro da escola” (GONÇALVES, entrevista. Agosto de 2018).

Como afirma Certeau (2011 p. 47), “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias”. A influência histórica da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello no meu percurso pessoal e educacional traz consigo uma totalidade de construção de significados a partir de um lugar de produção político e cultural com suas características e pesos próprios, que indutivamente, julgo ter também influenciado a vida de outras tantas crianças contemporâneas à minha experiência.

Dessa forma, as práticas educativas da referida educadora consideradas no interior de um ‘fazer educacional’ próprio, representou para a minha condição de sujeito, a única possibilidade de acesso a uma cultura escolar, a um ensino regular que possibilitasse tanto a mim quanto a centenas de outras crianças, o acesso a um

tipo de conhecimento e por conseguinte a uma dignidade enquanto pessoa, onde o 'fazer educacional' característico de um modelo de prática pedagógica que estava inserida num modelo pedagógico, ia muito além de uma estratégia instrumental de escolarização. Na perspectiva de leitura da realidade da educadora, posso identificar uma compreensão que se aproxima da leitura freiriana, sobretudo no que diz respeito à sua perspectiva de prática educacional e à sua compressão, mesmo que de forma intuitiva, do papel da escola como um lugar de trabalho, de ensino e de aprendizagem. Segundo Freire, "não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam a sociedade" (1975, p. 30).

O fato de ser aluno egresso da prática educativa dessa educadora tornou possível o forjamento do meu caráter, da minha personalidade e ainda experimentar um tipo de mobilidade social através do seu fazer educacional que repercutiu em toda a minha vida escolar, acadêmica e profissional. Estudei na Escola São José nos anos: 1983 – *pré-escola*, 1984 – *1ª série*, 1985 – *2ª série*, 1986 – *3ª série* e 1987 – *4ª série*. Como registro e documento histórico tenho os boletins (Imagens 18 e 19), assinados pela Educadora Maria Fernando Marabello, dos anos de 1986 e 1987, quando na ocasião cursei a 3ª e 4ª série, respectivamente.

Imagem 18: Boletim da 4ª série do ano de 1987, Escola São José.

1º BIMESTRE	DATA
2º BIMESTRE	DATA
3º BIMESTRE	DATA
4º BIMESTRE	DATA
<i>Maria Marabello</i> ASS. DO ADMINISTRADOR ESCOLAR OU PROFESSOR	
OBS: Este documento não substitui a guia de transferência ou histórico escolar	

GOVERNO DO ESTADO DA PARAIBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA UNIDADE DE ESTATÍSTICA			
BOLETIM DO ALUNO 1º GRAU (MOD. 7)			
ESCOLA SÃO JOSÉ Centro Social S. José ESCOLA			
<i>Damião Fernandes dos Santos</i> NOME DO ALUNO			
4ª	1ª	2	Terça
SÉRIE	TURMA	Nº	TURNO
1987 ANO			

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 19: Boletim da 3ª série do ano de 1986, da Escola São José.

<u>Joana Fendindelo</u> <u>19.6.86</u> 1º BIMESTRE DATA 2º BIMESTRE DATA 3º BIMESTRE DATA 4º BIMESTRE DATA <u>Maria Marabello</u> ASS. DO ADMINISTRADOR ESCOLAR OU PROFESSOR	 GOVERNO DO ESTADO DA PARAIBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA UNIDADE DE ESTATÍSTICA BOLETIM DO ALUNO 1º GRAU (MOD. 7) <u>Escola São José</u> <u>Centro Social São José</u> ESCOLA <u>Domício Fernandes dos Santos</u> NOME DO ALUNO <table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="text-align: center;"><u>3</u> SÉRIE</td> <td style="text-align: center;"><u>4</u> TURMA</td> <td style="text-align: center;"><u>4</u> Nº</td> <td style="text-align: center;"><u>Tarde</u> TURNO</td> </tr> </table> <u>1986</u> ANO	<u>3</u> SÉRIE	<u>4</u> TURMA	<u>4</u> Nº	<u>Tarde</u> TURNO
<u>3</u> SÉRIE	<u>4</u> TURMA	<u>4</u> Nº	<u>Tarde</u> TURNO		

OBS: Este documento não substitui a guia de transferência ou histórico escolar

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A partir das ponderações e análises de tais questões, intrínsecas por assim dizer a um novo campo de investigação e de análises históricas, sou instigado a afirmar aquilo que considero como um dos fundamentos teóricos dessa pesquisa, a saber, que a educadora Maria Fernanda Marabello tinha uma estratégia intencional de desenvolvimento de potencialidades junto aos seus alunos, os quais viviam excluídos da escola e por isso, à margem de todo um processo educativo. E que tal processo educacional estava para além de um formato de letramento via silabação ou uma mera transposição didática da leitura pela leitura, ou seja, da leitura silabada de codificação do código escrito. Como afirmo anteriormente e aqui reafirmo, que a educadora estava preocupada com uma escolarização que desenvolvesse potencialidades, onde o processo e as suas práticas estavam para um “meio termo”, para empreender algo maior: era o futuro pai de família, o professor, o padre, era alguém que daria prosseguimento nos estudos, era o artista, era o artesão, era o político.

Não que se apresentassem como momentos educacionais ou instâncias pedagógicas divergentes, mas pelo contrário, o ‘saber ser’ e o ‘saber fazer’ estavam

imbricados e correlacionados; eram interdependentes, na medida que um não negava o outro, mas um afirmava o outro. Eram complementares na medida que haveria um tipo de saber ser que era encontrado no interior das práticas pedagógicas enquanto executadas e assim, encontrava-se aí, um saber fazer que gerado e grávido de uma existência potencializada.

CAPÍTULO III – MARIA FERNANDA MARABELLO E A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DA SAGRADA FACE

3.1 Considerações históricas sobre o nascimento e a Fundação da Congregação das Irmãs da Sagrada Face

Para compreendermos a figura da Irmã Maria Fernanda Marabello, os significados simbólicos das suas ações e posturas como consagrada da Congregação das Irmãs da Sagrada Face, os seus posicionamentos ideológicos no âmbito do seu fazer educacional tanto à frente da nova Casa de Missão instalada no Brasil, quanto da Escola São José, onde ela irá desenvolver grande parte do seu trabalho no campo da educação com crianças pobres, é necessário que adentremos pelo interior da Congregação das Irmãs da Sagrada Face. Assim, podemos ter acesso, sobretudo, como estão firmados os seus dogmas estatutários, que ideias a influenciava e que saibamos de que maneira e com que intensidade a vida de Maria Fernanda Marabello foi influenciada pelas constituições da sua Congregação. Bourdieu (1986), sobre a questão da ilusão biográfica, defende que:

[...] tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vincule a um 'sujeito' cuja única constância é do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações (BOURDIEU, 1986, p. 81).

Analisar e compreender a vida da religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello e as suas práticas educativas sem considerar as suas relações interpessoais, institucionais, de significados e sentidos diversos, é cairmos no que Bordieu (1986) chama de “ilusão biográfica”. Segundo esse autor, não é possível construirmos um estudo isolado de um personagem, um recorte histórico linear sobre a sua vida considerando esta história de vida como se fosse a “história de uma vida” que se desenvolve de forma lógica e cronológica, no sentido de mostrar a vida como um “conjunto de eventos de uma existência individual conhecido como uma história e relatado como uma história” ou ainda como

[...] um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” objetiva e subjetiva de um projeto: a noção sartreana de “projeto original” coloca explicitamente o que está implicado nos “já”, “por conseguinte”, “desde a mais tenra idade”,

etc., de biografias ordinárias ou nos “sempre” (“sempre amei a música”) das “histórias de vida” (BOURDIEU, 1986, p. 69, grifos do autor).

Assim, justifica-se que é impossível pensar em uma construção biográfica da vida e das práticas educativas da religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello, sem considerar os contextos históricos, suas nuances no interior de cada experiência da biografada. Pois para compreender uma trajetória se faz necessário conhecer os estados sucessivos do campo em que ela se desenvolve para que assim seja possível estabelecer relações objetivas entre os agentes nesse mesmo campo e afrontados com o mesmo espaço possíveis. Somente dessa forma seria possível descrever a personalidade designada pelo nome próprio. Portanto, para conhecer a religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello se faz mister conhecer a Congregação das Religiosas da Sagrada Face, instituição na qual ela empenhou toda a sua vida como projeto de vida pessoal.

A Congregação das Irmãs da Sagrada Face tem como fundadora a Religiosa Maria Pia Mastena, que é filha de Júlio Mastena e de Maria Antônia Casarotti. Nasceu em Bovolone (Verona), Itália, no dia 07 de dezembro de 1881. “Seus pais educaram-na sob os atuais princípios cristãos da oração, solidariedade, fraternidade, educação cristã, formação humana e religiosa” (MARABELLO, 1986 p. 18). Por volta dos 20 anos de idade, ingressou como postulante nas Irmãs da Misericórdia em Verona na qual proferiu os votos, passando a se chamar Passiteia Maria do Menino Jesus.

Depois de 24 anos nesta congregação, Maria Mastena que recebera nome de Passiteia Maria de Jesus, no ano de 1927, logo após a sua saída da Congregação das Irmãs da Misericórdia, faz uma breve experiência no Mosteiro Cisterciense, em San Giacomo de Veglia, onde pode amadurecer o seu projeto de uma nova fundação. A sua entrada no mosteiro acontece em uma sexta-feira santa, dia 18 de abril, e a sua vestição religiosa nesta nova congregação acontece no dia 02 de junho de 1927. Recebe nesta ocasião o nome religioso de Dona Maria Pia, que assumirá até a morte.

A serva de Deus vestiu o hábito religioso das Cistercienses no dia 02 de junho, começando assim seu noviciado e assumindo, segundo costume do mosteiro, o nome de Dona Maria Pia. S. Excia. D. Beccegato esteve presente na cerimônia: era o dia em que ele festejava seu santo Padroeiro (CONGREGAÇÃO PARA A CAUSA DOS SANTOS - POSITIO LIVRO I, 1994, p. 36).

Por problemas internos nesta Congregação, “Maria Pia Mastena decide tomar a decisão de sair do Mosteiro para continuar a sua profissão no Magistério, para ter

direito à aposentadoria” (FELIPO, 1995, p. 100). De acordo com Maria Fernanda Marabello “a fervorosa noviça queria que este tempo nunca se passasse e que o mosteiro fosse sempre a sua casa, mas a vontade de Deus era outra [...]”. Como professora, ela trabalha na cidade de Miane, cidade próxima, onde será humilhada e indesejada, pelo fato de que nesse período “foi muito duro, cheio de humilhações. O povo de Miane que ela ama, a despreza e chama-a de doida, até as crianças, incentivadas pelos adultos, jogam pedras nela (MARABELLO, 1986, p. 28). De acordo com Maria Fernanda Marabello, a Madre Pia Mastena é acusada injustamente pela superiora da Congregação Religiosa da Misericórdia, da qual ela fazia parte antes de fundar a Congregação da Sagrada Face, de estar usando as doações financeiras que eram feitas como ajuda à congregação para financiar os estudos de alguns seminaristas. Tal boato é espalhado na cidade e a Pia Mastena é julgada e ignorada pela comunidade de Miane. No que diz respeito aos anos vividos pela Maria Mastena, tem um grande valor o testemunho dado pela religiosa da Misericórdia, *Irmã Celestilda Daltoè*, em nome da Congregação:

Além de ensinar, também ela, nas escolas públicas, preocupa-se com o orfanato e com o jardim de infância e frequentemente era vista entre os meninos e as orfãzinhas como se aí encontrasse o seu campo específico de trabalho. Posteriormente criou uma malharia e interessou-se por um centro recreativo. Instituiu também no período da tarde, escolas para senhoras e moças, e no período da noite, para moços e homens adultos (CONGREGAÇÃO PARA A CAUSA DOS SANTOS - POSITIO LIVRO I, 1994, p. 26).

Esta narrativa da religiosa Celestilda ajuda-nos a compreender que a vida da fundadora da Congregação Religiosa da qual Maria Fernanda Marabello fará parte é marcada, inicialmente, por uma atividade profissional secular no campo do Magistério, o que futuramente será reintroduzido e ressignificado no interior da sua vocação e na missão como religiosa. A atividade no orfanato e no jardim de infância será assumida pela Madre Fundadora como um tipo de campo específico de trabalho. Maria Fernanda Marabello irá reproduzir na sua vida, como fiel seguidora que é da sua fundadora, parte desse comportamento no que diz respeito ao trabalho no campo da educação escolar.

Em setembro de 1928, Maria Pia Mastena se muda para a cidade de Carpesica, ficando nesta cidade até outubro de 1930, onde por dois anos continua com a sua atividade escolar, catequética, pastoral, nas visitas aos enfermos e pobres em seus domicílios, assim como fizera na cidade de Miane. Será na cidade de Carpesica que

a religiosa fomentará os primeiros passos para a fundação da Congregação das Irmãs da Sagrada Face. Ela pensava em uma instituição ligada às Beneditinas de Milão ou à Ordem Terceira Beneditina, conforme a regra e o hábito.

Sem mais pertencer a nenhuma Congregação, Maria Pia Mastena fica sob a guarda e jurisprudência do Bispo local que a transfere para a cidade de San Fior di Sopra, para trabalhar como professora e será lá que iniciará a nova fundação das Irmãs, inicialmente chamada de Irmãs reparadoras da Sagrada Face, e no dia 24 de 1932, acontece a primeira vestição das três primeiras candidatas. De acordo com Maria Fernanda Marabello (1986 p. 29), “não era vontade de Deus que a congregação nascesse naquela cidade, mas em San Fior. San Fior era uma grande paróquia, na qual não havia religiosas que ajudassem o vigário no trabalho pastoral”. Vemos, assim, que uma das grandes características no início da Congregação das Irmãs da Sagrada Face é a de ajudar a paróquia e o pároco no seu trabalho em um determinado território ou área pastoral.

Podemos dizer que a Congregação não tinha um projeto individual ou autônomo em si que se realizasse separado da estrutura de poder da paróquia ou da figura do padre. A Congregação para nascer, segundo o entendimento de Maria Fernanda Marabello, necessitava de um espaço onde a diaconia religiosa fosse absolutamente necessária. Esta característica da Congregação irá marcar uma prática no processo de expansão da Congregação. Geralmente as casas de missão da Congregação – inclusive a do Brasil em 1977 - serão abertas, sob a condição de que estas estruturas paroquiais lhe sejam garantidas.

No fim de 1931 e começo de 1932, juntaram-se à Madre algumas jovens para dar a vida à nova instituição. Dom Eugenio Beccegato, vendo que já era possível dar início a tão desejada obra, concordou com a Madre para um curso de retiro espiritual e a vestição religiosa das primeiras filhas. Terminado o retiro espiritual, em 24 de outubro de 1932, houve a primeira vestição religiosa das Irmãs da Sagrada Face. As três privilegiadas foram: Albina Agostini, Roseta Faustini e Ida Antonielli (MARABELLO, 1986, p. 31).

Em 08 de dezembro de 1936, com a aprovação do bispo, é ereta na cidade de San Fior di Sopra, a Congregação das Religiosas da Sagrada Face, cujo carisma é propagar, reparar e restabelecer o rosto de Jesus nos irmãos e assim, “desde o dia 8 de Dezembro de 1936, uma nova Congregação existe na Igreja santa para, honra e a glória da Face adorável de Cristo” (MARABELLO, 1986, p. 43). A nova Congregação

religiosa erigida terá finalidade dupla: tanto a santidade dos próprios membros consagrados, quanto cultivar e expandir o espírito de expiação em conformidade ao que exige a encíclica *Miserentissimus redemptor*¹⁰ do Papa Pio XI. Dessa forma, cada religiosa consagrada a esta nova Congregação deverá vivenciar no cotidiano de suas vidas práticas inegligenciáveis como testemunho de ter abraçado uma nova vida, novas causas e propósitos. A carta-pedido de aprovação da Congregação da Sagrada Face, redigida e enviada pela Irmã Maria Mastena ao Bispo Beccegato, estabelece já aqui na origem desta Congregação, os meios para alcançar a finalidade de expandir o espírito reparatório, que se propõe a:

Desenvolver sua atividade, como já há muito tempo o faz, enquanto Obra missionária de redenção nos lugares mais pobres e mais abandonados, junto àquelas paróquias que, por falta de meios, não podem sustentar outras comunidades religiosas e estão, por isso, privadas da necessária assistência coadjutora da obra sacerdotal em custódia da juventude e da educação religiosa e cultural das almas (CONGREGAÇÃO PARA A CAUSA DOS SANTOS - POSITIO LIVRO IV, 1994, p. 654).

E ainda sobre como a recente Congregação deverá prover o seu sustento e viver convenientemente deverá ser:

- a) das rendas de um patrimônio próprio constituído atualmente por um grande imóvel que, além de um completo alojamento com todos locais convenientes às irmãs, está destinado em parte a: **escola de catecismo, jardim da infância, zona de recreação feminina, escola de atelier em prol de vocações eclesásticas**. A tal estabelecimento foi anexado um considerável lote de terreno cultivado em parte cereais, em parte em horta.
- b) Possui além disso, uma casa com um lote de terreno.
- c) Vive da renda dos bens frutíferos.
- d) **E do fruto de fabricações especiais do trabalho dos próprios membros: costura – bordado - ensino, etc**; de modo que, além de prover a própria manutenção, realiza considerável obra de beneficência, e cada ano aumenta notavelmente suas poupanças (CONGREGAÇÃO PARA A CAUSA DOS SANTOS - POSITIO LIVRO IV, idem, **grifo nosso**).

Na citação acima, propositadamente julgamos por bem, destacar as referências extraídas do Livro IV Positio, que trata do processo de Beatificação da Madre Mastena, na parte dos Documentos relativos à Fundação do Instituto da Sagrada Face, onde

¹⁰ Maria Pia Mastena é fortemente influenciada por esta encíclica do Papa Pio XI, sobre a ideia da reparação, já profundamente enraizada nela, toma consistência e estímulo a seguir com a encíclica *Miserentissimus Redemptor*. É o título de uma encíclica do Papa Pio XI, emitida em 8 de maio de 1928 sobre a reparação ao Sagrado Coração. Esta encíclica trata dos conceitos de Atos de Reparação e Expição, relacionados ao culto ao Sagrado Coração de Jesus. Tendo discutido a necessidade de reparação, Pio XI estabeleceu a Festa do Sagrado Coração de Jesus como um dia de reparação.

em uma carta feita de próprio punho pela Madre e endereçada ao Bispo Beccegato, pede a aprovação Diocesana das Regras do Instituto da nova Congregação. É possível perceber nos destaques que – e analisaremos mais atentamente no quarto capítulo, quando estivermos tratando sobre as práticas educacionais de Marabello - as atividades e práticas educacionais realizadas pela Irmã Maria Fernanda Marabello em Cajazeiras, na Escola São José, terão como norte, os Estatutos e as Regras da Congregação na qual ela fazia parte.

Mesmo a despeito de uma situação política violenta e ao mesmo tempo adversa pela qual passava a Itália de Mussolini e toda a Europa, vivendo a realidade da Segunda Guerra Mundial, a Congregação das Irmãs da Sagrada Face vive um importante período de expansão. Neste período compreendido da Segunda Guerra Mundial, a “Europa se tornou um verdadeiro matadouro de vida humana. A Itália não pôde sustentar o enorme peso da guerra. Os soldados italianos espalhados por todos os lugares não podiam resistir às forças dos Estados Unidos, Brasil, Inglaterra, França que eram contra” (MARABELLO, 1986 p. 61). Portanto, entre os anos de 1936, ano da primeira aprovação da Regra e do Instituto como Congregação de Direito Diocesano, e de 1951, ocaso da movimentada e complexa existência humana de Maria Pia Mastena, a Congregação entra em um áureo período de expansão no qual a obra da Madre Fundadora e a sua recente Congregação avançam e crescem sem obstáculos, realizando sua missão de caridade e apostolado em benefício do povo. De acordo com Maria Fernanda Marabello, “terminada a guerra, a Fundadora preocupou-se em reformar a Casa Mãe. O número de suas filhas aumentava cada vez mais, ao ponto de surgirem novas dificuldades, como aposentos. Por isso, algumas dormiam no chão” (MARABELLO, 1986 p. 66). A Congregação apesar de estar vivendo no período de uma grande guerra, torna-se, nos lugares em que existe casas da Congregação, um apoio de solidariedade no meio da comunidade local, sofre e participa de suas angústias e esperanças levando o Carisma da nova Congregação a tantos lugares e, ao mesmo tempo, promovendo na vida das irmãs uma maior adesão e vivência da caridade.

Julgamos importante salientar várias datas nesse período para compreender melhor tanto a maturidade da fundadora, quanto da sua mais nova fundação, destacando, sobretudo, o caráter de expansão do Instituto:

1936 – Em 3 de fevereiro, casa Santo Erasmo (CIDADE DE VERONA), abrem a Escola maternal e desempenham atividades paroquiais.

1938 – 08 de agosto - casa Cogollo del Cengio (CIDADE DE VICENZA), abrem a Escola Maternal e desempenham atividades paroquiais.

1938 – Chioggia (CIDADE DE VENEZA) abrem a Escola maternal e desempenham atividades paroquiais.

1941 – Em 14 de abril de 1941 (CIDADE DE ROMA), abrem um estudantado e atividades assistenciais a domicílio.

1942 - Na CIDADE DE ROMA: um nova Casa onde abrem um restaurante Popular para os Pobres.

1942 – Em 7 de setembro (CIDADE DE SARTEANO), inauguram Obras paroquiais e um orfanato.

1944 – Em Candelú (CIDADE DE TREVISO), abrem uma Escola Maternal e desempenham atividades paroquiais.

1946 – Em Radicofani (CIDADE DE SIENA): atividade hospitalar.

1947 – Em Peveranza (CIDADE DE VARESE), abrem uma Escola maternal e desempenham atividades paroquiais.

1948 – Barbisano (CIDADE DE TREVISO), abrem uma Escola Maternal e desempenham atividades paroquiais.

1949 – Chiarano (CIDADE DE TREVISO), abrem uma Escola Maternal e desempenham atividades paroquiais.

1949 – Carate Brianza (CIDADE DE MILÃO), criam um internato de operárias.

1949 – Na CIDADE DE MILÃO: enfermagem a domicílio.

1951 – Em 21 de junho de 1951, na CIDADE DE TOULON na França, abrem a Clínica Notre Dame.

Esse é um período da vida da fundadora e da nova Fundação representado por uma forte expansão da Congregação. De acordo com o testemunho da irmã Maria Arcadia Nardin (1990):

O infatigável zelo da serva de Deus ansiava por ultrapassar logo as fronteiras. Foi assim que no ano de 1951, enviou uma comunidade religiosa aos emigrados italianos em Toulon, França. Com tal realização, denominada naquele tempo de “missionária”, a Madre terminava sua longa jornada terrena empregada somente para a glória da Santa Face e para o socorro dos irmãos mais necessitados (NARDIN, 1990, p. 67).

Desde o ano de 1933, na carta-pedido de aprovação da nova Congregação, percebemos, mesmo que ainda embrionário, um projeto de vida idealizado pela Irmã Maria Pia Mastena, fundadora da nova ordem, que se apresenta em forma de constituições ou normas. Tanto a educação escolar quanto as atividades manuais de fabricações especiais – tais como a costura e o ensino – já se apresentavam como nortes reguladores para a vivência do carisma que ora se apresentava como vocação religiosa. As atividades de corte e costura e a prática do ensino na escola já era algo que a congregação estabelecia como norma canônica em seus estatutos.

Dessa forma, tais diretrizes canônicas serão de relevada importância, se não o ponto fulcral que marcará a atividade pastoral e educacional da nossa biografada Maria Fernanda Marabello, sobretudo no que diz respeito às suas práticas educacionais e encaminhamentos práticos para a sua postura frente às demandas da sua missão como religiosa e como educadora. Neste aspecto será possível compreender, que na vida de Maria Fernanda Marabello, as suas posturas no campo da evangelização e da educação serão marcadas e pautadas por aquilo que estava posto como lei ou norma nos estatutos da Congregação Religiosa da Sagrada Face. Tais características e finalidades da Congregação no campo do apostolado e das atividades, sobretudo no campo da educação ou atividades caritativas, já estavam postas como sinais, na história de vida da fundadora Maria Pia Mastena.

Depois como diretora e idealizadora de instituições caritativo-educativas, e como assistencial e social: funda em Miane um orfanato, uma escola de recuperação, um círculo recreativo, um jardim de infância e asilo. A sua criatividade é fecunda: entre 1930-1936, funda em San Fior, uma creche e uma mesa popular para as crianças pobres e um laboratório estudantil para os jovens. Outra dimensão é a de fundadora, onde vemos ela edificar a “Pia obra de Socorro”, que será as raízes da nova congregação das Religiosas da Sagrada Face (ALMEIDA, 2010, p. 20).

Segundo Almeida (2010), as raízes desta nova Fundação, a Congregação das Religiosas da Sagrada Face, estavam sendo edificadas sob a égide de uma ação social caritativa aliada a uma atividade religiosa de expansão da fé e da Doutrina Católica. Percebemos que desde as suas origens, tal congregação estava aliada com o pensamento religioso católico quanto à urgência de uma educação cristã voltada para a educação do homem integral, ou seja, o homem todo, espírito unido ao corpo em perfeita unidade de natureza.

Neste sentido, o pensamento da Igreja, no campo educacional, estará pontificado através da encíclica *Divini illius Magistri*,¹¹ de dezembro de 1929, escrita pelo Papa Pio XI. E de acordo com Almeida (2010), os papas Pio X, Pio XI e Pio XII exerceram grandes influências no pensamento, e na construção da espiritualidade da nova congregação que estava sendo fundada. Foi em homenagem ao Pio XII que a fundadora da Congregação adotou o nome de Maria Pia. Portanto, o pensamento de Maria Pia no campo da educação, quando voltado à evangelização como prática estatutária da Congregação, estará numa estreita consonância ao pensamento da Igreja à época, a saber, a ideia de uma educação integral, voltada ao homem todo, mente e espírito, corpo e alma, natureza e graça. Neste sentido, é possível afirmar que a Madre Pia Mastena se apresenta como uma intérprete de uma mentalidade da sua época histórica.

Com efeito nunca deve perder-se de vista que o sujeito da educação cristã é o homem, o *homem todo*, *espírito unido ao corpo em unidade de natureza*, com todas as suas faculdades naturais e sobrenaturais, como no-lo dão a conhecer a reta razão e a Revelação: por isso o homem decaído do estado original, mas remido por Cristo, e reintegrado na condição sobrenatural de filho de Deus. Devem-se, portanto, corrigir as inclinações desordenadas, excitar e ordenar as boas, desde a mais tenra infância, e sobretudo deve iluminar-se a inteligência e fortalecer-se a vontade com as verdades sobrenaturais e os auxílios da graça, sem a qual não se pode, nem dominar as inclinações perversas, nem conseguir a devida perfeição educativa da Igreja, perfeita e completamente dotada por Cristo com a divina doutrina e os Sacramentos, meios eficazes da Graça (PIO XII, 1965, p.12, *grifo nosso*).

A encíclica papal, datada do ano de 1965, ecoa a ideia de um tipo de homem que deverá ser educado: o cristão. Esclarece de que maneira este homem deverá ser inserido em uma estrutura de ensino que vise prioritariamente um tipo de progresso intelectual, cultural e social. A encíclica de PIO XII se tornará um tipo de diretriz para a Congregação nascente em San Fior. Pois ela, como tal, traz uma discussão sobre a educação a partir de um pensamento central antropológico e Cristocêntrico, fundado numa definição de homem criado à imagem e semelhança de Deus e que estará em vista da reconstrução da imagem – espiritual, humana e social – do homem. Segundo

¹¹ Na *Divini Illius Magistri*, de 31 de dezembro de 1929, o Papa Pio XI estabelece as características gerais da educação Cristã e defende o direito das famílias de educarem seus filhos, como a concessão inicial e anterior do Estado. Este documento exprime os conceitos e princípios destinados a orientar a atuação da Igreja Católica no campo da educação. Um dos pontos fundamentais da encíclica é a relação indissociável entre a educação e a religião católica. A escola cristã é valorizada como local destinado à educação, ao passo que há a rejeição completa da escola laica e mista.

a própria Maria Fernanda Marabello (1986, p. 33), “a espiritualidade da Congregação das Irmãs da Sagrada Face tem a sua raiz na mensagem bíblica do “homem criado à imagem e semelhança de Deus (Gen 1,26-27)”.

Podemos perceber, a partir de uma compreensão histórica, que a Congregação das Religiosas da Sagrada Face está inserida, desde a sua fundação, em linha do tempo de interpretação e vivência de congregações religiosas que, sendo frutos do seu tempo histórico, serão fiéis representantes dessa mentalidade religiosa no que se refere às novas fundações religiosas.

A vida religiosa na Igreja Católica Apostólica Romana teve início no século IV, por iniciativa de homens e mulheres que, diante da decadência generalizada do Cristianismo da época, propuseram um “processo mais radical de viver a pureza do Evangelho” (NERY, 2001, p. 28). Ainda segundo este autor, a história da vida religiosa pode ser dividida em três ciclos: Monaquismo¹², Ordens Mendicantes e Fase da Diaconia. As mulheres estiveram presentes em todos os ciclos de maneira ativa, criativa e inovadora, embora as suas contribuições tenham sido, de maneira geral, desvalorizadas, invisibilizadas e silenciadas pela História, principalmente pela História da Igreja, marcada profundamente pelo machismo e pelo sexismo.

A fundação da Congregação das Irmãs da Sagrada Face se insere no contexto histórico de mudança de mentalidade que está relacionado ao terceiro ciclo da história da vida religiosa, ou seja, a fase da Diaconia. “[...] a bem-aventurada Maria Pia Mastena se situa neste círculo da diaconia e do serviço; ela experimentou a germinação e reações espirituais durante o século XIX” (ALMEIDA, 2010, p. 46). Como também a Congregação por ela fundada, Irmãs da Sagrada Face, possui os seus elementos constitutivos vindos desse contexto e espiritualidade.

O terceiro grande círculo da vida religiosa é o da diaconia e do serviço da caridade, tendo o seu início com São João de Deus e logo em seguida, com Santo Inácio de Loyola, sendo este uma junção de oração e missão. Também esse período será marcado por Santa Tereza D’Ávila, uma das grandes reformadoras da vida religiosa feminina no ocidente. Ela vai resgatar o valor da vida religiosa feminina. [...] neste tempo, multiplicam-se as Congregações femininas para servir nas áreas de saúde e da educação (ALMEIDA, 2010, p. 44).

¹² Etimologicamente “monaquismo” vem do grego *moncos*, ou seja, aquele que está só; designa uma forma de vida cristã totalmente consagrada a Deus no retiro, no silêncio, na oração, na penitência e no trabalho.

Dessa forma, é possível compreender que a Congregação das Irmãs da Sagrada Face, como instituição e como nova fundação, responde a uma necessidade histórica da Igreja no que se refere ao desenrolar da história da instituição religiosa, onde ela se encontra marcadamente inserida no contexto do surgimento das congregações do círculo das diaconias e ainda, responde à necessidade de uma nova concepção de homem, carente de uma atenção agora, não somente espiritual, mas material; não somente para a alma, mas para o corpo.

A Congregação das Irmãs da Sagrada Face é fruto de uma época onde a ideia postulada pela Igreja em seus documentos pontifícios, sobretudo no campo da educação e da evangelização, era de que é preciso evangelizar e educar o homem na sua constituição de integralidade e totalidade. A Congregação nascendo desse fundamento e a partir de uma visão Cristocêntrica do homem e do mundo, tendo a “Face de Cristo” como aspecto humano primordial de adoração, veneração e culto, terá como centralidade o aspecto da Face de Cristo.

A SdD (Serva de Deus) soube colocar no centro da sua vida aquele Deus que por amor criou o homem à sua imagem e semelhança, destinando-o à eterna comunhão consigo. Compreendeu que o homem, todo homem, deve reencontrar a sua identidade, modelando-se sempre mais a exemplo de Cristo, o homem novo. Pode-se dizer que, certos aspectos, ela antecipou os tempos. Em uma sociedade como a de hoje, na qual o homem parece ter perdido o verdadeiro sentido da vida, sua mensagem torna-se verdadeiro apelo à redescoberta da dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus e redimido por Cristo. Esse Deus, que se revelou plenamente a nós por seu Filho, verdadeira imagem do Deus invisível (POSITIO, livro I, ano 1994, p. 62).

Assim, vemos que tal Congregação se torna uma grande realizadora de atividades e ações caritativas, a exemplo pessoal de vida da sua Madre Fundadora que “foi sempre professora de escolas públicas, agente de pastoral e diretora de instituições caritativo-educativas e de assistência social” (ALMEIDA, 2010 p. 20). A Congregação das Irmãs da Sagrada Face adota um perfil evangélico de fundação de casas de orfanato, escolas e outras diversas atividades assistenciais (Imagem 20).

Imagem 20: Pia Mastena ao centro, rodeada de crianças das atividades escolares da Congregação.



Fonte: Congregação das Irmãs da Sagrada Face.

Desde a sua fundação, quase em anos sequenciais, a Congregação das Irmãs da Sagrada Face abre casas de missões em outras cidades e a este empreendimento alia-se atividade de expansão da comunidade, com a abertura de escolas maternas e postos de saúde oferecendo serviço de enfermagem à comunidade local. Podemos compreender, a partir disso, que para a congregação a atividade escolar, entre tantas outras atividades, se configurava como uma atividade “carro-chefe” na lógica da expansão da comunidade e a sua implantação em outras cidades da Itália ou até mesmo em outros países, como no caso do Brasil, na chegada da Congregação à cidade de Cajazeiras em fevereiro de 1977, tendo Maria Fernanda Marabello como Superiora da nova casa de missão.

A atividade escolar, como uma das atividades principais da prática pastoral da congregação, era como um *modus operandi* que fazia parte da estratégia da Congregação para infiltrar-se em novas localidades, interpenetrando a cultura local e a história do povo. Apreende-se, assim, que tal estratégia da Madre Pia Mastena não se tratava de uma simples ação aleatória, assistemática ou de improviso. Pelo contrário, fica evidente que “a emergência da educação como um fenômeno de aculturação tinha na catequese a sua ideia-força” (SAVIANI, 2012, p. 31).

A catequese e a educação, no interior das ações de expansão da Congregação, eram forças integradas empregadas em vista das finalidades da Congregação. Nada estava isolado ou desconexo, mas tudo estava numa construção simbiótica de relações de causas, finalidades e metas. Em poucas palavras, podemos afirmar que aliar catequese e educação na política de expansão da Congregação é parte

fundamental de uma estratégia de conhecimento e dominação. O pensador e historiador francês Michel de Certeau (1998) desenvolve com maestria a categoria conceitual da “estratégia” no campo do conhecimento e nas estratégias de dominação de uma realidade.

Em Certeau (1998), a estratégia é uma entidade que é reconhecidamente uma autoridade, podendo até mesmo ser representada por uma instituição. Uma estratégia pode ter o status de ordem dominante que se manifesta por seus ritos de operação ou nos seus produtos. Como a estratégia usa recursos dedicados, específicos, dinâmicos, mas sistemáticos, representando um enorme investimento de espaço e tempo, a sua identidade e o seu *modus operandi* já são em si determinados.

Em Certeau, a estratégia é fixa, portanto, inflexível, pois tem em si a propriedade de algo próprio. O conceito de estratégia refere-se a uma ação que supõe a existência de um lugar próprio, como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade. As estratégias são capazes de produzir símbolos e significados e impor uma realidade social, uma mentalidade histórica ou um comportamento durável. Dessa forma, a atividade escolar como uma das atividades principais da prática pastoral da Congregação, era o *modus operandi* estratégico da ordem religiosa, que fazia parte do ser mesmo da Congregação para infiltrar-se em novas localidades, dominar e criar mentalidades, apropriando-se da cultura local, como estratégia para poder se inserir melhor na comunidade.

Em Certeau (1998), a estratégia pode ser considerada como a ordem dominante, a qual, na tentativa de manter uma ordem social, impõe normas sobre o comportamento dos indivíduos. Em contrapartida, a tática é apresentada como a “arte do fraco”, o qual se utiliza de manobras para reinventar o cotidiano. Dessa forma, o próprio seria um lugar que permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter certa independência. De acordo com Leite (2010, p. 746), esse “próprio” pode ser considerado como uma espécie de “demarcação espacial”, comparado a uma trincheira de guerra, na qual é possível vigiar e gerir ações em direção a alvos específicos.

Chamo de estratégia, o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças [...] Mas é mais exato reconhecer

nestas estratégias um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio (CERTEAU, 1998, p. 100).

No interior das regras e normas na Congregação das Irmãs da Sagrada Face, o fazer educacional não se constituía como uma realidade fortuita ou insignificante. Pelo contrário, para a Congregação, a educação se constituía como este lugar circunscrito, como algo legítimo e próprio para ser a base de onde se pode “gerir relações”. Ter um espaço de educação cristã, escola e catequese de crianças em todas as casas de missão abertas tanto na Itália, quanto em outras partes do Mundo, onde a Congregação chegasse, se constituía como uma estratégia fundamental para a Congregação no que diz respeito à sua expansão sistemática e sólida.

Na ocasião do pedido de aprovação canônica da Congregação pelo então Bispo da época Dom Beccegato, em 24 de janeiro de 1934, assim se refere às finalidades da instauração da Congregação como de todo trabalho essencial comum às pessoas consagradas em seu estado religioso, aqui no caso, freiras religiosas, a saber: “a) *educação e instrução da juventude feminina nas escolas*, ateliers e centros de recreação; b) à assistência à infância nos jardins de infância, patronatos, etc.; c) à assistência ao próximo, em qualquer situação de necessidade, nos hospitais, asilos e orfanatos” (1994, p.662, *grifo nosso*).

A questão da educação era algo que fazia parte no núcleo das atividades pastorais e missionárias da Congregação. Tanto é assim, que fica claro em seus estatutos, normas e regras da instituição, no que se refere à organização interna e administrações das casas de missões. De acordo com as constituições da congregação, na disposição de governo em grau de hierarquia entre seus membros consta: “a) Superiora ou Diretora; b) Vice-Diretora; c) Ecônoma; d) Duas irmãs destinadas ao Atelier Apostólico, onde trabalham cerca de 30 pequenas operárias apostólicas” (1994, p. 662, *grifo nosso*).

A Superiora ou Diretora era aquela que exercia o poder de governo na casa e sobre as outras irmãs - geralmente era a mais antiga na Congregação, com uma relativa experiência na área de administração e que possuísse no currículo formação na área de ensino ou de pedagogia – tal Superiora e Diretora exercia o governo administrativo, pastoral e era responsável pela organização interna dos serviços e trabalhos da casa, relacionados às outras irmãs. A Superiora era também, de maneira

natural, a Diretora da escola na qual a Congregação assumiria como missão e como atividade pastoral na área paroquial que estivesse inserida, ou seja, a realidade da administração escolar era algo perfeitamente previsível e obrigatório para um trabalho profícuo da Congregação em determinada localidade.

A Congregação na pessoa da Madre Maria Pia e no corpo de governo da instituição nascente assume totalmente as diretivas no campo da educação, da encíclica do Papa Pio XI sobre a educação. Esta encíclica, *Divini Illius Magistri*, trata-se de uma carta apostólica dirigida a todos os cristãos católicos e que tem como objetivo principal estabelecer os princípios constantes da função das famílias educarem seus filhos como direito natural inicial e anterior ao Estado. Trata-se, portanto de uma carta orientadora e diretiva sobre a educação cristã dos jovens.

Na verdade, nunca como nos tempos presentes, se discutiu tanto acerca da educação; por isso se multiplicam os mestres de novas teorias pedagógicas, se excogitam, se propõem e discutem métodos e meios, não só para facilitar, mas também para criar uma nova educação de infalível eficácia que possa preparar as novas gerações para a suspirada felicidade terrena (PAPA PIO XI, 1929, p. 2).

No trecho acima, o Papa Pio XI, quando faz referência aos “mestres de novas teorias pedagógicas”, está se referindo a uma nova educação, fundada nos preceitos e nas diretrizes cristãs para um ensino que possa “em última análise, assegurar o Sumo Bem, Deus, às almas dos educandos, e a máxima felicidade possível, neste mundo, à sociedade humana” (1929, p. 3) e ainda, às suas várias influências em todo o mundo. Afirmava, ainda, que o avanço de tais ideias pedagógicas não diretivas, mas dialógicas, contradizia uma educação centralizada e autoritária, na qual o professor era um dono de saberes e seus alunos tábuas rasas que existiam como seres apáticos e inativos. Aquele modelo viria a ferir a relação hierárquica de poder e saber entre os clérigos (mestre/professores) e os seus súditos (alunos/aprendizes).

Desta forma, a não centralidade na educação e a sua não diretividade poderia promover o caos. Veremos que a Congregação das Irmãs da Sagrada Face assume tanto a mentalidade educacional quanto a prática pedagógica vinculada a este modo de compreender a educação, pontificada pela encíclica do Papa.

É, portanto, da máxima importância não errar na educação, como não errar na direção para o fim último com o qual está conexas íntima e necessariamente toda a obra da educação. Na verdade, consistindo a educação essencialmente na formação do homem como ele deve ser e portar-se, nesta

vida terrena, em ordem a alcançar o fim sublime para que foi criado, [...], isto é, depois que Deus se nos revelou no Seu Filho Unigênito que é o único “caminho, verdade e vida”, não pode dar-se educação adequada e perfeita senão a cristã (PAPA PIO XI, 1929, p. 3).

Em sua propositura, o Papa Pio XI, intérprete e porta voz oficial do pensamento da Igreja, faz referência a um modelo de educação, a verdadeira, legítima, aquela que preserva o caminho para a salvação: a educação cristã. Para a compreensão da Igreja à época, a educação mundana ou a pedagogia novista trazem os temas terrenos e suas dúvidas, a ciência despótica e suas verdades, as quais contrariam a vontade divina. Para a Igreja Católica, um dos grandes inimigos, quiçá se não o grande rival da educação é uma educação sob total orientação e controle do Estado.

Por isso a Encíclica, de maneira incisiva, questiona e condena as instituições que defendem o primado da educação familiar sob a total administração estatal. Cabe, portanto, à família o direito de educar. A Encíclica registra que são três as fontes responsáveis pela educação, duas de ordem natural: a família e a sociedade e a terceira de ordem sobrenatural: a igreja.

Dessa forma, veremos que a Congregação das Irmãs da Sagrada Face se torna autêntica porta voz dessa ideia ou de um ideal de educação, tanto no campo da administração de suas casas, quanto na administração das escolas por elas assumida. Não é estranho que seja assim, visto que estamos a falar de uma Congregação Religiosa que em um primeiro momento tem uma professora como artífice desse chamado a uma vida religiosa e ao mesmo tempo, tentando conciliar na sua vida estes dois chamados: a profissão no Magistério e a vida religiosa.

Os dilemas vividos no interior da jovem Maria Pia Mastena irão repercutir e influenciar decididamente no processo de fundação da nova Congregação, sobretudo, no que diz respeito a uma nova postura e um novo redirecionamento das suas práticas no campo da escolarização e do ensino por parte da congregação. Inegavelmente, o espírito do Concílio Vaticano II, com suas encíclicas papais, influenciou nas estruturas e disposições internas das Congregações Religiosas das décadas de 1960 e 1970 como um todo e na Congregação das Irmãs da Sagrada Face, de modo particular.

A realização do Concílio Vaticano II, nos anos 60, em Roma, apresenta-se como um marco na direção de alterações profundas da Igreja. Retomando um pensamento já corrente em certos meios eclesiais, a Igreja Católica reorientou em grande parte sua ação e a interpretação de seu corpo doutrinal.

Agentes eficazes de difusão das ideias católicas, as religiosas deveriam apropriar-se desse novo discurso. O aparelho eclesiástico colocou então em ação um enorme conjunto de atividades, tendo em vista a “renovação de mentalidade” das religiosas. O sistema organizacional rígido das congregações e seu discurso legitimador eram considerados ultrapassados diante das profundas transformações sociais e culturais havidas (DEL PRIORE, 2017, p. 496).

Por isso, não é estranho que o problema da educação, seja uma das questões centrais - aliada a muitas outras, tais como a questão da saúde ambulatorial e residencial, a catequese de crianças, orfanatos, casas de apoio aos pobres e ainda o apoio financeiro aos seminaristas - que a sua Congregação irá tomar para si como um dilema a ser assumido e como uma missão dada pela Igreja e que, portanto, deverá ser cumprida pela Congregação.

Tal desafio de educar o homem todo, o homem integral sob a égide de uma educação cristã era ao mesmo tempo as diretrizes oficiais da Igreja à época para as Congregações e para institutos religiosos femininos que irão sofrer profundas intervenções pela Igreja em vista do início de um processo de renovação e atualização dos seus mecanismos de atuação. De acordo com Maria José Rosado Nunes (Apud DEL PRIORE 2017, p. 496):

A partir de um documento do Concílio Vaticano II sobre a vida religiosa, um outro documento foi elaborado com o objetivo de estabelecer normas para a execução dos princípios conciliares. Ele determinava a obrigação de cada ordem religiosa de promover uma reunião especial – “capítulo de renovação” - para a reelaboração das leis internas que regiam a vida dos diferentes grupos. Roma chegou a interferir diretamente, através de bispos locais, nas congregações que se recusavam a cumprir suas ordens de mudança. Isso mostra o grau de interesse da Igreja Católica, nesse momento, no processo de reforma dos institutos religiosos.

A própria Maria Fernanda Marabello vai se referir a este contexto de mudanças pós Concílio Vaticano II, com a norma dos princípios conciliares com relação ao “capítulo de renovação”, como um período muito importante para toda a Congregação:

Neste período, conforme as diretrizes do Concílio Vaticano II, houve o Capítulo Geral Especial para a revisão e adaptação da Regra de Vida. Este foi um período muito importante para toda a Congregação, tanto que pelo Capítulo Especial como pela reconstrução da casa mãe (MARABELLO, 1986, p. 81).

A Congregação das Irmãs da Sagrada Face é fruto de uma época conturbada e de sérias mudanças no campo do pensamento teológico, dogmático e pastoral da Igreja. E aqui nos interessa, entre uma gama de outras mudanças que ocorrerão a

partir do Concílio Vaticano II, aquele que acontece tanto no campo das reconfigurações dos Institutos religiosos quanto na mentalidade pastoral acerca do perfil e características da educação cristã. De acordo com a encíclica *Divini Illius Magistri*, será de responsabilidade da sociedade perfeita, determinar as diretrizes educacionais, porém, fielmente obediente à terceira fonte de ordem educativa - a sociedade sobrenatural, investida na Igreja.

[...] é ela mestra suprema e seguríssima dos homens, e lhe é natural o inviolável direito à liberdade de magistério. E por necessária consequência, a Igreja é independente de qualquer autoridade terrena, tanto na origem como no exercício da sua missão educativa, não só relativamente ao seu próprio objeto, mas também acerca dos meios necessários e convenientes para dela se desempenhar (PAPA PIO XI, 1929, p. 5).

Dessa forma, percebemos que a evangelização, vinculada ao ensino nas chamadas aulas catequéticas, consistia no ensino da doutrina católica e tinha como foco principal “formar o cidadão” ou a fé católica, termos que podemos perceber nas configurações históricas sob as quais nasce a Congregação; trata-se também de um projeto político e religioso.

3.2 Maria Fernanda Marabello: fiel imitadora da fundadora da Congregação das Irmãs da Sagrada Face, Madre Pia Mastena

“Não tinha discurso que não falasse da Madre Fundadora como exemplo de mulher, de grande fé e amor. Era observante fiel da regra de vida” (**Irmã Luiza – Religiosa da Sagrada Face**).

Imagem 21: Pia Mastena ao centro e Irmã Maria Fernanda Marabello no lado esquerdo.



Fonte: Congregação das Religiosas da Sagrada Face.

Maria Fernanda Marabello, entre a primeira turma das irmãs que vieram para o Brasil no ano de 1977, quando da ocasião da abertura da primeira casa de missão fora da Europa, foi a única que tivera um longo período de convivência e conhecimento da Madre Pia Mastena. Assim como a Madre, ela também possui diploma de professora primária. Sobre esta relação de proximidade e de familiaridade, assim Maria Fernanda se refere no Livro II do *Decretum Super Validitate Processus*, quando depõe como testemunha ocular no processo de Beatificação da sua Madre Fundadora:

Conheci a Serva de Deus em julho de 1938, em San Fior, na casa madre da Congregação e até o dia 08 de outubro de 1939, data do meu ingresso no instituto, tive com ela correspondência epistolar. Vivi frequentemente a seu lado, tanto em San Fior quanto em Roma, com a familiaridade que uma filha tem com a própria mãe (CONGREGAÇÃO PARA A CAUSA DOS SANTOS - POSITIO LIVRO II, 1994, p.3).

Pelo depoimento acima, da própria Maria Fernanda Marabello é possível compreender que a relação da jovem noviça de apenas 15 anos de idade com a sua Madre fundadora não era simplesmente uma relação amistosa, superficial ou muito menos rígida, aos moldes das relações hierárquicas existentes no interior de grande parte das Instituições religiosas. Com isso, não queremos deixar entrever que não houvesse uma relação de obediência à sua superiora. A ideia de lançarmos mão do depoimento da Religiosa como testemunha ocular no processo de beatificação da Madre Pia Mastena nos ajudará a nos apossar “do que ele nos deixa entender, sem haver pretendido dizer” (BLOCH, 2001, p. 78).

Maria Fernanda Marabello, desde o tempo do seu noviciado, na troca de cartas, já se sentia familiar, “[...] uma filha tem com a sua mãe” (MARABELLO, 1994, p 03). No interior desta relação familiar, a noviça vai se tornando, passo a passo, íntima e confidente da Madre Pia, chegando a conhecer os parentes e familiares mais próximos, tanto o irmão sacerdote Padre Tarcísio, quanto os sobrinhos da Madre.

Maria Fernanda Marabello em seu livro: *uma Apóstola da Sagrada Face* (1986), publicado em Cajazeiras, de forma independente, por ocasião do cinquentenário da ereção canônica da Congregação, biografava a Madre Maria Pia Mastena, constituindo-se assim como a primeira publicação brasileira sobre a Congregação. Nesta obra, a religiosa faz uma declaração que a torna uma distinta confidente da Madre Pia. E

assim fica ainda claro que Maria Fernanda Marabello tinha uma inegável relação prestigiosa de confidências. A confidência relatada por Maria Fernanda Marabello trata-se de uma visão que a Madre teve aos 09 anos de idade e se concretizava no sinal de consagração que, agora, as irmãs consagradas na Congregação carregavam sobre o peito:

A Madre Fundadora revelou a uma de suas filhas uma visão que teve com nove anos. Ela viu uma Cruz com a Face de Cristo no meio. Vamos ouvir o que nos conta a irmã que teve a sorte de receber esta confidência: Era um dia de verão em 1947, estava passando pelo refeitório, para ir para a cozinha, quando vi que a Madre estava escrevendo. Para não incomodá-la, tentei sair para o pátio. Percebendo, ela me chamou. Pensei comigo mesma! Ela vai dizer-me alguma coisa muito bonita porque o seu rosto está luminoso e seus olhos brilham de emoção. Tinha nas mãos o seu diário espiritual. Leu-me algumas linhas, onde falava do seu voto de maior perfeição e do Amor de Deus. Depois, sorrindo, com os olhos que espelhavam luz, levantando a mão ao lado esquerdo, me disse: “Vê a Cruz que agora todas vocês têm no peito, assim como é, eu a vi quando tinha nove anos” (MARABELLO, 1986, p. 50-53).

Esta relação de intimidade e de familiaridade entre Maria Fernanda Marabello e a sua Madre Fundadora vai contribuindo para que ela, como nova discípula, assimile, de forma subjetiva, a sua personalidade e o seu caráter, sobretudo na maneira de responder ao chamado de Deus e a forma de conviver com as pessoas ao seu redor, deixando transparecer a alegria da sua decisão. Surpreendentemente, a sua relação com a Madre Pia Mastena vai se tornando a cada passo uma espécie de processo de configuração da discípula à mestra, quando “naquele momento, por certo, eu não entendi a maravilhosa confidência que a Madre Fundadora me fazia” (MARABELLO, 1986, p. 53).

Ainda sobre este fato é importante destacar que não se tratava de um acontecimento que era de conhecimento público dentro da Congregação. Percebemos nesse caso, que a cumplicidade existente entre ambas era de fato evidente. Tanto que a própria Maria Fernanda Marabello, em depoimento no processo de Beatificação da Madre Pia, sente a necessidade de fazer referência porque muitas irmãs não tinham conhecimento do fato ocorrido:

Eu pensava que todas as irmãs conhecessem o fato, mas vi que nenhuma falava disso, depois da morte da Serva de Deus, senti-me no dever de descrevê-lo e agora o narro tal qual o encontro no escrito daquela época, que ainda se conserva [...] (CONGREGAÇÃO PARA A CAUSA DOS SANTOS - POSITIO LIVRO II, 1994, p.45).

Madre Maria Pia Mastena deixou “seus traços pessoais na sua espiritualidade, que tem muito da sua personalidade e carisma” (ALMEIDA, 2010, p. 60). Assim, concordamos que Maria Fernanda Marabello, por ser uma das noviças que teria convivido muito mais tempo com a Madre Mastena, será uma das discípulas que mais se aproximará de uma imitação do estilo de vida, proposto pela Madre Fundadora, estabelecido na Regra de vida da Congregação das Irmãs da Sagrada Face. Maria Fernanda Marabello será uma das primeiras religiosas - pelo menos ao que tange o primeiro grupo de Irmãs que vieram para o Brasil em fevereiro de 1977, a absorver de maneira vivencial estes “traços pessoais da personalidade e da espiritualidade do carisma”.

A vida de Maria Fernanda Marabello foi marcada pela sua vivência da Regra de vida da Congregação e os estatutos da nova família religiosa. Não que isto nos pareça algo surpreendente, visto que é o mínimo que se espera de uma postulante que pleiteia ingressar numa ordem religiosa, no caso aqui de uma Congregação. A afirmação feita sobre Maria Fernanda Marabello, no que diz respeito em ela ter a sua vida inteira marcada por um seguimento fiel da Regra de vida da Congregação, aliada a uma devoção à sua Madre fundadora e uma obediência resoluta a ela, afirmamos assim, que Maria Fernanda Marabello não foi senão uma discípula da sua congregação, observante da regra, dos estatutos e da norma da Congregação da Sagrada Face.

Dessa maneira, compreendemos que ela assumiu com a sua vida as posturas fundacionais desta nova forma de vida, tanto nas suas aspirações e intuições pessoais, quanto por ocasião do governo da casa de missão que fora aberta no Brasil em fevereiro de 1977.

Maria Fernanda Marabello em sua vida buscou ser uma fiel imitadora da sua fundadora Madre Pia Mastena, fundadora da Congregação das Irmãs da Sagrada Face; não que isto significasse que Maria Fernanda abria mão de ser quem ela era na especificidade de personalidade, de temperamento e subjetividades, mas buscava viver fidelidade ao espírito da vivência do carisma da nova Congregação, sobretudo, expressa nas suas ações administrativas, de governo, pastorais e também no campo das suas práticas escolares à frente da casa como Superiora Geral e/ou à frente da Escola e do Centro Social São José.

Havia assim um *modus operandi* que estava prescrito no espírito da regra de vida e nos estatutos da Congregação sobre a finalidade da superiora da Congregação, sobre a estrutura das casas de missão, seu funcionamento, sobre as atividades que deveriam ser desenvolvidas pelas irmãs, sobre a Obra de apostolado eclesiástico e missionário, sobre as rendas e patrimônios da Congregação, sobre o hábito (vestimentas) das irmãs, sobre o método de vida e as estruturas físicas internas das Casas da Congregação e sobre as atividades na área social que deveriam ter excelência de prioridade no fazer da Instituição.

A regra de vida estabelecia ainda em que consistiam de maneira específica o objetivo e as finalidades das obras de caridade para com o próximo, a saber: “a) à educação e instrução da juventude feminina nas escolas, ateliers e centros de recreação; b) à assistência ao próximo, em qualquer situação de necessidade, nos hospitais, asilos e orfanatos” (CONGREGAÇÃO PARA A CAUSA DOS SANTOS - POSITIO LIVRO IV, 1994, p.662).

Como uma das religiosas pioneiras da Congregação, Maria Fernanda Marabello exigia para si a responsabilidade de ter a familiaridade de uma filha e a fidelidade de uma discípula. Os doze anos vividos ao lado da Madre Mastena possibilita à religiosa uma relação privilegiada de proximidade, empatia e de seguimento. Toda a vida de Maria Fernanda Marabello será uma expressão do seu engajamento subjetivo com a Congregação e com a vida da Madre Fundadora. Em uma das passagens do seu depoimento como testemunha ocular no processo de Beatificação da Madre Pia Mastena, sobre as manifestações externas de fé, Irmã Fernanda Marabello confessa:

O que me impressionou grandemente e me fez compreender o alcance dessa virtude da Serva de Deus foi o seu constante sorriso mesmo nos momentos mais difíceis e de grandes preocupações, eu dizia de mim para comigo: como pode a Madre sorrir também hoje, depois de tudo o que aconteceu? (CONGREGAÇÃO PARA A CAUSA DOS SANTOS - POSITIO LIVRO II, 1994, p. 28).

Sobre este depoimento de Maria Fernanda Marabello pode-se inferir que o ato de se impressionar com uma atitude da sua Fundadora, está para muito mais além que uma simples admiração externa, desprovida de um compromisso interior de querer ser e imitar tal ato. Nesse caso, tratando de uma religiosa consagrada falando

sobre a sua fundadora, pode-se afirmar que o “impressionar-se” beira o firme propósito de ser fiel a si mesma, sendo fiel ao espírito da sua Madre Fundadora.

É justamente esta fidelidade de querer imitar, de desejar adotar um comportamento semelhante em circunstâncias também semelhantes ao da Madre, que percebemos no interior do seu depoimento feito por Maria Marabello no processo de beatificação da Madre Fundadora da Congregação. Em uma partilha escrita, recolhida da Religiosa Irmã Luiza, que atualmente é superiora da Casa das Irmãs da Sagrada Face com sede na Cidade de Cajazeiras-PB, em um dos últimos encontros com a Religiosa Maria Fernanda Marabello na casa de noviciado na cidade de Fortaleza, no ano de 1991, ela destaca:

No meu último encontro com Irmã Fernanda, em que eu passeava pelo Jardim do Noviciado em Fortaleza rezando o terço, vi que ela chorava. Me viu passando e me fez um sorriso regado com lágrimas. Perguntei em maneira de brincadeira: se pode sorrir e chorar ao mesmo tempo? Ela me respondeu: deixo a você o meu sorriso e levo a Deus as minhas lágrimas. Porque Ele tudo sabe, não pedirei coisa alguma. Só reza por mim. Depois de poucos dias ela morreu (Irmã Luiza, depoimento escrito, em agosto de 2018).

O intuito de confrontar os dois discursos é para, justamente, tentar apresentar como Maria Fernanda Marabello procurou em sua vida não distanciar-se do modelo que a vida da Madre Fundadora, as regras e os estatutos da Congregação representavam para ela, tanto na sua vivência pessoal, nas resoluções de seus conflitos interiores ou nos desafios e atividades da Congregação no que diz respeito ao governo e administração das atividades da Congregação na Casa de Missão em Cajazeiras, onde desde 21 de janeiro de 1977 era missionária no Brasil.

No seu livro sobre a história de vida da Fundadora e da Congregação, Maria Fernanda Marabello narra a experiência que ela viveu no período que se segue à morte da Madre Fundadora e o período de novas eleições no Capítulo Geral de 1970 quando as irmãs elegem uma nova Madre Geral e inicia-se, assim, um período de expansão da Congregação por várias cidades de Itália, inclusive a possibilidade de abrir uma casa na África ou no Brasil.

Madre Nardin com o apoio das suas conselheiras e todas as irmãs, tinha programado em abrir em 1976, uma casa na África ou no Brasil, para comemorar concretamente o quadragésimo aniversário da Ereção Canônica e o vigésimo quinto aniversário da morte da Madre Fundadora (MARABELLO, 1986, p. 82).

A vinda, chegada e instalação da Casa no Brasil representa um marco para a Congregação, visto ser “a primeira vez que as Irmãs da Sagrada Face deixavam a Europa para ir a outro continente” (MARABELLO, 1986, p. 83). Podemos dizer que era a primeira oportunidade que o carisma da Madre Maria Pia Mastena atravessava o mar do mediterrâneo para ser provado na sua originalidade de vivência, em outras terras e em outras culturas. Pela primeira vez, desde a fundação da Congregação em 1936, os traços pessoais, a espiritualidade, a personalidade e o carisma (ALMEIDA, 2010, p. 60), da Madre Pia Mastena seriam agora transmitidos pela vivência cotidiana e pelas suas atividades de administração e governo, de obras de apostolado e de serviços junto aos mais pobres.

O Senhor Bispo, Dom Zacarias, demonstrou sempre muita estima pelas Irmãs da Sagrada Face, apoiando e valorizando as *atividades socioeducativas, pastoral-catequética e de assistência aos doentes e de promoção humana delas* (MARABELLO, 1986, p. 83, grifo nosso).

Maria Fernanda Marabello elenca sinteticamente o programa de governo da Congregação das Irmãs da Sagrada Face, desde o primeiro pedido de aprovação canônica Diocesana da Congregação Religiosa, que ainda pleiteava com o nome de “Religiosas Reparadoras da Santa Face” no ano de 1933, quando foi idealizado, sonhado e executado pela Madre Maria Pia. Estas grandes linhas de frente da ação apostólica da Congregação: atividades socioeducativas, pastoral-catequética e de assistência aos doentes serão empreendidas de maneira responsável, com fidedignidade ao carisma de Maria Pia Mastena, pelas 4 religiosas que chegam ao Brasil, entre elas Maria Fernanda Marabello. “Logo começaram o trabalho religioso socioeducativo e de educação popular nos bairros e nas várias capelas; tendo sempre como destinatários os mais pobres, marginalizados (MARABELLO, 1986, p. 83).

De acordo com o Mons. Gervásio Fernandes de Queiroga, que segundo a própria Maria Fernanda, a oportunidade de escolher o Brasil se deu pela presença dele em Roma, inicialmente foi necessário que acontecesse um processo de enculturação, tanto linguístico quanto cultural, sendo necessário que “as 4 irmãs escolhidas, fizessem um curso de preparação no Seminário Latino Americano em Verona” (MARABELLO, 1986, p. 82). A julgar que deva ser natural, o processo de aprendizagem de uma nova língua é, sobretudo, quando esta se refere àquela na qual será empenhada uma missão por Religiosas que serão artífices de uma façanha ainda

não vivida pela sua Congregação. O desafio do ineditismo era uma marca na vida da Madre Fundadora, tanto quanta na vida da Congregação.

Ainda não dominando a língua portuguesa, ela dedicou-se à elaboração de subsídios catequéticos, editados, na pobreza de meios daquele tempo, por mimeógrafo. Mesmo ainda não tendo começado o processo de canonização da Madre Pia Mastena, ela mostrava entusiástica veneração pela Madre fundadora, de quem exaltava a santidade, de quem se declarava ter sido confidente, quando jovem iniciante dentro da congregação. A mim ela contou, por exemplo, a revelação que lhe fizera Madre Mastena da visão do crucifixo que foi adotado no hábito das Irmãs (QUEIROGA, 2016, depoimento escrito).

Com relação às três linhas de frente referidas anteriormente, já indicadas na Regra de Vida da Congregação, Maria Fernanda Marabello leva adiante como fiel imitadora do perfil e da personalidade da Madre Mastena no que se refere à vivência do carisma das Religiosas da Sagrada Face: “Propagar, Reparar e Restabelecer a Face de Cristo nos irmãos mais pobres”. Agora sob a administração do Padre Antônio Alves Siqueira, acontece a fundação e estruturação daquilo que seria a espinha dorsal de um projeto de evangelização e de expansão do carisma da Congregação, a partir das atividades socioeducativa, pastoral-catequética e de assistência aos doentes, levado a cabo pelas irmãs, mas liderado por Maria Fernanda Marabello.

O novo vigário, Padre Antônio Alves Siqueira, deu muito apoio às irmãs no seu trabalho pastoral-catequético na paróquia, nos bairros, nas escolas e nas capelas. Incrementou o trabalho do Centro Social para uma promoção humana cultural com o curso de corte e costura e datilografia. Incentivou e até ajudou com recursos financeiros a abertura da escola primária, denominada Escola São José, para as crianças pobres dos nossos bairros, impossibilitados de frequentar outra escola (MARABELLO, 1986, p. 83).

Mais uma vez, fica clara e evidente a fidelidade de Maria Fernanda Marabello à regra de vida, aos estatutos da Congregação das Irmãs da Sagrada Face e ao espírito da sua Fundadora, quando da organização e da administração da nova Casa de missão no Brasil, estabelecendo uma mesma frente de trabalho, tais como: trabalho com uma pastoral catequética para crianças, abertura de escola primária e um centro social com curso de corte e costura e datilografia. Não é por acaso que as Irmãs da Sagrada Face ao chegarem ao Brasil, se instalem próximo a uma Paróquia, para que dessa maneira possam aproveitar a sua estrutura de governo, de administração e linhas pastorais empregadas.

De acordo com a própria Maria Fernanda Marabello, quando faz referência justificando o fato de a Congregação ter sido fundada na cidade de San Fior, ela afirma

que “não era vontade de Deus que a congregação nascesse naquela cidade, mas em San Fior. Por que? Justamente porque a cidade italiana de San Fior *era uma grande paróquia sem religiosas que ajudasse o vigário no trabalho pastoral*” (MARABELLO, 1986, p. 29 – *grifo nosso*).

A presença de uma estrutura paroquial era essencial para a Congregação aceitar pedidos de abertura de casa de missões em outras cidades, porque uma das finalidades do envio de irmãs era para ajudar o vigário no que concerne ao trabalho pastoral. A paróquia se torna o lugar por excelência da atividade missionária da Congregação das Irmãs da Sagrada Face. Portanto, em Cajazeiras, a paróquia e o seu vigário são as realidades externas fundamentais que possibilitam a estruturação da Congregação em suas principais frentes: o trabalho pastoral-catequético, o trabalho do Centro Social para uma promoção humana cultural com o curso de corte e costura e datilografia e a abertura da Escola Primária, denominada Escola São José.

Em suma, Maria Fernanda Marabello, se apresenta no seu ser e fazer como religiosa, uma expressão da Congregação da qual ela faz parte. A partir desta ótica de leitura da sua vida, do seu perfil de religiosa, aliada à vida da Madre Fundadora enviesada com questões centrais de parte da história da Congregação, fica evidente que a semelhança entre ambos contextos não é fortuita ou desconexa. Pelo contrário, em sua vida pessoal e em seu fazer missionário como religiosa, Maria Fernanda Marabello, empenhou-se na busca de imitar em tudo a sua fundadora, sendo fiel ao carisma da sua Congregação.

Deste modo, buscaremos no próximo capítulo, analisar como se deu o processo de instalação, acomodação e funcionamento desta Congregação na cidade de Cajazeiras no sertão da Paraíba, sobretudo no que diz respeito ao processo de instalação e início das atividades escolares no interior da Escola São José que fora administrado em parceria com o Governo Municipal local. E ainda, analisaremos as práticas educacionais da Irmã Maria Fernanda Marabello, nas suas atividades como professora e diretora de uma Escola de ensino primário, nas atividades das oficinas de corte e costura e de pintura, buscando relacioná-las ou confrontá-las, quando necessário, com as diretivas dos estatutos da Congregação ou com o espírito¹³ da

¹³ Ao longo da história de vida do fundador, vai-se delineando a espiritualidade de um carisma a partir do que se chama de “espírito do fundador”, que é, em resumo, a forma histórica como o fundador viveu e vive o carisma da fundação. O espírito do fundador não somente “passa” pela pessoa do fundador, mas o acompanha durante toda a vida e depende essencialmente dele.

fundadora Madre Mastena, buscando compreender, até que ponto a nossa biografada apresentou inovação nas suas práticas pedagógicas educacionais ou um continuísmo na esteira de uma prática consolidada no interior da Congregação, da qual ela faz parte ou talvez tenha apresentado uma fusão de ambas expressões no interior das suas práticas.

CAPÍTULO IV - AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE MARIA FERNANDA MARABELLO NA ESCOLA SÃO JOSÉ

4.1 A compreensão sobre a Educação e suas práticas educacionais nas Diretrizes Educacionais Brasileira: a LDB de 1994

Desde a constituição de 1934 que a educação é mencionada, em vários textos normativos, como uma urgente necessidade de oferta gratuita à grande massa. É possível perceber que essa tendência se expressou em várias ações e programas governamentais somente a partir dos anos de 1940 a 1950. No ano de 1961, oficialmente foi criado o Movimento de Educação de Base de Erradicação do Analfabetismo, atendendo à Lei nº 3.327 de 1957, por meio da qual o Estado se propunha ao desenvolvimento de um audacioso plano modelo em cada município das regiões brasileiras. Já no ano de 1961, através do Decreto nº 50.370, oficializa-se o Movimento de Educação Base – MEB, que estabelecia um convênio entre o Estado e a Igreja Católica através do Conselho Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB¹⁴.

Com a Carta Magna, a Constituição de 1988 em seu artigo nº. 208, pontifica que o ensino fundamental será obrigatório e gratuito para todos aqueles que estivessem fora da escola. Garante ainda um ensino gratuito e de qualidade; trata especificamente do ensino fundamental, e por consequência da EJA. O texto da lei funda-se nos princípios da obrigatoriedade e da gratuidade do ensino público, estendido inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio; III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade; V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um; VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando; VII -

¹⁴ Esse Movimento de Educação de Base se propõe a desenvolver um programa de educação de base por meio de escolas radiofônicas. “Somos um movimento educativo que deve a sua iniciativa à Igreja. Inserimo-nos em uma estrutura de que o Governo da República participa, vivemos os problemas de uma nação em estado de mudança social e comprometemo-nos a colaborar na promoção do homem brasileiro (FÁVERO, 2006, p.22). A Educação de Base era defendida pela UNESCO. Criada em 1947, a entidade estimula programas nacionais de educação de adultos para regiões “atrasadas”, visando a formação de atitudes e transmissão de conhecimentos. Além de aprender a ler, escrever, falar, ouvir, contar, os alunos teriam informações sobre agricultura, trabalhos caseiros, formação técnica para ofícios, noções de higiene entre outras para o progresso econômico.

atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (Redação dada pela Emenda Constitucional, n. 29 de 2009).

Importa destacar que a Constituição Federal de 1988 representa um grande avanço para a Educação, sobretudo em seus aspectos sociais, quando reconhece sob a legitimidade da lei, que o Estado se constitui no grande responsável pela oferta de uma educação pública e gratuita, portanto como a garantia de um direito social.

A Constituição de 1988 tentou dar conta das profundas mudanças ocorridas em nosso país na economia, nas relações de poder e nas relações sociais globais, nos últimos 20 anos, introduzindo temas, redefinindo papéis, incorporando às instituições sociais segmentos historicamente marginalizados, sem, no entanto, alterar substantivamente as relações sociais vigentes (NEVES, 1999, p. 99).

As significativas alterações na redação dos textos do Art. nº 208 da Constituição Federal estabeleceram evidentemente essa específica responsabilidade do Estado. A constitucionalização da educação como um direito pátrio vem a garantir a cada cidadão o seu acesso. Vemos que desde aqui a educação é reconhecida como face do processo dialético que se estabelece entre a socialização e individuação da pessoa, ou seja, que tem como objetivo a construção da autonomia, isto é, a formação de indivíduos capazes de assumir uma postura crítica e criativa frente ao mundo.

Dessa forma, a educação como um direito se constitui não apenas como um direito social, como um direito a uma cidadania teórica apenas, no que diz respeito a cursar o Ensino Fundamental para assim obter a oportunidade de crescer profissionalmente e ajudar em um possível crescimento do País, mas sobretudo, uma educação que ofereça condições para o desenvolvimento pleno de inúmeras capacidades individuais, não se limitando simplesmente às exigências de um mercado de trabalho, mas que possa propiciar ao aluno e por extensão ao cidadão, um crescimento também no plano intelectual, físico, cultural, espiritual, moral e social.

De acordo com Duarte (2007):

O sistema educacional deve proporcionar oportunidades de desenvolvimento nestas diferentes dimensões, preocupando-se em fomentar valores como o respeito aos direitos humanos e a tolerância, além da participação social na vida pública, sempre em condições de liberdade e dignidade. Assim, no Estado Social, a proteção do direito individual faz parte do bem comum (DUARTE, 2007, p. 115).

Entendo, assim, que essa perspectiva de uma ênfase na educação como um importante direito social e da “obrigação” do Estado como o ente que favorece uma oferta pública e gratuita, será um projeto contemporaneamente assumido também como um projeto democrático embrionário, onde a educação, assim como os demais direitos dessa mesma natureza, ganham destaque ao passo que projeta uma ideia de dignidade humana a partir de uma concepção “que permita visualizar os seres humanos como parte de um imenso equilíbrio que a todo o momento se desfaz e que precisa constantemente ser refeito, numa permanente consulta a uma ética vital” (SCHOLZE, 2009, p. 271).

A partir das décadas de 1995 e 2001, acontecerá no Brasil um processo de reforma no ensino que irá reorientar os panoramas da educação e uma ressignificação do papel do Estado e das Escolas, tempo que será chamado de um neotecnicismo, como afirma Saviani (2012):

Com a reforma do ensino no Brasil, levada a efeito pelo governo federal entre 1995 e 2001, não foi diferente. A orientação apontada aparece com toda a clareza e insistentemente nas mais variadas ações do MEC. Um folheto publicitário distribuído pelo Ministério para a campanha “Acorda Brasil. Está na hora da Escola” mostra isso com meridiana veemência (...) redefine-se, portanto, o papel do Estado como o das Escolas. Em lugar da uniformização e do rígido controle do processo como preconiza o velho tecnicismo inspirado no taylorismo-fordismo,¹⁵ flexibiliza-se o processo. Estamos, pois, diante de um neotecnicismo (SAVIANI, 2012, p. 438-439).

Segundo Saviani (2012), será neste sentido que estará surgindo uma nova concepção de educação. Uma educação não somente como um direito social de inclusão e de gratuidade para todos como preconizava a Constituição de 1988, mas sobretudo uma educação que se alinhava, pelo menos a níveis teóricos ao pensamento capitalista de produção¹⁶. Tais reconfigurações do pensamento e ideias

¹⁵ A transição do padrão taylorista e fordista anterior para as novas formas de acumulação flexibilizada, ou seja, em oposição à premissa básica do sistema anterior, essa nova forma preconiza a adequação da estocagem dos produtos conforme a demanda. Assim, quando a procura por uma determinada mercadoria aumenta, a produção aumenta, quando a procura é menor, a produção diminui.

¹⁶ Portanto, podemos supor que, como resposta do capital à sua crise estrutural, tivemos nas últimas décadas do século XX o fim do leste europeu e a reestruturação produtiva do capital: O capital deflagrou, então, várias transformações no próprio processo produtivo, por meio da constituição das formas de acumulação flexível, do downsizing, das formas de gestão organizacional, do avanço tecnológico, dos modelos alternativos ao binômio taylorismo/fordismo, onde se destaca especialmente o Toyotismo ou o modelo japonês. Essas transformações, decorrentes da própria concorrência intercapitalista (num momento de crises e disputas intensificadas entre os grandes grupos transnacionais e monopolistas) e, por outro lado, da própria necessidade de controlar as lutas sociais oriundas do trabalho, acabaram por suscitar a resposta do capital à sua crise estrutural (ANTUNES, 2001, p. 47-48).

sobre a educação neste período apontado por Saviani, irá configurar em perspectivas novas para a Educação que estão de certa forma consolidadas na nova LDB Lei n. 9.394 de 1996, quando ela estabelece em seu artigo 1º que:

art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (...) a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

De acordo com a LDB de 1996, à educação escolar nas suas configurações e modalidades de ensino, deverão estar vinculadas a perspectiva do desenvolvimento de competências para o mundo do trabalho e não somente em vista do mercado do trabalho. Desse modo, o papel da escola será o de proporcionar um ensino aos alunos para que estes possam ser capazes de realizar escolhas futuras, tanto em relação às possibilidades de inserção ao mundo do trabalho ou em seus projetos de vida. Dessa forma, haverá um “empenho em introduzir a pedagogia das competências” nas escolas, e nas empresas moveu-se pelo intento de ajustar o perfil dos indivíduos, como trabalhadores e como cidadãos (...) em ambos os casos o objetivo é maximizar a eficiência” (SAVIANI, 2012, p. 437).

Dessa forma, é possível perceber que o marco inicial da Pedagogia das competências como elemento estruturante de um modelo educacional que começa a surgir no Brasil, tem o início com a LDB 9.394/96, pois foi justamente a partir dela que se redefiniram todos os níveis e modalidades de ensino e de modo ainda mais específico irá se afirmar como finalidade da educação, a ideia de “desenvolver nos educandos conhecimentos e habilidades necessários para o exercício de uma cidadania e uma gradativa inserção no mundo do trabalho” (RAMOS, 2011, p. 126).

Ainda segundo Ramos (2011), a LDB de 1996 estabeleceria “princípios valorativos que dariam à luz a um tipo de pensamento e de conduta que por sua vez estabeleceriam princípios pedagógicos” correspondentes e alinhados com uma estrutura sistemática teórica com determinado modelo educacional às chamadas “demandas do sistema capitalista”. Nesse interim, tal discurso regulatório induzido teoricamente pela LDB Lei Nº.9394/96, da necessidade de uma modernização capitalista, tanto no campo da política econômica quanto na educação, é uma apologia

que será em tese endossada em posteriores discursos pragmáticos da UNESCO, inspirados nas teorias construtivistas¹⁷.

Assim, a ideia central que se difunde quanto à apropriação do termo *competência* pela escola é que ela deverá ser capaz de promover um encontro entre a formação ou o ensino e o desenvolvimento de capacidades ou potencialidades em vista de uma competência para o mundo do trabalho, o que o francês Jacques Delors vai chamar de “aprender a fazer”. O professor e pesquisador, que de 1992 a 1996, presidiu a Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI da Unesco, estabelece em seu relatório diretrizes, entre saberes e competências que ficou conhecido como os quatro pilares da educação. De acordo com Delors (2012, p. 73)

De fato, a educação deve transmitir de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois essas são as bases das competências do futuro. (...) à educação, cabe fornecer, de alguma forma, os mapas de um mundo complexo e em movimento constante e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar nele (DELORS, 2012, p. 73).

À educação do século XXI é confiada a tarefa de transmitir um saber-fazer que tenha a força de estabelecer novos parâmetros para uma aprendizagem possibilitadora do desenvolvimento em cada indivíduo, de saberes e competências.

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que ao longo de toda a vida de cada indivíduo serão de algum modo os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos de compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas

¹⁷ No campo estritamente pedagógico, o *Construtivismo* tem sido usado em três acepções: uma teoria do conhecimento (ou epistemologia); uma teoria sobre o ensino-aprendizagem; um ideário pedagógico ou prática pedagógica alternativa. Essas concepções convergem em um pressuposto: a construção do conhecimento se efetua nas interações entre o sujeito (aquele que conhece) e o objeto (sua fonte de conhecimento). Historicamente, as bases teóricas que sustentam as apropriações pedagógicas ‘construtivistas’ se estruturaram nas primeiras décadas do século XX, representadas pela Epistemologia Genética do suíço Jean Piaget e pela Psicologia sócio-histórica dos soviéticos Vygotsky, Luria e Leontiev. A expansão mais acentuada das práticas construtivistas ocorreu na América Latina, com destaque para Argentina e Brasil (décadas de 1970-1980. Como prática pedagógica direcionada à alfabetização, a concepção construtivista é sustentada por alguns princípios: a) valorização da atividade do aprendiz em sua relação com o objeto de conhecimento (a aquisição da escrita) e seu universo sociocultural (contexto de seus conhecimentos prévios sobre a escrita, experiências e práticas); b) consideração de hipóteses e erros do sujeito como momentos construtivos do conhecimento; c) ênfase na avaliação processual e na organização flexível e dinâmica de grupos de alunos, para avanços em seus níveis de aprendizagem.

as atividades humanas; e finalmente aprender a ser, conceito essencial que integra os três precedentes (DELORS, 2012, p. 73).

Todos estes conjuntos de análises, compreensões, preceitos, normas e leis educacionais no Brasil são gestados sistematicamente e teoricamente no campo das suas discussões em décadas anteriores à vinda da Congregação das Irmãs da Sagrada Face e, por consequência, de Maria Fernanda Marabello chegar ao Brasil. Quando ela vem para o Brasil em fevereiro de 1977 por exemplo, no final da década de 70, início na década de 1980, grande parte das discussões sobre as ideias e diretrizes educacionais brasileiras já estavam consolidadas¹⁸ e outras ainda em processo de consolidação no campo das discussões e embates teóricos. De acordo com (SAVIANI, 2012, p. 365), sobre a emergência de uma concepção produtivista de educação, essa “ideia já aparece fortemente nas análises do IPES, tanto no simpósio de 1964, como no fórum “A educação que nos convém, de 1968”.

Veremos, a partir de relatos de ex-professores e ex-alunos da Escola São José, que a educadora Maria Fernanda Marabello já intuía no desenvolvimento da sua prática educacional se não de um todo, mas grande parte das ideias-chave nucleares que fundamentavam e davam sustentação a um tipo de embasamento teórico sobre a educação e suas práticas, estabelecidas nas leis educacionais brasileiras, conforme discutimos aqui.

Com isso, não afirmo que a educadora tivesse algum tipo de presságio ou premonição, mas simplesmente ela intuía tais ideias quando à frente da Escola São José estabelecia e fundamentava as suas práticas educacionais, porque tais ideias pedagógicas fizeram parte do seu processo de formação pessoal, em sua formação acadêmica no Magistério no Instituto *Magistrale Governativo “Alfredo Oriani”* em Roma, questão que tratamos no primeiro capítulo desta pesquisa, quando traçamos um panorama da sua história de formação acadêmica.

¹⁸ Na obra *“História das ideias pedagógicas”*, do filósofo e historiador Demerval Saviani pela editora Atores associados, 2013 em 4ª edição. Nesta obra, o autor traz as ideias educacionais, constituindo-as em seus lugares e tempos históricos. No primeiro grupo de ideias pedagógicas constam as ideias pedagógicas entre 1549 e 1759, no qual ocorreu o monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional. No segundo, abordam-se as ideias pedagógicas entre 1759 e 1932; esse é o período denominado como coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional. No terceiro período (1932 a 1969), é estudado o predomínio da pedagogia nova e no último, período que vai de 1969 a 2001, o autor configurou a concepção pedagógica produtivista.

Tendo uma grade curricular quase inteiramente voltada para questões de desenvolvimento de aptidões na área de humanas, tais como “*Scienze fisiche e naturali e nozioni organiche d’igiene* - “Ciências físicas e naturais, noções de organização e de higiene” e ainda os estudos de “trabalho feminino e trabalho manual”, afirmamos que tais características curriculares, seriam de grande importância e relevância para o desenvolvimento das práticas e atribuições como diretora da Escola São José.

4.2 Pensando as práticas no interior da Escola São José, a partir dos relatos de professoras

Pensar as práticas educativas desenvolvidas por Maria Fernanda Marabello, no interior das suas práticas enquanto educadora quando desempenhando as atividades na Escola São José constitui um momento importante e fundamental da construção dessa tese doutoral em que a Maria Fernanda Marabello tinha uma estratégia intencional de desenvolvimento de potencialidades junto aos seus educandos e que tal prática educativa estava para além de um formato de letramento via silabação ou na mera codificação do código escrito. Podemos até afirmar que o processo educacional intuído por Maria Fernanda Marabello não visava nem mesmo a disciplina como tônica central.

A educadora estava preocupada com um processo de escolarização que desenvolvesse potencialidades, onde a leitura seria uma parte do processo em vista do fim último, a saber, um indivíduo como constituído de direitos invioláveis e entre estes, à educação e à vivência de uma cidadania com dignidade de direitos. Ao mesmo tempo em que vislumbramos no interior das práticas educacionais da educadora esta intenção que não podemos negar, é marcada por uma concepção de educação integral do indivíduo que, tal com vimos no capítulo anterior, eram diretrizes educacionais que estavam preconizadas no pensamento educacional Cristão; discussão esta que fora iniciada, pelo menos de maneira oficial no Documento *Divini Illius Magistri*, do Papa Pio XI, que estabelece as características gerais da educação cristã e defende o direito das famílias de educarem seus filhos, como a concessão inicial e anterior do Estado.

Este documento exprime os conceitos e princípios destinados a orientar a atuação da Igreja Católica no campo da educação. Um dos pontos fundamentais da

encíclica é a relação indissociável entre a educação e a religião católica. A escola cristã é valorizada como local destinado à educação, ao passo que há a rejeição completa da escola laica e mista.

Dessa forma, veremos que, no Brasil, nesta década de 1977 – período em que a Congregação chega e se instala no Estado da Paraíba e, assim, Maria Fernanda Marabello inicia o seu trabalho pastoral na área da Educação, administrando uma Escola, vamos perceber que os pensamentos norteadores da ação da religiosa e educadora serão guiados por um pensamento educacional e propostas pedagógicas, que hora vigorava no País neste período, o qual caracteriza-se da seguinte forma:

Presencia-se deste modo, a desarticulação do projeto educacional vigente, que deixa de lado o desenvolvimento econômico e a segurança nacional, para adotar uma forte tônica assistencialista e culturalista. Em decorrência, do final dos anos 70 e início dos 80, a política educacional refletirá ações e programas voltados especificamente para as regiões mais pobres: a região Nordeste, a zona rural e as periferias urbanas. Em resumo, a educação deixa de ser parte de uma agenda de políticas governamentais articuladas em torno do processo de desenvolvimento econômico e passa a ser gestada como estratégia de recuperação da pobreza (DAVIS, 1992, p. 5-16. *Grifo nosso*).

Portanto, de acordo com Davis (1992), neste período entre as décadas 70 e 80, o Brasil apresentará uma educação marcadamente assistencialista, onde as prioridades estarão em vista de diminuir as desigualdades sociais regionalistas que ameaçam um processo de desenvolvimento econômico integrado. A educação se torna neste período, o fiel da balança entre vários setores da economia. De acordo com Oliveira (2005), será também a partir da década de 1970 que teremos uma preocupação com o desenvolvimento intelectual, trazendo novos valores como “a defesa de um padrão educacional voltado para os aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança pequena” (p. 109).

Surge neste momento histórico a preocupação com a criança enquanto um ser social e histórico, não vista mais como um objeto, mas sujeitos em desenvolvimento físico, mental e social. Dessa forma, a educação enquanto ideologia, atrelada a concepções de viés históricos, culturais e econômicos, terá uma forte influência no aparecimento de novas configurações nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil.

Neste sentido, de acordo com Frigotto:

A educação no Brasil, particularmente nas décadas de 1960 e 1970, de prática social que se define pelo desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes, concepções de valores articulados às necessidades e

interesses das diferentes classes e grupos sociais, foi reduzida, pelo economicismo, a mero fator de produção – “capital humano”. Asceticamente abstraída das relações de poder, passa a definir-se como uma técnica de preparar recursos humanos para o processo de produção. Essa concepção de educação como “fator econômico” vai constituir-se numa espécie de fetiche, um poder em si que, uma vez adquirido, independentemente das relações de força e de classe, é capaz de operar o “milagre” da equalização social, econômica e política entre indivíduos, grupos, classes e nações (FRIGOTTO, 2010, p. 20).

De certa forma, a prática educacional de Maria Fernanda Marabello sofrerá influência desta mentalidade de compreensão e de interpretação sobre a preponderância da educação na sociedade correspondente às décadas discutidas por Frigotto (2010). A mentalidade sobre a educação como um espaço de produção de habilidades ou competências em vista da preparação desse sujeito educacional para um mercado de trabalho ou para um mercado de produção. Não que este pensamento educacional tenha se tornado um tipo de fetiche, mas que na verdade, a educação tem se apresentado para Maria Fernanda Marabello como um instrumento que possibilitasse um tipo de habilidade de ser no mundo e que este *ser* transformado pela educação, adquirisse uma competência para o fazer.

Sob esta ótica, compreendemos que os métodos e práticas educacionais estão profundamente conexos aos assuntos sociais, os quais se avultam. Como parte fundamental desse processo social, inseridos nas diversas realidades sociais, o exercício pedagógico dirige-se, edifica-se e contrapõe-se a desígnios e finalidades de todo momento e conjunturas sociais.

É importante salientar, assim como destaca Freire (2014, p. 98), “como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo”. Assim, a atuação pedagógica se materializa por sua liberdade. O fato educacional da prática pedagógica se averigua como “ação planejada e intencionalmente realizada por seus sujeitos” (SOUZA, 2009, p. 34).

No evento escolar, ela é intercedida pelo currículo escolar, o qual se abrange de contorno largo, como afiança Simielli (2015, p. 74): a “materialização de um projeto que traça um tipo de educação e uma concepção de sujeito, que ganha significado e traça identidades através dos processos de ensino e de aprendizagem”. Entretanto, para Gonçalves (2017, p. 315), “ao ser incorporada pela escola, uma ação por mais ingênua e desprestigiada que possa parecer, tem força pedagógica”.

Neste sentido, compreendemos que as práticas educativas desenvolvidas pela educadora Maria Fernanda Marabello, na Escola São José, não eram atividades desprovidas de uma conectividade de sentido e relações operacionais entre si. Talvez seja possível afirmar que as atividades desenvolvidas na Escola São José poderiam, de certa forma ou em um certo sentido, parecerem desprezíveis, mas que apresentam uma força pedagógica.

Compreendemos assim, que no domínio da escolarização, os chamados métodos de ensino e aprendizagem não se dão exclusivamente em sala de aula, todavia, em todos os ambientes escolares, permeando a convivência posta entre todos os indivíduos que desenvolvem a identidade escolar. Como analisamos nos capítulos anteriores, as práticas educativas da religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello estiveram permeadas de estratégias que extrapolavam a sala de aula como único espaço exclusivo do ensino e para a aprendizagem. As atividades de corte e costura ou até a atividade de produção de pintura de imagens sagradas que era realizada pelos alunos da escola e por mulheres e mães da comunidade, era uma maneira de integrar essas pessoas e por extensão a comunidade dentro do processo educacional que era realizado preferencialmente em sala de aula, mas que não se resumia apenas às suas paredes.

Neste contexto, é possível perceber que Maria Fernanda Marabello intuía uma prática pedagógica que estivesse inserida também em um processo de reflexão. Então,

A prática pedagógica reflexiva é caracterizada pelo vínculo indissolúvel entre teoria e prática, desaparecendo todas as decorrentes dicotomias; apresenta um elevado grau de atividade consciente, é inquieta, intuitiva e criadora; é pela prática reflexiva que os sujeitos cognoscentes, coletivamente e em comunhão, reconhecem a realidade cognoscível, crítica e aprofundamento, produzindo nela, e a partir dela, transformações que correspondem aos anseios da comunidade (CARVALHO, 2006, p. 14).

Dessa forma, compreende-se que quando temos uma prática que está voltada para um exercício reflexivo contínuo, verifica-se que esta prática favorece não somente a uma prática gestora ou docente em si, mas que toda uma coletividade inserida neste processo de ensino e aprendizagem acaba se beneficiando. Por um processo de reflexão da prática pedagógica na escola, entendemos que

Pressupõe, também, a consideração dos conhecimentos produzidos nas universidades que devem ser analisados criticamente antes de serem adotados em suas práticas docentes. É preciso ter consciência dos pressupostos epistemológicos que dão suporte a cada uma dessas teorias para, então, se tomar a decisão de usá-las ou não. No entanto, elas não devem ser ignoradas (DALL'ORTO', 2000, p. 125).

Neste sentido, Souza (2009, p. 91) observa que o tratamento do currículo como estágio educativo centraliza sua veemência nas “práticas administrativas e pedagógicas que ocorrem no âmbito escolar e não escolar, além daquelas oriundas da relação professor-discente”. Nesta concepção, adverte-nos o episódio de que, ao estabelecer alusão ao estilo educativo do estabelecimento escolar ou mesmo da Educação, a menção aos atos elaborados pela escola, quando apresenta uma pedagogia integradora é quase continuamente o alvo de consonância. Nas ocasiões vividas em ambiente escolar ou mesmo na área dos estudos e das análises, a prática educacional surge continuamente conexa, tão-somente, à área da didática. A escola e a Educação compõem o cerne da didática.

Nesta afinidade do vínculo entre didática e exercício pedagógico tem-se a possibilidade de realizar um perfeito entrosamento de prática pedagógica escolar, estabelecendo com isso uma consonância entre a realidade da comunidade manifestada ali pelos alunos, visto que cada aluno é um campo social intermitente que ora estabelece os anseios de uma educação integralizadora das necessidades básicas e urgentes dos sujeitos alcançados por ela e, ao mesmo, um campo social que aponta para os desafios que serão ainda mais evidenciados no cotidiano da sala de aula, mas sobretudo no desenrolar destas práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola, passando necessariamente pelas práticas educativas no contexto escolar.

Desta forma, é possível compreender que os espaços físicos e sociais das instituições escolares, observando-se seus símbolos, sua ludicidade, os aspectos sensoriais e psicomotores, sob uma perspectiva desta ideia de uma educação integralizadora, como falamos anteriormente, tornam-se fundamentais para o desenvolvimento das práticas educativas e, sobretudo, de uma aprendizagem significativa.

Assim, Frago (1998) explica:

Todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isso, não percebemos espaços, senão lugares, isso é, espaços elaborados,

construídos. Espaços com significados e representações de espaços. Representações de espaços que se visualizam ou contemplam, que se rememoram ou recordam, mas que sempre levam consigo uma interpretação determinada. Uma interpretação que é o resultado não apenas da disposição material de tais espaços, como também de sua dimensão simbólica (FRAGO, 1998, p. 78).

Dessa forma, e é também neste sentido que afirmamos que as práticas educativas da referida educadora, consideradas no interior de um fazer educacional próprio, representaram o acesso a um tipo de conhecimento escolar, onde o seu fazer educacional estava inserido numa proposta pedagógica ao mesmo tempo inclusiva e reflexiva, integralizadora e profissional, por assim dizer.

A sua proposta educacional, apresentada por meio das suas práticas, estava inserida em um modelo para além da estratégia instrumental de escolarização, mas para o desenvolvimento de potencialidades e com isso uma tentativa de correlacionar educação e trabalho, oficina e sala de aula, corte e costura e conhecimento sistemático escolar das salas de aula, visto que neste sentido, eram oferecidas através da Congregação, por meio da Escola, oficinas de artes diversas (pintura e corte e costura) como proposta de uma aprendizagem complementar.

Corroborando com esta ideia, de uma estratégia instrumental de escolarização para além da sala de aula, tendo atividades extras, como por exemplo a oficina de corte e costura, temos o depoimento da Monitora da Oficina de corte e costura à época de Irmã Maria Fernanda Marabello, a sra. Maria Amável de Oliveira, mais conhecida pelo apelido de “Baía”, que nos ajuda a ilustrar esta relação entre o ensino e a prática.

Segundo a entrevistada:

O curso de corte e costura era mantido pela Congregação, máquinas, tecidos, enfim todo material necessário. O poder público pagava apenas o monitor. Esse curso não tinha fins lucrativos. A Irmã Fernanda queria somente ajudar, proporcionando aprendizagem e uma ocupação para as mães de famílias e adolescentes a partir dos 16 anos. O curso não tinha distinção. Todos os interessados podiam se matricular (OLIVEIRA, 2017, Entrevista).

Retornando à concepção de uma educação integralizadora, é perfeitamente compreensível que esse modelo de educação e por consequência de uma prática pedagógica e educacional voltada para uma educação que tente compreender o homem nas suas dimensões - mesmo que muitas vezes lhe pareça relativamente impossível, mas que se apresenta como um desafio de que sob os liames da capacidade do homem de conhecer e aprender, sejam construídas a partir das trocas

estabelecidas entre o sujeito e o meio, ou seja, o espaço escolar deve ser pensado no dinamismo que é característico ao desenvolvimento do aprendente, não como objetos do processo de ensino/aprendizagem, não como passivas e nem meras receptoras de informações que estão à sua volta, mas como sujeitos atuantes na captação e na criação, na maturação e ao mesmo tempo no desenvolvimento de saberes, conceitos e conhecimentos durante a aprendizagem.

Essa integralização é possível e se dá também, mediante a articulação da escola com outros espaços públicos de aprendizagens múltiplas, governamentais ou não-governamentais, a fim de se destituir a imagem de nicho em que é comum em escolas, através de diversas modalidades de projetos que possam integralizar a escola e a comunidade.

Dessa forma é possível compreender que:

As práticas pedagógicas que se instauram na educação integral deverão estar de acordo com a constituição complexa e multifacetada do ser humano, de forma integralizada, condicionando as práticas pedagógicas da escola às diversas situações em que as dimensões de conhecimento plurais e caleidoscópicas se dão, instrumentalizando-se linguagens e saberes para atendê-las. A intervenção didática no processo de aprendizagem, tendo o professor o papel de mediador da aprendizagem, à proporção que se reconheça a escola como estação de conhecimento, deve seguir o caminho da mediação de saberes escolares e comunitários em vivências de ensino/aprendizagem que contextualizem conhecimentos, buscando-se a aplicabilidade destes em situações significativas de aprendizagem ao educando (PEREIRA; VALE, 2017, p. 10, grifo nosso).

A ideia de práticas pedagógicas como instauradoras de uma educação integral em vista da formação de um ser humano multifacetado e complexo era a ideia de educação que vigorava na mentalidade de uma educadora religiosa europeia, comprometida com um ideal cristão, de uma educação cristã preconizada pelo Papa Pio XI em seu documento Encíclico que define como verdadeira e autêntica educação aquela dada segundo a finalidade do homem criado por Deus. Portanto, os princípios educacionais orientadores da prática educacional de Maria Marabello era a ideia de uma educação em vista da formação do homem na sua integralidade das suas dimensões, sobretudo para alcançar a finalidade sublime para o qual foi criado, uma educação aos moldes cristãos. Assim afirma o Pontífice em sua encíclica, *Divini Illius Magistri* do Papa Pio XI:

Na verdade, consistindo a educação essencialmente na formação do homem como ele deve ser e portar-se, nesta vida terrena, em ordem a alcançar o fim sublime para que foi criado, é claro que, assim como não se pode dar

verdadeira educação sem que esta seja ordenada para o fim último, assim na ordem atual da Providência, isto é, depois que Deus se nos revelou no Seu Filho Unigênito que é o único caminho, verdade e vida, *não pode dar-se educação adequada e perfeita senão a cristã*. Daqui ressalta, com evidência, a importância suprema da educação cristã, não só para cada um dos indivíduos, mas também para as famílias e para toda a sociedade humana, visto que a perfeição desta, resulta necessariamente da perfeição dos elementos que a compõem. *Dos princípios indicados aparece, de modo semelhante, clara e manifesta, a excelência (que bem pode dizer-se insuperável) da obra da educação cristã, como aquela que tem em vista, em última análise, assegurar o Sumo Bem, Deus, às almas dos educandos, e a máxima felicidade possível, neste mundo, à sociedade humana* (PIO XI, 1929, p. 03).

Para Maria Fernanda Marabello, a educação, em última análise, também deveria estar a serviço da missão de “assegurar Deus às almas dos educandos”. Tanto era assim que quase em sua totalidade, os alunos da Escola São José eram também foco da catequese administrada pela Congregação das Irmãs da Sagrada Face em suas atividades pastorais no bairro. A catequese era outro braço importante das atividades da Congregação a assumido pela educadora Maria Marabello. Portanto, às suas práticas educacionais estava também associado o ideário cristão apresentado em forma de diretrizes na Encíclica do Papa Pio XI, como aquela educação que tem em vista assegurar o Sumo Bem, Deus, às almas dos seus alunos. Esta prerrogativa como vimos na leitura e análise dos estatutos da Congregação já estavam postos como norma a ser buscada e obedecida por todas as religiosas da Sagrada Face, ou seja, levar ao homem, inclusive ao homem representado nas crianças, matriculados em suas escolas infantis, a verdadeira Face de Cristo e fazer do seu trabalho educacional também uma atividade apostólica.

É possível afirmar, a partir disso, que as práticas educacionais de Maria Fernanda Marabello, estavam por um lado, sustentadas por uma educação como “meio” para alcançar uma integralidade do homem religioso e “como fim” para transformar o homem tal um “diamante bruto”, em vista do desenvolvimento de potencialidades para uma integralidade deste mesmo homem em sociedade, como artífice da sua história pessoal.

Dessa forma,

Nos termos indicados, a educação será concebida como um subsistema cujo o funcionamento eficaz é essencial ao equilíbrio do sistema social de que faz parte. Sua base de sustentação teórica desloca-se para a psicologia behaviorista, a engenharia comportamental [...] Do ponto de vista pedagógico, conclui-se que, se para a pedagogia tradicional a questão central é aprender e para a pedagogia nova, aprender a aprender, para a pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer (SAVIANI, 2012, p.383).

As práticas educacionais desenvolvidas na Escola São José estavam voltadas para o incremento de potencialidades em seus alunos e alunas, do desenvolvimento de uma escolarização, o saber em vista da aprendizagem teórica de compreensões e conceitos, de valores e da construção de uma moralidade, por meio de uma pedagogia escolar tradicional, onde uma das funções prioritárias da escola estaria na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade, destacando assim o compromisso da Escola com a cultura, os problemas sociais pertencentes à sociedade.

Dessa forma, na concepção pedagógica tradicional, que consideramos ser essa a tal concepção que vemos predominar no interior das práticas educacionais empreendidas pela educadora Maria Marabello na Escola São José, onde os menos capazes devem lutar para superar suas dificuldades e conquistar seu lugar junto aos mais capazes. Caso não consigam, devem procurar, aliado a um processo de escolarização, um ensino de contributo profissionalizante.

É aqui, neste sentido que compreendemos a preocupação da educadora em criar oficinas de artes profissionais (pintura, datilografia e corte e costura), como um meio para integralizar tal processo de aprendizagem. Maria Fernanda Marabello estabelecia então uma ponte entre a prática de uma pedagogia tradicional de ensino, onde identificamos uma característica própria com relação aos conteúdos e transmissão do ensino, a saber, estes são fundamentalmente conhecimentos e valores acumulados pelas gerações adultas e repassados aos alunos com verdade.

Neste caso, destacamos o fato da Escola São José ser administrada por uma instituição religiosa que lhe imprime uma maneira de socialização de perfil confessional, onde o respeito a valores e verdades dogmáticas servirão de fundamento para as práticas e concepções pedagógicas. As matérias de estudo que visam preparar o aluno para a vida são determinadas tanto pela sociedade, quanto pela Legislação educacional, mas com anuência da Congregação e dos princípios e valores defendidos por ela. Os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais, valendo pelo valor intelectual, razão pela qual a pedagogia tradicional é criticada como intelectualista e, às vezes, como enciclopédica.

Neste paralelo entre a pedagogia tradicional e o modelo da escola nova é possível constatar que também esta não conseguiu promover a inclusão social do indivíduo como então se propunha, surgindo, então, outros modelos pedagógicos e

de escola. Luckesi (2003) e Saviani (2012) nomeiam estes modelos pedagógicos como pertencentes às tendências liberais de educação que advogam a meritocracia como condição para ascensão social e econômica do indivíduo.

Luckesi (2003, p. 54, grifo meu) ressalta que:

A educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais, nas suas formas ora conservadora, ora renovada. Evidentemente tais tendências se manifestam, concretamente, nas práticas escolares e no ideário pedagógico de muitos professores, ainda que estes não se deem conta dessa influência

Concordo com esta afirmativa do autor, quando olhamos para a educadora Maria Fernanda Marabello e as suas práticas educacionais, no sentido de que é possível perceber que estas transitam entre as práticas conservadoras/tradicionais e renovadas. Percebemos uma tendência liberal renovada progressivista, sobretudo quando vemos por parte da Escola São José uma redefinição dos interesses e do papel da escola com relação à sua finalidade de adequar as necessidades individuais dos alunos ao meio social e, para isso, será necessária uma organização que consiga retratar a realidade e os desafios sociais enfrentados pela Escola e, por consequência, pelos alunos.

Luckesi (2003) divide a tendência pedagógica nova ou renovada em duas categorias: a renovada progressivista e a renovada não diretiva. Segundo ele, a tendência liberal renovada vai considerar que a transmissão da cultura tem um valor preponderante na promoção e no desenvolvimento de aprendizagens e aptidões do indivíduo. Neste sentido, a educação é um processo que deve nascer e progredir em cada aluno e nunca por parte de intervenções internas, mas que parte dos interesses e necessidades individuais de cada aluno que, neste caso, se torna fundamental esta realidade para impulsionar uma adaptação ao vivido.

Ainda segundo Luckesi (2003) para esta tendência pedagógica:

A educação é a vida presente, é a parte da própria experiência humana. A escola renovada propõe um ensino que valorize a autoeducação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo (LUCKESI, 2003, p. 55).

Neste contexto, no interior da concepção pedagógica renovada progressista, a Escola teria um papel de adequar as necessidades individuais do aluno à realidade social em que vive. Dessa forma, a Escola necessitará de uma organização e estrutura que possibilitem a reprodução da vida real como ela se apresenta no seu cotidiano e

incorporado à realidade e cotidiano da escola. O aluno precisará assim desenvolver competências para melhor adaptar-se ao meio, incorporando-as ao seu comportamento cotidiano.

Ao propor aos alunos da Escola São José que, além da frequência assídua às aulas de escolarização, os alunos também fossem participantes das oficinas de artes, sobretudo no curso de produção e pintura de imagens para os meninos e os cursos de bordado para as meninas, era a forma da Irmã Maria Fernanda Marabello estabelecer este elo entre a realidade social do aluno e a realidade da escola, do qual fala Luckesi (2003). Ou seja, era uma maneira pedagógica de estabelecer uma relação entre o saber e fazer que está no interior das pedagogias renovadas progressistas e das tradicionais. O intuito da Irmã Maria Fernanda Marabello era incorporar competências ao ensino, ao processo de aprendizagem.

Neste sentido, ao fazer isso a educadora provocava uma mudança nos mecanismos de adaptação, gerando assim um processo de integração das formas de adaptar a pedagogia e a prática ao comportamento em vista de uma realidade social. Tal integração se daria por meio das experiências que deveriam satisfazer, tanto os interesses dos alunos, quanto as exigências sociais. Desse modo, à escola cabe suprir as experiências que possibilitem ao aluno construir-se e reconstruir-se dentro de um processo ativo, “numa interação entre estruturas cognitivas do indivíduo e estruturas do ambiente” (LUCKESI, 2003, p. 56).

Dessa forma, a questão dos conteúdos escolares sistematizados e bem estruturados não será mais importante que os processos mentais e as competências intelectuais. No interior dessa compreensão, se fará mais importante e terá mais valor no processo de ensino e aprendizagem o esforço empreendido pelo aluno para aprender a aprender e, conseqüentemente, saber fazer. Nestes casos, um método de ensino ativo terá as seguintes características:

a) colocar o aluno numa situação de experiência que tenha um interesse por si mesma; b) o problema deve ser desafiante, como estímulo à reflexão; c) o aluno deve dispor de informações e instruções que lhe permitam pesquisar a descoberta de soluções; d) soluções provisórias devem ser incentivadas e ordenadas, com a ajuda discreta do professor; e) deve-se garantir a oportunidade de colocar as soluções à prova, a fim de determinar sua utilidade para a vida (LUCKESI, 2003, p. 58).

A aprendizagem significativa, no interior compreensivo desta tendência pedagógica, a saber, a que estamos a tratar sobre a pedagogia renovada

progressista, ocorre quando o aluno se encontra motivado, sendo que esta motivação é um resultado direto da “força de estimulação do problema e das disposições internas e de interesses do aluno” (LUCKESI, 2003, p. 55).

Assim, dessa maneira e sob estas circunstâncias, a aprendizagem será o resultado de um processo de descobertas, uma forma de autoaprendizagem, sendo que o ambiente se torna um espaço pedagógico estimulador, onde o aluno assimila tudo o que é fruto de sua descoberta pessoal, e o aprendido passa a compor sua estrutura cognitiva, que será utilizado em novas situações de descobertas, num processo contínuo e indefinido.

4.3 As práticas educacionais na Escola São José sob a direção de Irmã Fernanda Marabello: tradicionais ou modernas?

Na esteira das discussões sobre as práticas educacionais implantadas na Escola São José pela educadora Maria Fernanda Marabello e sobre de que maneiras estas práticas eram alimentadas por um arcabouço teórico, julgamos importante e, porque não dizer, fundamental, ouvir aqueles que são um dos principais agentes deste processo fomentado e vivido em sala de aula e no ambiente escolar de um modo geral. De acordo com Masetto (1998, p. 32), “o processo de aprendizagem realiza-se por meio do relacionamento interpessoal muito forte entre o aluno e o professor, aluno e aluno, professor e professor, entre toda a comunidade escolar”. E ainda de acordo com Cordeiro (2007), com relação aos aspectos fundamentais da realização da aprendizagem em sala de aula, a figura do professor é fato preponderante para o bom êxito de um fazer educacional a partir de diversas práticas pedagógicas.

Ao falarmos em processo de ensino-aprendizagem, pode ocorrer de adotarmos uma descrição idealizada, que tende a considerar isoladamente os atores sociais envolvidos sem se dar conta do aspecto fundamental que dá sentido ao que acontece em sala de aula, permitindo que o trabalho docente seja realizado e que a aprendizagem aconteça (CORDEIRO, 2007, p. 56).

Neste sentido, na tentativa de buscarmos um melhor conhecimento das práticas educativas de Maria Fernanda Marabello no interior da Escola São José, buscamos ouvir uma das professoras que lecionou por mais de cinco anos à época da vigência em que a Irmã e educadora estava à frente da Escola.

A professora Maria Adelaide Leite da Fonseca é do quadro efetivo do Magistério Municipal de Cajazeiras, desde o ano de 1985, portanto exercendo a função de Professora do Fundamental I – da 1ª a 4ª série¹⁹ há mais de 30 anos. Atualmente encontra-se aposentada das suas atividades de sala de aula. De acordo com um documento de Ata de presença da primeira reunião do corpo docente da Escola São José no ano de 1989 (Imagens 22 e 23), a Professora Adelaide consta como presente e atuante na turma da 4ª série do ensino fundamental.

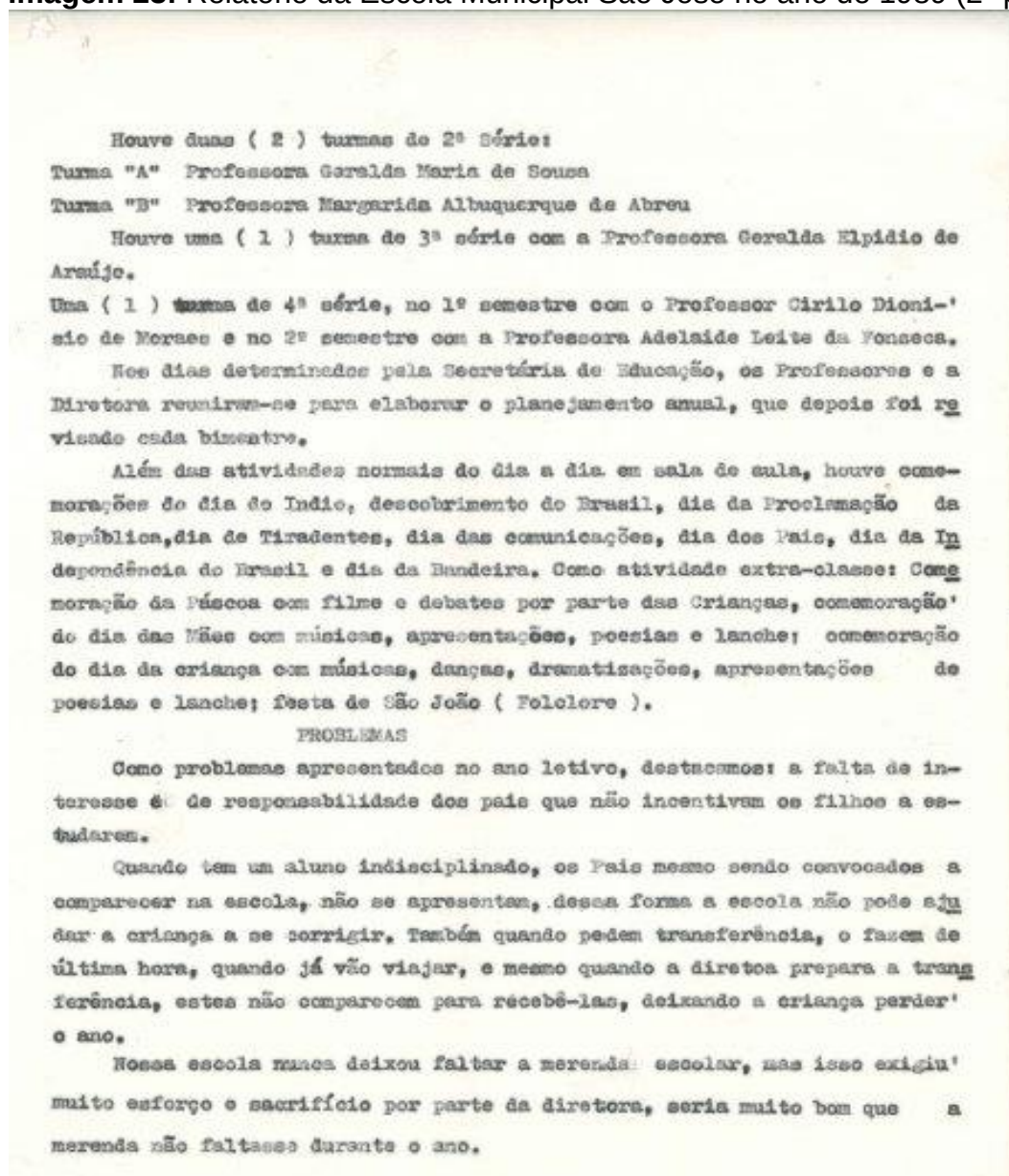
Imagem 22: Relatório da Escola Municipal São José no ano de 1989 (1ª parte).

RELATÓRIO DA ESCOLA MUNICIPAL SÃO JOSÉ	
ANO ESCOLAR 1989.	
Na Escola São José no ano de 1989, foram matriculadas:	
Alfabetização	41 Crianças
1ª Série	72 Crianças
2ª Série	58 Crianças
3ª Série	35 Crianças
4ª Série	36 Crianças
As aulas foram começadas regularmente no dia 13 de Fevereiro com a presença dos Professores:	
- Adelaide Leite da Fonseca	
- Cirilo Dionísio de Moraes	
- Geralda Elpidio de Araújo	
- Geralda Maria de Sousa	
- Lusimar Alexandre Veloso	
- Margarida Albuquerque de Abreu	
- Maria de Fátima Amaro Moreira	
- Maria Gilvaneide de Souza Veras	
- Vanderleia Araújo de Alencar	
e a diretora Maria Marabêlo.	

Fonte: Arquivo pessoal da Congregação, documentos da Escola São José.

¹⁹ Desde 2006, a duração do Ensino Fundamental, que até então era de 8 anos, passou a ser de 9 anos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9395/96) foi alterada em seus artigos 29, 30, 32 e 87, através da Lei Ordinária 11.274/2006, e ampliou a duração do Ensino Fundamental para 9 anos, estabelecendo como prazo para implementação da Lei pelos sistemas de ensino, o ano de 2010. O Ensino Fundamental passou então a ser dividido da seguinte forma: Anos Iniciais – compreende do 1º ao 5º ano, sendo que a criança ingressa no 1º ano aos 6 anos de idade. Os Anos Finais – compreende do 6º ao 9º ano. Além da LDB, o Ensino Fundamental é regido por outros documentos, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001), os pareceres e resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE) e as legislações de cada sistema de ensino.

Imagem 23: Relatório da Escola Municipal São José no ano de 1989 (2ª parte).



Fonte: Arquivo pessoal da Congregação, documentos da Escola São José.

Este registro de Ata relatorial sobre as turmas e os professores que assumiriam as turmas no início do ano letivo de 1989 nos ajuda a perceber a presença em registro da Professora Adelaide Leite da Fonseca no segundo semestre na turma da 4ª série. Realizamos a entrevista com a referida professora, estimulados pela necessidade de conhecermos melhor e assim poder analisar as práticas educativas assumidas na Escola São José no interior das atividades pedagógicas desenvolvidas pelos professores em sala de aula, sob a direção da educadora Maria Fernanda Marabello.

Dessa forma, procuramos saber da professora Adelaide, a partir de que ano esta iniciou a lecionar na Escola São José sob a administração das Irmãs da Sagrada Face e em que ocasião chegou a conhecer a educadora Maria Fernanda Marabello.

A professora respondeu dizendo que:

No mesmo ano que iniciei a lecionar, em 1985, mas a conheci anos anteriores, pois foi *Irmã Fernanda que me incentivou e me ajudou a concluir o curso do Magistério conseguindo uma bolsa no Colégio Nossa Senhora de Lourdes que na época era administrado pelas Irmãs Dorotéias*²⁰. Conheci Irmã Fernanda no ano de 1978 tinha apenas 12 anos de idade, ainda me lembro, quando ao término da missa da tarde, nós rodeávamos uma freira que falava estranho, mesmo sem entender o que falava, mas seus gestos de carinho afagando nossos rostos com o toque delicado de sua mão nos marcou profundamente, fazia com que nós retornássemos sempre no domingo seguinte (FONSECA, 2019, Entrevista, *grifo nosso*).

O grifo na fala da professora Adelaide é para nos ajudar a compreender que esta prática de conseguir bolsa de estudos nos Colégios privados de Cajazeiras era uma prática antiga da educadora. Bolsa de estudo para os alunos e alunas da Escola São José que apresentavam durante o seu último ano na Escola um crescimento e um bom rendimento escolar no que se refere tanto ao seu processo de aprendizagem, quanto em se mostrarem artífices dos seus próprios processos de emancipação de sua situação social de pobreza, no que diz respeito a se mostrarem responsáveis, comprometidos e empenhados com a sua própria mudança. Maria Fernanda Marabello como uma forma de compensá-los pelo esforço, oferecia a eles a possibilidade de continuar os seus estudos no Ensino Fundamental II (do 5º ao 8º)²¹ em uma Escola Privada. No caso em tela, a professora Adelaide ainda na sua adolescência já era beneficiada com essa prática de promoção aos alunos da Escola. Prática esta que irá ainda perdurar por todo o tempo que Maria Fernanda Marabello estará à frente da Escola São José. É o que veremos no relato de um ex-aluno da Escola, mais adiante neste texto. No relato da professora Adelaide, percebemos que

²⁰ COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES: CULTURAS ESCOLARES EM CAJAZEIRAS (1949-1983). Neste trabalho de tese de Doutorado, a Prof. Dra Débia Suênia da Silva Sousa (UFCG/Cajazeiras), busca compreender as culturas escolares que configuram o Colégio Nossa Senhora de Lourdes na cidade de Cajazeiras nos anos entre 1949 e 1983, destacando o importante papel das irmãs Dorotéias na Fundação do referido Colégio no ano de 1928.

²¹ O artigo 32 da Lei de Diretrizes e Base da Educação, Lei nº 9.394/96 estabelece que o Ensino Fundamental terá duração de 08 anos, de forma obrigatória e gratuita. Somente a partir de 2006 com a Lei nº 11.274, será estabelecido que o Ensino Fundamental obrigatório, terá duração de 09 anos gratuito na Escola, iniciando aos 06 anos de idade.

a irmã e educadora Maria Fernanda Marabello desde a década de 70 - ela chega no Brasil em 1977 - já iniciara o seu trabalho de promoção de uma prática no campo da educação que extrapolava os muros da Escola. Nesta época, “a cidade de Padre Rolim, como era conhecida Cajazeiras, já se constituía como um centro de referência em Educação e progresso no sertão paraibano, nos anos 70 do século XIX” (SOUSA, 2018, p. 65).

A educadora Maria Fernanda Marabello estava, podemos dizer assim, atualizada no que diz respeito ao que a cidade de Cajazeiras oferecia de desenvolvimento no campo de ensino escolar privado. O Colégio Nossa Senhora de Lourdes (CNSL) era um Colégio de ensino normal feminino dedicado às famílias ricas da cidade. Sobre isso, de acordo com Sousa (2018, p. 72), “o Colégio Nossa Senhora de Lourdes surgiu em 1928, primeiro ano de sua implantação, como instituição ligada à Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia, que propugnava os valores disseminados pela Igreja Católica”.

Considero importante ressaltar sobre a questão do destaque que a professora entrevistada faz, como referência à sua formação ter acontecido no CNSL, administrado pelas irmãs Dorotéias, para destacar que a vinda da Congregação das Irmãs da Sagrada Face para a cidade de Cajazeiras na década de 1970 representa mais um continuísmo - e não tanto um ineditismo - de uma prática de “política educacional” que será implantada desde o ano de 1915, época da instalação da Diocese de Cajazeiras e do governo do seu primeiro Bispo Dom Moisés Coelho, que segundo Sousa (2018, p. 64), “deu impulso à educação cajazeirense, período em que a tessitura de fundação do CNSL foi se constituindo”.

A Escola São José está inserida no interior desta cultura escolar, marcada por um progresso no campo da educação na cidade de Cajazeiras, mesmo que não apresentando uma linearidade e que esteja configurado em contextos e configurações históricas distintas. Mesmo assim, tal instituição escolar mantém um elo histórico de progresso das práticas educativas desenvolvidas em Cajazeiras, a “cidade de Padre Rolim como era conhecida” (SOUSA, 2018, p. 65).

Na Escola São José, Maria Fernanda Marabello começa a desenvolver uma prática educacional no campo da promoção humana, do assistencialismo, mas sobretudo no campo do estímulo às jovens que esboçavam um desejo de seguir magistério. A educadora religiosa desenvolve a prática de conseguir bolsas de

estudos parciais ou totais em importantes e relevantes colégios privados de Cajazeiras, a exemplo do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

A professora Adelaide, desde o ano de 1985 começa então a lecionar na Escola São José na turma da 4ª série. Dessa forma, quando perguntamos durante o período em que ela trabalhou como professora na turma da 4ª série na Escola São José, quais eram práticas educacionais orientadas, indicadas ou sugeridas tanto a ela como professora da turma da 4ª série, quanto às outras professoras de outras turmas, pela educadora Irmã Fernanda Marabello, durante o período em que ela esteve à frente da Escola, a professora Adelaide afirma que:

Irmã Fernanda sempre nos orientou a desenvolver práticas educacionais voltadas para a formação integral da criança, posso afirmar que ela tinha uma visão além do tempo, pois se preocupava e não concordava com os métodos mecânicos e tradicionais da época. Ela sempre nos dizia que a criança precisava se preparar para enfrentar o mundo lá fora (FONSECA, 2019, Entrevista, grifo nosso).

Tal discurso, trazido por uma professora de uma turma de 4ª série sobre as práticas educacionais que eram orientadas a serem desenvolvidas com seus alunos, nos ajuda a compreender aquilo que discutimos de que existia no interior das práticas educativas desenvolvidas pela educadora Maria Marabello, uma tendência teórica, inclinada a uma tendência liberal renovada, por considerar que a transmissão do conhecimento e o desenvolvimento da aprendizagem têm um valor preponderante na promoção e no desenvolvimento de aprendizagens significativas e aptidões do indivíduo. Por aptidões, compreendemos o que arguimos como tese, o desenvolvimento de potencialidades em vista da vida do aluno em sociedade, na apreensão de atributos que lhe possibilitem uma aplicabilidade do conhecimento e aprendizagens adquiridas. Uma educação em vista da produção de práticas educacionais que visavam um empenho também em vista da formação integral dos alunos era uma preocupação da educadora Maria Marabello.

No entendimento da professora Adelaide Leite da Fonseca, a educadora Maria Fernanda Marabello “tinha uma visão além do tempo, pois se preocupava e não concordava com os métodos mecânicos e tradicionais da época”. Ou seja, a educadora estabelecia como meta e/ou prioridade última das suas práticas educacionais, relações entre os conteúdos dados e aprendidos em sala de aula, sempre partindo de um ensino multidisciplinar e não descontextualizado da realidade

social de vida do seu aluno. Mas, as suas práticas - o que é possível compreender no discurso da professora Adelaide – se distanciavam, pelo menos em parte de uma prática tradicional focada apenas e tão somente na figura do mestre, do professor como o grande detentor do discurso e do conhecimento e mudar o foco para os alunos, suas necessidades, dilemas e desafios. Pelo recorte da fala da professora é possível pelo menos entrever a possibilidade da proposta de um ensino com bases não tradicionais.

As práticas educativas orientadas pela educadora Maria Fernanda Marabello estavam voltadas para o desenvolvimento de potencialidades e técnicas, aptidões e funcionalidades que se fariam essenciais para um exercício efetivo do seu aluno no mundo do trabalho. Vemos, assim, uma compreensão da escola como uma via para transformação das bases e das funções intelectuais da sociedade, possibilitando mudanças socio-efetivas tanto no aspecto qualitativo quanto quantitativo, mostrando assim a necessidade de trocar os modelos tradicionais da educação por modelos mais condizentes com a realidade vivida e experimentada no dia a dia dos alunos e alunas e da comunidade escolar como um todo.

A fala da professora Adelaide sobre o fato de Maria Fernanda Marabello ter “uma visão além do tempo, pois se preocupava e não concordava com os métodos mecânicos e tradicionais da época”, nos ajuda pelo menos permitir a ideia de que as práticas educacionais da religiosa e educadora não se situavam em um certo grupo de práticas pedagógicas conhecidas como “tradicionais”, tais quais conhecemos, ou seja, aquelas que se fundam na transmissão de conhecimento, na disciplina, numa educação de “adestramento”, um ensino conteudista, programático, centrado na figura do professor.

Pelo contrário, a partir da fala da professora Adelaide, as práticas educacionais sugeridas e desenvolvidas pelos professores da Escola São José estavam muito mais simpatizadas com uma prática pedagógica em que teríamos um ensino individualizante, baseado numa relação professor x aluno.

Como uma tentativa de ilustrar as ideias discutidas do parágrafo anterior, trazemos essa tabela (PLANCHARD, 1975, p. 21-137), que correlaciona as pedagogias tradicionais e as novas que se apresentam aparentemente antagônicas. Mas, cada uma traz verdades incontestáveis. Consideramos que a concepção moderna ou pedagogia nova está contemplada como prioridade teórica na fala da

professora Adelaide, quando ela afirma que a educadora Maria Fernanda Marabello, “não concordava com os métodos mecânicos e tradicionais”.

Quadro 2: Pedagogias tradicional e moderna.

PEDAGOGIA TRADICIONAL	PEDAGOGIA MODERNA
Livresca; base no manual	condena o <i>magister dixit</i>
Transmissão de conhecimentos	“saber fazer”, capacidade de criação
Silêncio, receptividade, disciplina	Atividade, “self-government”, liberdade
Dirigida ao aluno médio e ao grupo	Ensino individualizante
Educação = adestramento;	Educação = autoformação
Programas logicamente estruturados;	Interdisciplinaridade;
“Não” à coeducação	“Sim” à coeducação
Estática, conformista, essencialista	Dinâmica, progressista, existencialista
Base filosófica, intuitiva	Base experimental
Emulação, competição	Auto-emulação; cooperação
Professor autoritário, distante	Professor companheiro, democracia
Esforço pelo esforço	Motivação, interesse

Fonte: PLANCHARD (1975).

Dessa forma, compreendemos que a pedagogia moderna em suas características basilares que foram apresentadas na Obra *A Pedagogia Contemporânea* do pensador Émile Planchard (1975), é um arcabouço teórico que apresenta em síntese as características fundamentais diferenciadoras entre as duas pedagogias. Em tais posicionamentos do autor, consideramos que contempla em parte, algumas práticas educativas desenvolvidas pela religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello, sobretudo, quando consideramos a análise relacional que tal pensador faz das duas tendências pedagógicas em tela.

A escola antiga era, diz-se, uma escola livresca que confundia memória e inteligência, e se limitava a um ensino verbal e dogmático. A escola nova, ao contrário, desconfia do manual, suprimindo-o mesmo, por vezes, sob a sua rotina habitual; ergue-se contra o psitacismo e condena o “magister dixit”. A escola antiga não se preocupa senão com transmitir conhecimentos, é essencialmente didática, enquanto a escola moderna visa sobretudo o “saber fazer”, as capacidades de realização e de criação. A escola antiga é silenciosa e receptiva, não conhece senão o “monólogo magistral”, é “a escola sentada”, faz apelo aos “imperativos categóricos” e à “disciplina militar”. A escola nova, ao contrário, é ativa e por vezes barulhenta como uma feira, pratica o “self government”, e baseia-se na liberdade do trabalho. A escola de outrora não conhecia senão o aluno médio e o grupo; a de hoje repudia o ensino puramente coletivo, é uma escola “por medida”, é individualizante. A escola tradicional confunde adestramento e educação, é enciclopédica, exalta “o esforço pelo esforço”, mesmo que este seja inútil; os educadores modernos insistem na autoformação, no ecletismo em matéria

de conhecimentos, fazem apelo aos interesses naturais do aluno e ao êxito para motivar o esforço (PLANCHARD, 1975, p. 121).

De acordo com este autor, uma das características da pedagogia moderna ou pedagogia nova é o “saber fazer”, ou seja, o apelo que a pedagogia transforma em esforço natural e a motivação para a construção do significado, onde se fala em centros de interesses e unidades de trabalho, onde o aluno e a sua realidade social marcada pela sua necessidade se transformam na força motriz para um ajustar-se entre a teoria e a prática, entre um saber aprender e saber fazer.

Ainda neste sentido, no campo e nas discussões deste “saber fazer” como características de pedagogia moderna, perguntamos à professora Adelaide sobre como ela compreendia a questão das oficinas de pintura de imagens de gesso e o curso de corte e costura como atividades complementares às práticas educacionais da Escola São José; de que maneira ela compreendia e de que forma estavam inseridas tais práticas.

Neste sentido, veremos que a fala da professora Adelaide estará no percurso da compreensão na qual também me alinho, de que as oficinas oferecidas na Escola São José estavam como atividades complementares a esta oferta de uma pedagogia em vista de um novo saber, não tradicional, que está fundada numa concepção teórica de coeducação com base experimental, onde se estabelece claramente a distinção entre uma escola antiga, que não se preocupa senão simplesmente com a transmissão dos conhecimentos essencialmente didáticos, enquanto que a escola moderna ou a escola sob uma pedagogia nova, visa sobretudo o “saber fazer”, em vista do desenvolvimento de potencialidades e capacidades de realização e de criação.

De acordo com a professora Adelaide, quando perguntada sobre qual a sua visão e compreensão sobre as atividades complementares às práticas educacionais de ensino na escola São José, assim ela se posiciona:

Irmã Fernanda sempre nos orientou a desenvolver práticas educacionais voltadas para a formação integral da criança, posso afirmar que ela tinha uma visão além do tempo, pois se preocupava e não concordava com os métodos mecânicos e tradicionais da época. *Ela sempre nos dizia que a criança precisava se preparar para enfrentar o mundo lá fora* (FONSECA, 2019, Entrevista, grifo nosso).

De acordo com a professora, havia uma preocupação no interior das práticas educativas da educadora Maria Fernanda Marabello, oferecidas aos seus alunos e por consequência às suas famílias, que era uma preparação para enfrentar o “mundo lá fora”. Na fala da professora é possível compreender que as práticas educativas de ensino “dentro da escola” deveriam estar na preparação em vista de um enfrentamento do mundo. É aqui que afirmo ou reafirmo que a educadora Maria Fernanda Marabello pensava numa educação que potencializasse e integralizasse a criança e o seu universo familiar no desenvolvimento de capacidades e habilidades que os ajudasse como ferramenta no enfrentamento das dificuldades “no mundo lá fora”, como afirma a professora Adelaide.

E aqui, sirvo-me da minha experiência como ex-aluno desta Escola para concordar com a perspectiva da professora Adelaide, quando em muitas vezes, Maria Fernanda Marabello mandava chamar a minha mãe na Escola ou até mesmo ia à minha casa para conversar com ela, quando percebia a minha ausência na sala de aula ou a minha falta na oficina de pintura. Quantas vezes a vi insistindo com vários outros alunos para que eles participassem das oficinas, sobretudo a de pintura para que, aprendendo um ofício, pudessem ir adquirindo desde então um senso de responsabilidade e de compromisso.

É nesta compreensão que se encaixam as atividades manuais – corte e costura, curso de pintura e de datilografia – que eram oferecidas aos pais e mães dos alunos pela Escola São José. Quando perguntei à professora Adelaide sobre qual a sua compreensão com relação ao oferecimento destas atividades manuais em forma de oficinas aos alunos matriculados na Escola São José, ela vai afirmar:

[...] estes cursos era um trabalho social voltado para a formação profissionalizante de jovens e adultos com a finalidade de inseri-los no mercado de trabalho. As oficinas era um trabalho a parte que visava ajudar as famílias a saírem da situação de pobreza e conquistarem um espaço nas diversas áreas profissionais e no mercado de trabalho da época (FONSECA, 2019, Entrevista, grifo nosso).

Corroborando com a arguição de tese, a fala da professora Adelaide sobre as oficinas (de corte e costura e de pintura) ajuda a compreender que as práticas educativas de Maria Fernanda Marabello estavam para além de um processo de escolarização, não que este objetivo e meta da educação não seja importante e

fundamental no processo de desenvolvimento da criança; mas defendo que estas práticas educativas da Irmã Maria Fernanda Marabello, estavam em vista de tornar sobressalente potencialidades também no campo dos valores, no campo da construção de homens e mulheres, movidos por princípios cristãos e que sejam artífices de mudança da sua realidade individual e que sejam possíveis agentes transformadores de realidades coletivas.

Tendo as atividades das oficinas, como diz a professora Adelaide, como “um trabalho a parte”, estas atividades se configuram como “a noção de capacidade que tem um sentido geral de potencialidade e que está marcada pelo selo do valor, ou seja, evoca o mérito ou o talento” (RAMOS, 2011, p. 229).

As práticas educativas que, a partir de outras atividades complementares, “extrapolem” as atividades tradicionais do interior de uma sala de aula, numa predisposição metodológica de serem catalizadores de um processo de ensino e aprendizagem, aparecem, a partir de entrevistas de ex-alunos e ex-alunas da Escola São José.

Esses dois ex-alunos, como sujeitos oculares e ao mesmo tempo objetos das práticas educativas da educadora Maria Fernanda Marabello, a partir da autoridade das suas narrativas orais lançam luzes sobre as suas experiências pessoais e assim, “ao narrar a sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (PASSEGGI, 2011, p. 147), e assim, através desse trabalho de reconstrução de si mesmo, o sujeito-indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

Na próxima subseção, busco apresentar e analisar as narrativas destes sujeitos, que a partir do seu lugar social de vivenciadores das práticas educativas de Maria Fernanda Marabello trarão um panorama dessas realidades e práticas sob suas visões e ressignificações próprias.

4.4 Pensando as práticas da Educadora Maria Fernanda Marabello, no interior da Escola São José, a partir das narrativas orais de ex-alunos

Ao tratarmos aqui sobre as narrativas orais de ex-alunos da Escola São José, lembro que a “memória é sempre dinâmica e mutável, sujeita às vicissitudes das circunstâncias. Sempre mudamos nossa forma de recordar e montamos esquemas narrativos dependentes de fatores externos a nós mesmos” (MEIHY, 2005, p. 77). Por

isso, não há como narrar sem fazermos o exercício da seleção objetiva ou subjetiva dos fatos. Concordamos com o autor sobre a possibilidade dos espaços de vazios da memória, justamente pela sua dinamicidade e mutabilidade, justamente porque “as narrativas são ressignificações no momento da narração, dada a natureza reconstrutiva e seletiva da memória” (ABRAHÃO, 2011, p. 167).

Entre tantas, uma das grandes contribuições da História oral como método para uma escrita da história é a possibilidade da criação de fontes que “levem em conta as experiências pessoais e os pontos de vistas dos sujeitos” (HARRES, 2004, p. 144).

E ainda segundo Albert (2005, p. 170):

Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informação sobre o que aconteceu.

As narrativas dos ex-alunos da Escola São José, que “ouviremos aqui” serão delineadas por essas linhas e posturas teóricas de análises da História Oral e terão as intenções, a partir das suas falas, de revelar e compreender as práticas de Irmã Maria Fernanda Marabello. Foi justamente com este propósito que realizamos entrevistas com dois ex-alunos: Maria da Silva Carvalho Araújo e Francisco Auri Pinheiro.

A ex-aluna Maria da Silva Carvalho de Araújo é natural da Zona Rural do Município de Cajazeiras, conhecido como Sitio Serragem que fica aproximadamente entre 10 a 15km distante da Escola São José. Maria da Silva Carvalho de Araújo vinha todos os dias desta localidade, visto que a Escola São José, estando na área Paroquial da Matriz de Nossa Senhora de Fátima²² à época, as crianças advindas daquela localidade se matriculavam para a catequese e para o ensino Fundamental I (1ª a 4ª série) na Escola São José.

Ao se matricular na Escola também precisávamos entrar na catequese e frequentar a Igreja. Havia vários cursos como música e corte e costura para quem quisesse fazer. Já conhecia a Irmã Fernanda desde que morava no

²² Construída no ano de 1834, foi a primeira capela da cidade de Cajazeiras. Construída por Ana Albuquerque (Mãe Aninha), a primeira capela tinha como padroeira Nossa Senhora da Piedade. Apenas em 1914, com a criação da Diocese, que teve como primeiro bispo Dom Moisés Coelho, a Igreja de Nossa Senhora de Fátima (ainda com a denominação de Nossa Senhora da Piedade) passou ao posto de Catedral. Posteriormente, em 1957, com a inauguração da nova Catedral Diocesana (atual Paróquia Nossa Senhora da Piedade), por decreto diocesano, a antiga igreja de Nossa senhora da Piedade passou a ser chamada de Paróquia de Nossa Senhora de Fátima.

sítio Serragem, pois a capela do sítio fazia parte da Paróquia São José (ARAÚJO, 2020, Entrevista).

Quando perguntamos em que ano e com quantos anos de idade ela começou a estudar na Escola São José, ela responde que começa a estudar na Escola São José a partir do “ano de 1986, aos 14 anos” (ARAÚJO, 2020, Entrevista).

A educação e religião é um aspecto da história de Cajazeiras que desde sua origem, tem formado como um binômio fundamental de caracterização da sua história educacional. Dessa forma,

Igreja e colégio e açude, formaram as três colunas básicas que serviram de tripé, sobre o qual se levantou e se firmou, como núcleo social, econômico, político, religioso e cultural, a nossa querida e progressista cidade de Cajazeiras” (SOUZA, 1981, p. 16).

A Escola São José era uma Instituição escolar que tinha um funcionamento e organizações peculiares, ou seja, ao mesmo tempo em que era uma Escola legalmente Municipal com doação de terreno feito pela Câmara Municipal de vereadores da época, erigida através de Lei Municipal assinada, onde o corpo de professores na sua grande maioria, faziam parte do quadro efetivo do Magistério; outros profissionais eram cedidos pelo Estado. Por outro lado, a Escola era administrada internamente aos moldes de uma escola confessional.

Nesse caso, concordamos com Silva (2018, p. 51) quando afirma que “as instituições escolares confessionais ou laicas/leigas não estão dissociadas dos acontecimentos políticos e sociais” e que, portanto, abarcam no interior das suas questões e problemas educacionais um universo de outras variantes. Tais relações específicas entre público e privado, Estado laico e religioso nos espaços públicos da Escola São José não se constituía como o nosso objeto específico de análise e, por isso, fizemos a opção em não aprofundarmos tal questão.

Concordamos com Chartier (1994) quando, discorrendo sobre a importância do aspecto estruturalista da narrativa histórica, deixa claro que ela como narrativa, nos “ajuda a identificar as estruturas e as relações das percepções e das intenções dos indivíduos e assim as formas de discursos” (CHARTIER, 1994, p. 101-102). Buscando conhecer estas relações de percepção estruturais internas de significação pessoal, perguntamos para o ex-aluno Francisco Auri Pinheiro e a ex-aluna Maria da Silva Carvalho de Araújo: o que você consegue lembrar sobre como era o dia-a-dia na

Escola São José: como era a chegada na Escola? Onde os alunos se concentravam antes de entrar nas salas de aula? Como era a organização das salas?

Assim, eles responderam:

Lembro que ficávamos todos no pátio brincando à espera da hora de entrarmos nas salas e depois fazíamos filas para entrar nas salas. Era o momento de encontrarmos e reencontrarmos os colegas como uma espécie de reencontro mesmo. A Escola São José foi para mim um lugar muito importante e de bastante significado. Experiências que vivi ali que ainda guardo na memória. Lembro-me da colega Janiléia, em alguns intervalos íamos à casa dela para pegar lanche e água. A Escola não tinha excelentes estruturas porque era uma escola de bairro pobre de periferia, mas era muito organizada e as irmãs cuidavam de tudo (ARAÚJO, 2020, Entrevista).

De acordo com os destaques da narrativa de Araújo (2020) é possível perceber que a Escola São José ainda tem para ela a referencialidade de um lugar afetivo que ainda revela significado que ultrapassou o tempo histórico vivido e ressignifica um novo tempo histórico sentido, que ainda produz nela uma força de explicação de si mesma, significados atuais. De acordo com Le Goff (2013, p. 388) “a memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios”. Na fala de Araújo compreendo que a Escola São José é apresentada como um monumento.²³

Já Pinheiro (2020, Entrevista), assim se reporta às suas memórias da época de estudante na Escola São José no ano de 1989, quando com 11 anos cursava a 4ª série.

Eu lembro como se fosse hoje, chegávamos mais cedo em torno de uma hora antes de entrarmos para sala de aula e essa hora usávamos pra brincarmos de bola no pátio da escola (quadra coberta), na hora do recreio brincávamos no pátio e até após o término das aulas brincávamos também e era preciso a Irmã nos colocar pra irmos para casa. Todos os alunos se concentravam antes de entrar nas salas de aulas no pátio da Escola. Sobre a organização antigamente tinha a Igreja no centro da congregação e aos lados, tinha as salas de aulas, dentro da sala de aula as carteiras e os acentos eram todos conjugados e sentávamos em dupla. O meu colega em especial que sentava

²³ A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa ‘fazer recordar’, de onde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. Quando Cícero fala dos *monumenta huius ordinis* [Philippicae, XIV, 41], designa os atos comemorativos, quer dizer, os decretos do senado. Mas desde a Antiguidade romana o *monumentum* tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc.; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte. O *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos (LE GOFF, 2013, p. 486).

junto comigo era o André e sempre quando tinha atividades em grupo, sempre fazia com ele (PINHEIRO, 2020, Entrevista).

Nas memórias do ex-aluno Francisco Aurí Pinheiro, algo particularmente me chama a atenção sobre a tônica na sua fala de uma referencialidade da religião no espaço público da Escola São José, onde tinha “a Igreja no centro”. Esse fragmento de fala, tirado da narrativa de Pinheiro, expõe a forte relação entre educação e religiosidade no interior das práticas educativas de Maria Marabello e, de modo geral, torna ainda claro, sob que fundamentos estavam sendo construídas as suas atividades escolares como religiosa e diretora de referida Escola, “onde à educação cumpre moldar a existência particular e real de cada educando à essência universal e ideal que o define enquanto ser humano. Para a vertente religiosa, tendo sido feito por Deus à sua imagem e semelhança” (SAVIANI, 2012, p. 58).

Assim, ao estabelecerem um distanciamento temporal e ao mesmo tempo uma aproximação afetiva, portanto subjetiva, os ex-alunos realizam ao mesmo tempo um processo de identificação de si mesmos com o espaço escolar, onde a partir disso, o espaço escolar não mais apenas representa um espaço vazio de paredes, portões e salas de aulas, mas se torna um espaço de “bastante significado”, um espaço que dialoga consigo mesmo e gesticula sentidos escondidos no mais recôndito da memória. Dessa forma, fica claro que as “pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados. Cada uma dessas pessoas constitui um ego ou uma pessoa, como muitas vezes se diz numa linguagem reificante. Entre estas pessoas colocamo-nos nós próprios” (ELIAS, 1970, p. 15-16).

Considerando que para Le Goff (1999, p. 23), o sujeito histórico é aquele que “constrói-se a si próprio e constrói sua época, tanto quanto é construído por ela”, percebemos que quando Araújo e Pinheiro falam um pouco sobre as estruturas físicas da Escola São José, eles discorrem também, mesmo que indiretamente sobre algumas realidades sociais nas quais a Escola São José estava inserida.

Quando Maria de Araújo afirma que a Escola “não tinha excelentes estruturas, porque era “uma escola de bairro pobre de periferia”, nos ajuda compreender que a Escola São José apresentava em seu interior, uma das questões graves que é a realidade social dos seus alunos, familiares e da comunidade escolar no geral em seu entorno, onde muitas das vezes são problemas sociais que são transportados para

dentro da Escola. Um deles é a realidade de alunos pobres de bairros periféricos de pequenos ou grandes centros, que tem a Escola como um dos únicos espaços para se alimentarem e matarem a sua fome; quando muitas, nem mesmo estes lugares a elas são acessíveis.

Apesar deste fato já ter sido observado há décadas, a omissão da refeição na escola ainda é uma realidade no Brasil. Rosenberg (1977), já no final da década de 70, havia constatado que 12,6% das crianças iniciavam suas atividades escolares em completo jejum, apontando para a importância do tema, visto que a alimentação precária pode influenciar no rendimento escolar das crianças. Pollitt, Gersovitz e Gargiulo (1978) acreditam que as crianças que frequentam a escola sem o café da manhã são provavelmente menos atentas, mais letárgicas e irritáveis (MOTA; MASTROENI; MASTROENI, 2013, p. 169-170).

O quadro descrito acima era sentido e vivenciado por mim e por tantas outras crianças, todos os dias, quando íamos para a Escola São José em completo jejum. Recordo-me, que quase todas as manhãs, a refeição da merenda era a única refeição que eu teria acesso naquele dia. Dessa forma, “muitas crianças pobres que não tinham o que comer em casa, começaram a estudar e serem ajudadas pelas irmãs” (ARAÚJO, 2020, Entrevista).

Neste sentido, “a escola é uma trama de relações sociais materiais que organizam a experiência cotidiana e pessoal do aluno” (ENGUITA, 2000, p. 152, apud GOMÉZ; SACRISTAN, 1998). A Escola São José na década de 1970 e início da década de 1980, foi um dos mais importantes e fundamentais espaço escolar para as crianças destas localidades da Zona Norte de Cajazeiras, ou seja, para os Bairros São José e “Casas Populares” que sofriam com a falta de vagas nas Escolas que já haviam nestes bairros e com um índice de violência e pobreza.

De acordo com a ex-aluna,

Antes das Irmãs chegarem em Cajazeiras, o bairro São José era um dos bairros mais pobres da cidade e um dos mais violentos. O bairro São José e as casas populares eram os bairros que mais concentravam crianças no meio da rua sem ir para a Escola. No bairro já tinha algumas escolas do município, mas não comportavam todas as crianças. A Escola São José na época foi muito importante. Muitas crianças que antes estavam sem Escola, começaram a estudar lá (ARAÚJO, 2020, Entrevista).

Concordamos com a narrativa da ex-aluna Maria da Silva, quando ela afirma que a Escola São José foi importante para a comunidade local à época, para um tipo de necessidade de acomodar um grande número de crianças que ainda não estavam

matriculadas em nenhuma Escola no bairro local, mesmo que por outro lado, nos bairros São José e Casas Populares já tivessem a existência de duas Escolas Municipais, a saber, a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles²⁴, sendo que esta escola ofertava inicialmente apenas duas salas de aula, e a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Vitória Bezerra²⁵; ambas as instituições atendia a algumas crianças dos bairros citados por Maria da Silva, mas não comportavam todas as crianças.

Como citamos acima, a Escola São José apresentava uma situação peculiar que nos remete a esta complexa relação entre público e privado e caracterizava à indefinição destas relações de modo geral, ou seja, era em parte uma Escola administrada também pelo Estado (público) e por outro lado, administrada por uma Congregação Religiosa (privado). Esta realidade expõe também uma situação geral em que “o Estado brasileiro, de modo geral, durante muito tempo, estimulou o ensino privado como uma forma de amenizar suas dificuldades em proporcionar à população escolarizável ensino público” (NUNES; SILVA; MACHADO; 2017, p. 398).

Esta condição da Escola fazia com que ela tivesse uma certa vantagem em relação às outras. Uma primeira vantagem era que, pelo fato da Escola funcionar numa estrutura física administrada pela própria Congregação, que fora doação da Igreja local na pessoa do Bispo Dom Zacarias Rolim²⁶ quando da vinda delas para o Brasil, assim a Escola São José diferente das demais, tinha a possibilidade de ter um amplo espaço interno e assim, desenvolver atividades diversas com e para os alunos.

²⁴ A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles foi construída no governo de João Agripino Filho, entre os anos 1962 e 1970, no mesmo momento em que a CEHAP (Companhia Estadual de Habilitação Populares) estava construindo as Casas Populares, que se encontram no entorno da Escola. A construção desta Escola tinha como objetivo atender aos filhos dos moradores, do referido bairro, em idade escolar, recebendo o nome de Escola de 1ª grau Arsênio Rolim Araruna, funcionando com apenas duas salas de aula (SILVA, 2014, p. 38-39).

²⁵ A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Vitória Bezerra localiza-se na zona Norte da cidade de Cajazeiras-PB. A instituição foi construída na administração do Prefeito Dr. Epitácio Leite Rolim, em 22 de agosto de 1969, tendo recebido o referido nome de uma pessoa bastante ilustre da cidade de Cajazeiras, Vitória Bezerra de Melo, que exerceu a profissão de professora e foi adjunta da cadeira pública do ensino primário do sexo feminino da cidade de Cajazeiras em 13 de Julho de 1914.

²⁶ De acordo com Irmã Fernanda, a vinda da Congregação para o Brasil teve o apoio do então Bispo Diocesano Dom Zacarias Rolim de Moura. Segundo ela, “a Madre Nardin gostou do convite, comunicou a notícia a todas as irmãs, que ficaram entusiasmadas. Ela programou logo uma viagem ao Brasil para falar com o Bispo da Diocese e localizar onde abrir a comunidade. Foi muito bem acolhida pelo Senhor Bispo, Dom Zacarias Rolim de Moura e pelo Padre Albino Donati, italiano Trentino, naquele tempo vigário da Paróquia Nossa Senhora de Fátima. O Centro Social onde funcionava a Escola São José fora construído pelo Padre Albino (MARABELLO, p. 82-83, 1986).

Uma segunda vantagem em relação às outras, era que além da ajuda e empenho da Congregação na administração da Escola burocrática e financeiramente, a Escola contava com o apoio estruturante do Poder Público. De acordo com a própria Maria Fernanda Marabello, “ela foi muito bem aceita e ajudada pela secretaria da Educação do Município de Cajazeiras que entendeu a utilidade dela, e que as famílias consideram muito necessárias” (MARABELLO, 1986, p. 83).

Assim, nestas condições favoráveis, as Irmãs da Sagrada Face começam como parte das atividades escolares, oficinas de produção e pintura de imagens de gesso. Era uma atividade escolar, onde para a participação nela, a criança precisava estar devidamente matriculada na Escola e apresentar um “interesse nos estudos, se mostrar responsável com a Escola e ser comportada” (ARAÚJO, 2020, entrevista).

Nesta mesma linha de compreensão, destaca Pinheiro (2020, Entrevista), quando perguntado sobre a sua experiência com relação à oficina de pintura, se era uma atividade complementar às suas atividades em sala de aula, ou seja, se precisava estar estudando para participar.

[...] aquela experiência significou muito para mim, pois ali onde aprendemos a dar valor às pequenas coisas e também ser uma pessoa mais comprometida e responsável. Sim, aquela atividade era complementar e para fazer parte daquela oficina de produção e pintura teria que estar estudando e com notas boas para poder frequentar (PINHEIRO, 2020, Entrevista).

As atividades das oficinas, aqui no caso de pintura e datilografia, tinham uma parte das vagas destinadas aos alunos matriculados na Escola como forma de integrá-los e construir neles um tipo de saber fazer como uma competência que gerasse neles um senso de compromisso, empenho e responsabilidade no seu processo de escolarização, de ensino e aprendizagem. Em minha experiência como ex-aluno da Escola São José e, portanto, como também ex-participante desta oficina de pintura, me recordo da preocupação de Irmã Fernanda Marabello de que a participação na oficina não atrapalhasse o andamento dos estudos, mas que pelo contrário fosse um incentivo para aqueles alunos que demonstrassem por meio de boletim, um bom rendimento nas notas.

Exatamente por isso, um dos critérios para participação era que a participação do aluno na oficina fosse a contraturno do qual este estudava na Escola, ou seja, “aquela atividade era complementar e para fazer parte daquela oficina de produção e

pintura teria que estar estudando e com notas boas para poder frequentar” (PINHEIRO, 2020, Entrevista).

De um modo geral, estas oficinas (sobretudo a de pintura e datilografia) se constituíam em um espaço de aprendizagens múltiplas, onde os alunos participantes eram ajudados e estimulados a desenvolverem competências múltiplas, onde uma das metas é um modo de saber fazer algo, produzir significativamente como uma habilidade. Dessa maneira, “as competências seriam aquisições, aprendizados construídos e não virtualidades da espécie” (RAMOS, 2011, p. 230).

De acordo com a ex-aluna Maria da Silva Carvalho de Araújo,

Na Escola São José, as oficinas ajudavam as crianças a aprender a fazer alguma coisa, abrir a mente para futuramente ajudarem em casa ou até não mexer no que é dos outros. Irmã Fernanda tinha muita esta preocupação com os alunos (...) quando ela via alunos assim, ela investia o seu tempo além do da Escola (ARAÚJO, 2020, Entrevista).

As oficinas oferecidas pela Escola São José, através das suas práticas educacionais, tendo à frente como gestora a educadora Maria Fernanda Marabello, era uma atividade escolar que estava em vista do investimento no “tempo além da escola” dos seus alunos. Como ex-aluno da Escola São José e ex-participante destas oficinas, por experiência própria posso afirmar que a nenhum aluno era permitido faltar à aula para cursar a oficina ou deixar de vir a Escola no seu turno (manhã ou tarde), para estar somente participando das oficinas.

A oficina de pintura em que eu participava acontecia sempre em contraturno das aulas dos alunos que participavam da oficina. Aprendíamos a fazer imagens de gesso com aquelas formas de borracha, a colocar para secar e depois Fernando nos ensinava a pintar. Eram atividades que me ajudavam e me incentivavam a participar e frequentar mais a escola. Facilitava por ser em outro turno do que a gente estudava na Escola (ARAÚJO, 2020, Entrevista).

As oficinas se configuram, assim, estratégias cotidianas usadas pela educadora Maria Fernanda Marabello para estar a serviço do ensino e da produção de uma aprendizagem enquanto tendo um lugar próprio, onde estas atividades que estavam para além dos muros da Escola, para além das práticas tradicionais circunscritas ao chão da sala de aula da escola, através dos seus meios pedagógicos orientados em sala.

Nesse sentido, as oficinas da Escola São José compreendidas como estratégias no interior de um amplo processo de ensino na Escola, nos aproximamos

assim da compreensão de que “a estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações” (CERTEAU, 2005, p. 99).

Portanto, quando argumento nesta tese que as práticas educativas desenvolvidas pela Educadora Maria Fernanda Marabello tinham uma propositura intencional de estar para além da escolarização, mas em vista de promover em seus alunos capacidades e competências para a vida existente de um modo geral, ancoro-me em compreender as oficinas, de modo específico, como este lugar suscetível de ser circunscrito, como um espaço próprio de linguagem e aprendizagem, de significado e dialético.

Quando ouvi a narrativa de memória do ex-aluno Francisco Auri Pinheiro, ex-aluno da Escola e ex-participante de uma destas oficinas, compreendo que é uma leitura possível da vida atuante da educadora à frente da Escola São José. Quando perguntei a Pinheiro, que contribuições ele identificaria na sua vida, frutos destas práticas educacionais de Maria Fernanda Marabello, quando à frente da Escola, ele assim narra:

Primeiro ensinamento para minha vida foi que Deus em primeiro lugar e a família é a base de tudo, e sempre que Irmã Fernanda falava para trilharmos o caminho do bem ela colocava a família como base e esses ensinamentos e aprendizados foram fundamentais para minha vida e que foram adquiridos nessa época que estudei na escola São José (PINHEIRO, 2020, entrevista).

E ainda, se referindo, na sua compreensão, sobre as disposições e uma daquelas que se apresenta como uma das finalidades da prática educacional de Maria Fernanda Marabello e as implicações sentidas em sua vida de ex-aluno da Escola São José, assim ele esclarece que:

Que ela não só se preocupava em nos ensinar a ler e a escrever, mas como sermos pessoas, humildes, justas, disciplinadas, ajudar ao próximo, andar sempre no bom caminho, não se envolver com coisas erradas, enfim, ela na verdade nos preparava para vida (PINHEIRO, 2020, Entrevista).

A partir dessa narrativa do ex-aluno Francisco Auri Pinheiro, mais uma vez recorro às minhas memórias pessoais como ex-aluno, mas sobretudo, como contemporâneo tanto da educadora Maria Fernanda Marabello, quanto do ex-aluno acima citado, quando este destaca que “ela não somente se preocupava em nos

ensinar a ler e a escrever [...] mas nos preparava para a vida” (PINHEIRO, 2020, Entrevista).

Recordo que Maria Fernanda Marabello mantinha uma prática de com os seus amigos, parentes e familiares da Itália, conseguir “bolsas de estudo” para muitas dessas crianças pobres da sua Escola que ela identificava um certo empenho, interesse e responsabilidade para com os estudos. Este fato, a que me referi anteriormente, era um dos critérios também para que os alunos fossem convidados para participar das oficinas, oferecidas pela Escola São José. Então, da mesma maneira, a educadora Maria Fernanda Marabello tinha a prática de perguntar aos alunos e alunas da Escola São José que demonstrassem progresso na aprendizagem, apresentando excelentes notas, se estes não gostariam de estudar em uma escola privada. No caso, ela mesma se encarregava de conseguir doações financeiras com famílias italianas para que custeassem os estudos. Tal fato veio a acontecer comigo, como também na vida do nosso entrevistado e ex-aluno Francisco Auri Pinheiro. Fomos contemporâneos e estudamos juntos no Colégio Diocesano Padre Rolim, apadrinhados por famílias italianas. Todas as ajudas financeiras eram captadas e administradas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Face, particularmente por Maria Fernanda Marabello, sendo que ela mesma se encarregava de realizar os pagamentos das mensalidades junto ao estabelecimento de ensino e pegar os boletins dos alunos apadrinhados por estas famílias da sua terra natal. O meu boletim pessoal (Imagem 24) quando da conclusão do Ensino Fundamental (8º ano) em 1994, dois anos após o seu falecimento, mostra que tal política de apoio e financiamento teve continuidade por parte da Congregação das Irmãs da Sagrada Face que ajudava as crianças pobres, que mesmo esforçadas, empenhadas e inteligentes, não tinham jamais condições de estudarem em uma Escola Privada.

Imagem 24: Boletim de Conclusão de Ensino Fundamental (8º ano) no Colégio Diocesano Padre Rolim, apadrinhado pelas Irmãs da Sagrada Face, capitaneado por Maria Fernanda Marabello.

COLÉGIO DIOCESANO PADRE ROLIM
RUA PE. IBIAPINA, S/N - CAJAZEIRAS - PB
REC. CEE/PB - PAR. Nº 258/99
RES. 157/99-D.O. 20/10/99

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Colégio Diocesano Padre Rolim
Cajazeiras - Paraíba

Certificado de Conclusão do Ensino Fundamental

Certificamos que DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS
filho (a) de José Mariano dos Santos
e de Joana Fernandes dos Santos
natural de Cajazeiras, estado Paraíba, nascido
em 12 de março de 1977, tendo em vista a verificação
de seu rendimento escolar, no ano letivo de 1994, na 8ª Série do Ensino
Fundamental é considerado habilitado no Ensino Fundamental, nos termos da LEI DE
DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL nº 9.394/96 de 20.12.96

Cajazeiras, 27 de janeiro de 2000

Francisco de Assis Damasceno (Diretor)
Francisco de Assis Damasceno
DIRETOR - Reg. 2.384/IT

João Raimundo dos S. Vianna (Secretário)
João Raimundo dos S. Vianna
SECRETÁRIO - Reg. 454/IT

Fonte: Arquivo pessoal de Damião Fernandes dos Santos.

A recordação deste fato se deu para que fosse possível contribuir com a narrativa de Pinheiro (2020, Entrevista), quando afirma que “ela não só se preocupava em nos ensinar a ler e a escrever, [...] enfim, ela na verdade nos preparava para vida”, quando o ex-aluno discorria sobre, na compreensão deste, as contribuições das práticas educativas de Maria Fernanda Marabello. Esta narrativa me fez lembrar uma experiência pessoal, o que ao mesmo tempo também em sua entrevista, Pinheiro afirma que também ele foi um dos alunos beneficiados por esta política de investimento na “vida dos alunos” da Escola São José.

Segundo Pinheiro (2020),

Um certo dia sem eu menos esperar, Irmã Fernanda chegou pra mim e fez essa pergunta: você gostaria de estudar em um colégio particular? Eu inocente nem passava na minha cabeça que ela tinha a intenção de pagar

pra mim, fui logo dizendo, irmã meus pais são pobres e lá em casa são em seis irmãos e as vezes não tem nem o que comer, eles não tem condições não, então ela fez a pergunta novamente e disse: eu não estou perguntando se seus pais tem condições não. Eu quero saber se você gostaria de estudar em um colégio particular e minha resposta foi claro irmã gostaria sim, então ela disse: diga a sua mãe D. Zefinha que venha falar comigo ainda hoje e nesse dia foi um dos dias mais felizes da minha vida (PINHEIRO, 2020, Entrevista).

Em nenhum momento, tenho a intenção de afirmar que essa tal prática educativa da Irmã Maria Fernanda Marabello se caracterize em si e “per si” isoladamente, uma prática educativa em sua compreensão clássica nas relações internas entre teorias pedagógicas e concepções didáticas, que em sua maioria estão em perfeita simbiose na forma e no conteúdo. Afirmo que tal postura e propositura da Irmã Fernanda Marabello para com estes alunos se revelava uma prática educacional dessistemazida e informal. Uma prática educacional que comportava uma certa didática de considerar os meios e as condições sociais do processo do ensino, tendo em vista finalidades educacionais a longo prazo. Talvez, não para um fim de um simples ano letivo tão somente, mas para a vida. Talvez falemos de uma prática educacional que esteja para “além da sala de aula” da Escola São José, mas voltada para a “escola do mundo”, para a escola da vida. E assim, tornar para tantos alunos, os seus dias, como “o dia mais feliz da minha vida” (PINHEIRO, 2020, entrevista).

Quando leio a narrativa de Pinheiro (2020), de alguma forma entro em contato com minha própria história, ou seja, com uma narrativa que confere significado de transformação das suas perspectivas e das construções de novos horizontes, que antes não possuía, até porque, pude construir novos horizontes quando os próprios horizontes eram limitados ou inexistentes para a realidade de criança pobre de um bairro de periferia. A Irmã Fernanda compreendeu, talvez não de maneira absoluta, mas intuiu que a educação que confere dignidade ao sujeito feito à imagem e semelhança de Deus, tal qual era o seu ideal cristão, é aquela que está de mãos dadas com uma mínima possibilidade de mudança social do sujeito e da sua realidade em seu entorno. Assim, nas suas disposições de construção de estratégias, há uma compreensão de que “a educação é o que se pode fazer do homem de amanhã. Não é a atualização de uma essência do passado nem a perseguição dramática de uma perfeição individual impossível, permanente, sempre a meio caminho da humanidade” (GADOTTI, 2012, p. 177). Mas a educação e as suas práticas deveriam estar voltadas

a uma pedagogia em movimento dialético, ou seja, que esteja em diálogo com o homem social e empenhada em reconstruí-lo em sua dimensão coletiva sempre que possível e que o lance para o futuro.

E lançar para o futuro de acordo com o ex-aluno Francisco Aurí Pinheiro, muitas das vezes era não permanecer com o olhar fincado em um passado sem horizontes ou sem possibilidades, mas é, sobretudo, olhar para o presente com esperança. E era este olhar de perspectiva que, através das suas práticas, Maria Fernanda Marabello estabelecia ou desejava instigar naqueles sobre quem ela administrava suas estratégias.

De acordo com Pinheiro (2020):

Uma das experiências que se encontra bem viva em minha memória era quando ela dizia que gostava muito da nossa família, pois quando nos aproximamos delas foi para pedir um trabalho e não esmolas como muitos iam, que nós eramos pessoas boas e que nós nos ajudávamos (PINHEIRO, 2020, entrevista).

Uma educação para além de uma escolarização formal, da apreensão dos códigos ou sílabas. Uma educação que preconizava um ideal de pessoa: aquela que para além das suas condições sociais, olhasse para frente, para um futuro que se caracterizava não em se apequenar além do que a sujeição da sua realidade lhe impunha, mas olhar para a frente como quem se ajuda, como quem produz em si um “saber ser” e assim, uma educação que através de estratégias, criassem possibilidades, potencialidades para “pedir um trabalho e não esmolas” (PINHEIRO, 2020, Entrevista).

Quando perguntei sobre as práticas educacionais desenvolvidas pela Irmã Maria Fernanda através da Escola São José, se na compressão de Pinheiro (2020) elas foram fundamentais para um tipo de desenvolvimento de capacidades ou de potencialidades em seus alunos e participantes das oficinas, assim ele se manifesta, afirmando que

sim. Ao meu ver sim, pois com essas práticas nos tornamos pessoas disciplinadas, naquela época ela já tinha essa visão que quando o aluno tem uma obrigação com algum serviço que seja em casa ou fora de casa ele se torna mais disciplinado nos estudos. Hoje mesmo, estudos mostram que quando uma criança que os pais colocam para fazer alguma atividade em casa como por obrigação todos os dias ele se torna um aluno mais bem-sucedido entre os colegas (PINHEIRO, 2020, Entrevista).

Na sua compreensão e visão particular, a partir da sua experiência pessoal, a disciplina e a responsabilidade ou o sentimento de “obrigação com algum serviço”, seriam os frutos que em sua vida tinham mais sentido, no que se refere a um florescer a partir das práticas estratégicas da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello. Por outro lado, para a ex-aluna Maria da Silva Carvalho de Araújo (2020, Entrevista), na Escola São José, “as oficinas ajudavam as crianças a aprender a fazer alguma coisa, abrir a mente para futuramente ajudarem em casa e não mexer no que é dos outros”.

As relações entre “ser” e “fazer” aparecem cintilantes nas narrativas dos dois ex-alunos da Escola São José, quando colocadas na perspectiva das práticas educativas de Maria Fernanda Marabello (Irmã Fernanda), ou seja, por um lado, as suas estratégias educativas possibilitavam tornarem-se pessoas disciplinadas e responsáveis (PINHEIRO, 2020, Entrevista), ao passo que para Araújo (2020, Entrevista), possibilitavam um “aprender a fazer, um abrir a mente” em vista de compromisso de serem responsáveis e honestas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese de doutoramento teve como objetivo geral compreender a trajetória de vida da religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello, desvelando as especificidades e contribuições das suas práticas educativas. O nosso argumento de tese que nos empenhamos em compreender e desenvolver, a partir da análise das fontes orais e documentais, foi o de que esta educadora trazia, intencionalmente, no interior de suas práticas educativas uma estratégia para incrementar potencialidades junto aos seus educandos e que tais práticas iam além de um formato de alfabetização via silabação ou numa transposição didática da leitura pela leitura, ou seja, daquela leitura silabada como instrumento de codificação do símbolo escrito.

Para traçarmos este caminho de investigação e pesquisa, nos impomos os objetivos específicos como estratégia para buscarmos responder as inquietações da nossa pesquisa, ou seja, revelar os traços biográficos da educadora e a sua trajetória educacional desde ainda de Casalserugo, sua cidade natal. Com isso, foi possível constatar e assim concluir que Maria Fernanda Marabello teve uma trajetória acadêmica predominantemente marcada por uma formação humanitária (Ciências Humanas), ou seja, formou-se no magistério, seguido pela participação em cursos de especialização em Pedagogia, Didática e Psicologia, respectivamente nos anos de 1947, 1948 e 1949, na cidade de Veneza, tal como ainda, noções organizacionais de higiene, noções de direito e economia, educação física, trabalho doméstico e trabalho manual.

Sobre essa época, encontramos algumas dificuldades em termos de acesso a outras fontes documentais que nos possibilitasse conhecer pormenores da fase da formação acadêmica de Maria Fernanda Marabello. Em grande parte, as dificuldades se deram pelo fato de que sendo ela de origem italiana, o acesso a todos os documentos dessa época, somente eram possíveis direto no seu local de origem. Não sendo possível, somente tivemos acesso a documentos dos arquivos pessoais da Religiosa por meio da Congregação das Irmãs da Sagrada Face em sua Casa do Governo Geral na Itália/Roma. Portanto, não tivemos acesso direto aos documentos, até para que fosse possível fazer distinções, preferências e estabelecer prioridades na seleção dos documentos. Os documentos para análise, neste sentido, me foram

enviados, por meio de interlocutoras Religiosas da Sagrada Face que residentes na Itália, me enviavam o material por e-mail já escaneados.

No que se refere ao objetivo de descrever o processo de fundação e os estatutos da Congregação das Irmãs da Sagrada Face e analisar as influências destes na vida da biografada, ficou bastante claro como muito do perfil humano nas suas práticas educacionais e desbravadoras no que diz respeito a não temer o novo, o inusitado e o desafiador em Maria Fernanda Marabello, será em grande medida influenciado tanto pela sua relação pessoal com a Madre Fundadora Pia Mastena, quanto com a Congregação das Irmãs da Sagrada Face nas suas regras e estatutos. Como ela mesma vai afirmar sobre a sua familiaridade com a Madre que “vivi frequentemente a seu lado, tanto em San Fior quanto em Roma, com a familiaridade que uma filha tem com a própria mãe” (POSITIO LIVRO II, 1994, p. 3). Esta familiaridade fará dela uma das mais fiéis imitadoras da Madre Pia Mastena, sobretudo na sua disposição de ser uma das primeiras religiosas a sair da Itália para residir em outro país como missionária e empreender em terras brasileiras, em uma cidade do alto sertão paraibano, uma atividade no campo da educação, aumentando a fileira de educadoras religiosas que já atuavam no campo da escolarização de crianças em Cajazeiras.

Será a obra *“Uma apóstola da Sagrada Face”* escrita em 1986 por Maria Fernanda Marabello sobre a história de vida da fundadora e a fundação da Congregação, que nos servirá como importante fonte histórica e que nos deu base para uma análise e uma compreensão da relação da educadora com a Madre Pia Mastena. Outra importante fonte documental foram os livros intitulados “POSITIO”, que se trata de um tipo de livro-arquivo documentário, contendo declarações de testemunhas que viveram e/ou conviveram com a Madre - apresenta na íntegra o testemunho de Maria Fernanda Marabello. O Positio é o livro de abertura do processo de Beatificação da Fundadora da Congregação da Irmãs da Sagrada Face, Madre Maria Pia Mastena, junto ao Vaticano, cuja instrução do processo aconteceu em Roma de 1990 a 1992.

Desvelar a história de vida da educadora Maria Fernanda Marabello (Irmã Fernanda) é também e ao mesmo tempo, tornar conhecida a história de um povo e sua cultura, as suas significações subjetivas e seus símbolos míticos, mas sobretudo é conhecer as suas conquistas, mesmo em meio às vulnerabilidades sociais,

restrições de direitos e de acesso e de permanência na Escola. Nesse sentido, quando nos dispomos a investigar as especificidades das suas práticas educativas no interior da Escola São José e as contribuições destas para centenas de educandos da cidade de Cajazeiras no alto sertão paraibano, mostrou-se fundamental por estabelecer um diálogo possível com um tempo e um fazer histórico específico, que até então permaneciam silenciados nos arquivos oficiais da história.

Neste sentido, problematizando e investigando as especificidades das práticas educativas de Maria Fernanda Marabello, através das narrativas de ex-professores e ex-alunos da Escola São José, fomos levados a constatar que as oficinas se configuravam, assim, em estratégias cotidianas usadas pela educadora Maria Fernanda Marabello para estar a serviço do ensino e da produção de uma aprendizagem enquanto tendo um lugar próprio, onde estas atividades sinalizavam para além dos muros da Escola, para além de práticas tradicionais à época, que estavam circunscritas ao chão da sala de aula, através de meios pedagógicos orientados em sala. Foi possível concluir, pelas narrativas de ex-professores e ex-alunos que as oficinas não eram atividades estabelecidas como uma política educacional da Escola para todos os alunos indiscriminadamente. Pelo contrário, era uma atividade estratégica que estava sob o controle da Congregação, mas que apenas alguns alunos da Escola - aqueles que demonstrassem um maior empenho e engajamento nos estudos - seriam objetos de um investimento, digamos compensatório. Dessa forma é possível concluir que os critérios de um convite para a participação dos alunos nas oficinas apresentavam também características parcialmente subjetivas e assistemáticas em alguns casos. Não foi possível perceber na fala dos ex-alunos entrevistados que houvesse algum tipo de seleção interna entre as turmas ou algum tipo de questionário a ser respondido pelos alunos como forma de ingresso nas oficinas.

Nesse interim de análise, as oficinas da Escola São José foram aqui compreendidas como estratégias no interior de um amplo processo de ensino na Escola. E aqui, nos aproximamos da compreensão de que “a estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações” (CERTEAU, 2005, p. 99).

Dessa forma, convicto de que a história da educação é uma linha de estudos voltada para estabelecer lugares de relações de diálogo entre diferentes pressupostos

educacionais e diferentes estudos históricos sob distintos vieses teóricos historiográficos, vemos assim que na Nova História, a cultura aparece como uma interface hermenêutica de análise do cotidiano histórico. E para a compreensão do terreno do cotidiano onde a vida e as práticas educativas de Irmã Fernanda se realizaram, nos utilizamos do conceito em Certeau, onde o cotidiano é “aquilo que nos é dado cada dia ou o que nos cabe em partilha, nos pressiona dia após dia. O cotidiano é uma história a caminho de nós mesmos” (CERTEAU, 2005, p. 31).

Todo cotidiano é caminho interior, portanto trilhado na particularidade de ser o que é, vai dizer Certeau. Portanto, tal pesquisa não tem a pretensão de abarcar todas as discussões e análises existentes no campo da história da educação paraibana ou no interior das teses e dissertações já tão competentemente desenvolvidas pelos professores pesquisadores da Linha da História da Educação deste Programa de Pós-Graduação em Educação. Mas, almejamos como ponto de partida e meta inicial possibilitar as condições de escuta às vozes e práticas de educadoras que até então se mantinham desconhecidas ou silenciadas pelo tempo ou por circunstâncias outras. E aqui, concordamos com Machado e Nunes (2012, p. 8) ao afirmarem que “contar as histórias das educadoras é insistir no rompimento de um silêncio histórico que perdurou tempo demais”.

Assim, compreender a trajetória de vida da religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello, desvelando as especificidades e contribuições das suas práticas educativas, traz em si, o compromisso de colaborar com uma ampliação do estudo sobre as educadoras religiosas e as suas práticas educativas na História da Educação da Paraíba e ainda, as contribuições destas para um crescimento e alcance cada vez maior da educação a tantos rincões deste Estado, sobretudo no interior dos seus processos de escolarização.

De acordo com o historiador Pierre Nora (1987, p. 10) “o historiador dos dias de hoje está pronto, ao contrário de seus antecessores, a confessar a ligação estreita, íntima e pessoal que mantém com o seu trabalho”. Assim, esta tese de doutoramento sobre a história de vida da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello fala tanto dela quanto de mim mesmo, no que diz respeito à minha relação de proximidade e convivência com a biografada, sobretudo tendo sido ex-aluno da Escola São José e participante das oficinas da referida Escola. Na oportunidade, fui ainda um dos alunos, conforme relatos de experiências de um dos entrevistados, que também foi

apadrinhado pela educadora religiosa numa escola de ensino privado de Cajazeiras, a saber, o tradicional Colégio Diocesano Padre Rolim.

Neste sentido, esta pesquisa trouxe em si, pelas particularidades pessoais, um intenso envolvimento afetivo, o que não constituiu em hipótese alguma, um relaxamento metódico nem epistêmico na decisão por um rigor no caminho metodológico e na busca e análise das fontes colhidas no processo de construção e análise do argumento de tese aqui apresentado.

Sabemos que, pesquisar na história significa, a priori, entender o contexto histórico que se está investigando, neste caso, relacionando os movimentos educativos com outros maiores, causadores ou resultantes da luta de homens e mulheres, de suas conquistas e derrotas. Contudo, nem sempre é viável estabelecer todas as relações que seriam necessárias à localização contextual histórica dos acontecimentos ou verificar a sua amplitude de possibilidades, ou ainda presumir que ao cercar o contexto pesquisado se estará recuperando a história, pois a investigação histórica não é um simples levantamento de registros, ela envolve a complexidade da memória.

E foi nesse campo da complexidade da memória que esta tese de doutoramento sobre a história de vida da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello deparou-se em seu caminho. Sobretudo no que diz respeito ao último ano de vida da biografada, por ser um acontecimento ainda não suficientemente entendido e explicado, necessitando, assim, de um esclarecimento não somente no campo da pesquisa acadêmica, mas também quanto a uma investigação judiciária sobre o ocorrido. O falecimento da educadora e religiosa está ainda envolto em uma pluralidade de versões, compreensões e narrativas que ora entoam e ora destoam em suas explicações. Esse clima de hesitações e dubiedades não proporciona clareza para um possível caminho de seleção de fontes que favoreçam uma aproximação inicial.

A educadora faleceu no dia 02 de setembro do ano de 1991, às 11h da manhã, vítima de um enfarte no miocárdio, de acordo com informações em sua certidão de óbito, que fora à época assinado pelo então médico Deusdetid Leitão, profissional que ainda é vivo e residente na cidade de Cajazeiras. Conta-se que neste mesmo dia, a educadora estava em visita ao Bispo Diocesano Dom Matias Patrício de Macedo - até hoje não se tem conhecimento, pelo menos sob vias oficiais, que assunto a educadora

tratava na ocasião com Bispo. O conhecimento comum partilhado pela comunidade local é de que, ali mesmo em audiência com o Bispo, ela sofre um enfarte, vindo a óbito poucos minutos depois, sem que desse tempo de reversão do quadro. Com a sua morte, então, surgem as mais diversas versões sobre o que a teria causado. Entre tantas, há uma linha de narrativa que poderíamos considerar como uma suposta “presunção de legitimidade” de causa que, durante estes 29 anos da sua morte, tem se apresentado como um indício do que poderia ter sido - reafirmo aqui que tal teoria não tem amparo em documentos oficiais, mas trata-se de conhecimento e narrativas do senso comum, partilhadas pela comunidade local - de que a causa da morte prematura da educadora teria sido por ela ter sido acusada de fazer parte de uma rede de tráficos de crianças que seriam exportadas para a Itália, sob as condições de estarem sendo vendidas às famílias ricas italianas. É uma parte da vida da educadora que necessita de maior esclarecimento histórico, que até hoje nunca foi devidamente esclarecida ou explicada.

Quando me referi no início que me deparei neste ponto numa complexidade da memória, em parte é porque também já não temos acesso a uma das principais fontes primárias fundamentais que seria o autor desta acusação à educadora, à época o então Deputado Estadual e suplente de Senador da República João Bosco Braga Barreto, natural de Cajazeiras, que faleceu em junho de 2002. As denúncias foram feitas pelo então à época, o Deputado e suplente de senador de maneira informal, durante um programa de Rádio famoso na época, o programa policial chamado de “Boca Quente”, que era veiculado semanalmente todo início de tarde na Rádio Difusora AM de Cajazeiras. Não se tem conhecimento de nenhum processo judicial formal contra a educadora, nem de outras acusações formais destas supostas famílias de tais crianças traficadas. Mas esta denúncia foi suficiente para criar um clima de animosidades na cidade, gerando dúvidas em uns, indignação em outros e revolta na cidade em geral. Sobretudo, entre os que conheciam e conviviam com a educadora, moradores dos Bairros São José e Casas Populares, onde a educadora realizava seu trabalho educacional e religioso.

Confesso que para mim esse fato ainda me causa inquietação pela dúvida do que eu poderia encontrar como verdade nos escombros desta história. Seria medo da verdade? Não, absolutamente. Muitas vezes, não é nem tanto a verdade que nos assombra, mas o desvelamento que ela causa e as significações simbólicas que elas

reorientam ou destroem. E aqui, identifico neste caso como pesquisador o meu ponto de vulnerabilidade e de tensão ao mesmo tempo, por um certo receio da possibilidade de ver desconstruída uma imagem tão cara para mim. Repito, sem receio de dizer que este foi o meu ‘calcanhar de Aquiles’, que durante toda a pesquisa enfrentei embates subjetivos e interiores. Além disso, como foi falado anteriormente, o tempo da pesquisa e a demanda por outras fontes que privilegiassem sobretudo a questão das discussões sobre a sua história como educadora à frente da Escola São José e as suas práticas educativas desenvolvidas naquele estabelecimento de ensino, ocuparam a maioria totalizante do tempo do levantamento e buscas, não sendo assim possível me enveredar nesta outra parte da sua biografia. Fato este que justifica uma exposição delongada nas considerações finais do meu trabalho de doutoramento.

Fica claro, portanto, que a vida não sendo pronta como um enredo e nem mesmo um deslocamento linear unidimensional, mas que ela sempre ou quase sempre se nos apresenta com facetas que nos escapam, ardis e emboscadas que nos tomam e nos levam a trajetos, nos conduzindo a outros labirintos historiográficos. Assim, esta parte da biografia da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello constitui-se uma parte ainda sem sentido, necessitando das luzes da ciência acadêmica e da pesquisa. Portanto, o que esta pesquisa não teve condições de fazer, pelas razões e justificativas apresentadas anteriormente, se revela em um campo aberto para que uma nova pesquisa seja empreendida e desvelado assim o que de verdade ainda não esclarecido e compreendido há neste fato da morte da educadora? Ou o que de injustiça sofrida pela educadora precisa ser investigado, analisado e ponderado para que seja dada uma resposta que é de direito à comunidade local?

Assim, concluo que a pesquisa biográfica ao passo que nos possibilita respostas, possibilita novas perguntas e, assim, novas formas de narrar uma história de vida, onde um dos seus objetivos o de explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos – aqui, no caso Maria Fernanda Marabello – no seio do seu espaço social e de mostrar como eles dão forma às suas experiências, como fazem significar situações e os acontecimentos de sua existência. E de que maneira, juntamente com outros indivíduos, contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir, a partir das suas características próprias uma nova realidade social. Acreditamos que esta pesquisa biográfica que trouxe como objetivo geral compreender a trajetória de vida da religiosa e educadora Maria Fernanda Marabello, desvelando as especificidades e

contribuições das suas práticas educativas, empenhou-se em construir tais representações a partir do estudo dos modos de constituição do indivíduo enquanto ser social e singular.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagogia em formação. **Revista Educação**, v. 34, n. 2, p. 165-172, 2011.

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

_____. **Histórias dentro da História**. IN: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-189.

ALMEIDA, F. U. **A Espiritualidade da Bem-Aventurada Maria Pia Mastena no tempo e na história**. 2010. 65p. Monografia (Graduação em Teologia). Faculdade Católica de Fortaleza-CE. 2010.

ASSIS, F. A. N. **Práticas educativas no cariri paraibano: histórias e memórias da educadora Estelita Antonino de Souza (1947-1991)**. 2014. 238p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2014.

AVELAR, A. S. A retomada da biografia histórica. **Oralidades**, n. 2, p. 45-60, 2007.

BARRETO, I. S. **A Guardiã: um retrato histórico e (auto)biográfico de Maria Fernandes de Queiroga (Irmã Ana OSF) – 1949 a 2019**. 2019. 349p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2019.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 62, p. 69-72, 1986.

_____. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. Usos e abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BURKE, P. (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2005.

CARVALHO, M. A. **A prática docente: subsídios para uma análise crítica**. In: MENDES SOBRINHO, J. A.; CARVALHO, M. A. (Org.). Formação de professores e práticas docentes: olhares contemporâneos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 11-30.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **A Escrita da História**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária 2011.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. A invenção do cotidiano: 2 – Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, R. **A História hoje: dúvidas, desafios e propostas.** **Revista Estudos Históricos**, v. 7, n. 13, p. 100-113, 1994.

CORDEIRO, J. **Didática.** São Paulo, Scipione, 2007.

CORREIA, M. I. M. **Educação católica, gênero e identidades: o Colégio Santa Rita de Areia na História da Educação Paraibana (1937-1970).** 2010. 366p. Tese (Doutorado em Educação Popular, Comunicação e Cultura). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2019.

DALL'ORTO, H. L. R. **O papel da Didática e da Prática de Ensino na formação de Professores de Ciências.** Educação em foco. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000. p.115-130.

DAVIS, C. et al. **O Descompromisso das Políticas Públicas com a Qualidade de Ensino.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil.** Coordenação de textos de Carla Bassanesi. 10ª ed., 5ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** 7. ed.revisada. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2012.

DUARTE, C. S. A educação como um direito fundamental de natureza social. **Revista Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 691-713, 2007.

ELIAS, N. Introdução à sociologia. Lisboa: Edições 70, 1980.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Trad.: Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes e necessários à prática educativa.** 49ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real.** São Paulo: Cortez, 2010.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório.** 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GOMÉZ, A. I.; SACRISTAN J. G. **Compreender e transformar o conhecimento e a experiência.** 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.

GONÇALVES, L. A. **O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação.** 1985. 342p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.

HARRES, M. M. Aproximações entre história de vida e autobiografia. **Revista História Unisinos**, v. 8, n. 10, p. 143-156, 2004.

JOSSO, M. C. Experiência de Vida e Educação. **Revista Educação**, n. 3, p. 413-438, 2007.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 1996.

_____. **História e Memória**. 7. ed. São Paulo: UNICAMP, 2013.

_____. **Jornal Libération**, Paris, 7.10.1999.

_____. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999

_____. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui. **Le Débat**, v. 54, p. 48-53, 1989.

LEVILLAIN, P. **Os protagonistas da biografia**. In: RÉMOND, R. (org.) Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARABELLO, M. F. **Uma Apóstola da Sagrada Face**. Publicação independente. Fortaleza, 1986.

MACHADO, C. J. S.; SILVA, F. S.; NUNES, M. L. S. **Maria José Mamede Galvão: tessituras de memórias**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

MASETTO, M. **Didática: a aula como centro**. São Paulo. FTD, 1998.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MOTA, C. H.; MASTROENI, S. S. B. S.; MASTROENI, M. F. Consumo da Refeição Escolar na Rede Municipal de Ensino. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 168-184, 2013.

NERY, I. **Revisitando os três ciclos da História da Vida Consagrada**. Convergência. Ano XXVXI, nº 339, 2001, p. 25-42.

NUNES, M. L. S.; SILVA, V. S.; MACHADO, C. J. S. **“Quem não estuda não vence”: Retalhos biográficos de Júlia (1895-1984)**. In: NUNES, M. L. S. et al. (orgs). Eu conto, você conta: leituras e pesquisas autobiográficas. Fortaleza: EdUECE, 2017.

NÓVOA, A. **Os Professores e as Histórias da sua Vida**. In: NÓVOA, Antônio (Org.). Vidas de Professores. Porto Alegre: Porto Editora, 1995. p. 31-61.

NEVES, L. M. W. **Educação e política no Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

OLIVEIRA, I. B. **Criação curricular, autoformação e formação continuada no cotidiano escolar**. In.: Ferraço, Carlos Eduardo (Org.). Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo. São Paulo: Cortez, 2005.

PASSEGGI, M.C. A experiência em formação. **Revista Educação**, v.34, n.2, p.147-156, 2011.

PEREIRA, M.; VALE, F. (s. d.) Educação integral e integrada – Novos tempos, espaços e oportunidades educativas. Disponível em: <http://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/EDUCA%C3%87%C3%83OINTEGRAL-E-INTEGRADA-%E2%80%93-NOVOS-TEMPOS-ESPA%C3%87OS-EOPORTUNIDADES-EDUCATIVAS.pdf>. Acesso em: 20.nov.2019.

PERROT, M. **Práticas da Memória Feminina**. Revista Brasileira de História, v. 9, n. 18, p. 09-18, 1989.

_____. **Mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005. 342p.

_____. **Os Excluídos da História – Operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denise Bootmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

PIO XI. Papa. **Carta Encíclica Divini Illius Magistri**. Roma, 1929.

PLANCHARD, É. **A Pedagogia Contemporânea**. Coimbra: Editora Coimbra, 1975. pp. 121-137.

RAMOS, M. N. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, T. M. **'Magistério em declínio: história e memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970)'**. 2009. 168p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2009.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 42. ed. São Paulo: autores associados, 2012.

SILVA, R. N. **A igreja é uma escola, ou como o internato se tece: culturas instrucionais de confinamento e as damas da instrução cristã - 1891-1937**. 2012. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2012.

SCHMIDT, B. B. **A biografia histórica: o "retorno" do gênero e a noção de 'contexto'**. Questões de teoria e metodologia da história. Porto Alegre: Editora UFRG, 2000.

SCHOLZE, M. L. **O ensino do direito e a cidadania: o novo perfil profissional.** In: SANTOS, A. L. C.; DEL'OLMO, F. S. Diálogo e entendimento – direito e multiculturalismo e cidadania e novas formas de solução de conflitos. Rio de Janeiro: Forense, 2009, p. 267-276.

SOUSA, D. S. S. **Colégio Nossa Senhora de Lourdes: culturas escolares em Cajazeiras-PB (1949-1983).** 2018, 196p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SOUZA, J. F. **Prática pedagógica e formação de professores.** In: BATISTA NETO, J.; SANTIAGO, M. E. (Orgs.). Formação de professores e prática pedagógica. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009.

SOUZA, A. J. **Cajazeiras nas crônicas de um Mestre-Escola.** Universidade Federal da Paraíba, Editora Universitária, João Pessoa, 1981

TEIXEIRA, V. M.; FERNANDES, H. M. **Currículo, conhecimento e cultura: indagações ao projeto político-pedagógico da Escola Vitória Bezerra.** IV FIPED Fórum Internacional de pedagogia. 2017. Disponível em: <http://docplayer.com.br/13590828-Curriculo-conhecimento-e-cultura-indagacoes-ao-projeto-politico-pedagogico-da-escola-vitoria-bezerra.html>. Acesso em: 26 de fev. de 2020.

THOMPSON, E. P. **A voz do passado – História oral.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

ANEXOS

ANEXO A – Entrevista com o Ex-aluno Francisco Auri Pinheiro

**MARIA FERNANDA MARABELLO: EDUCADORA RELIGIOSA E SUAS
PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA O “SABER FAZER” E O “SABER SER” (1977-
1991)**

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes
Doutorando: Damião Fernandes dos Santos

**ENTREVISTA COM O EX-ALUNO FRANCISCO AURI PINHEIRO
(Entrevista realizada em fevereiro de 2020)**

Entrevistador: Qual o seu nome completo e sua formação?

Entrevistado: Meu nome é Francisco Auri Pinheiro, não tenho formação não, só o ensino médio completo. Tenho 42 anos, sou casado, tenho dois filhos um com 11 anos e o outro com 7 anos. Moro na rua Francisco Leite de Lima, nº 31 – Sol nascente - Cajazeiras-PB).

Entrevistador: Desde que ano você começou a morar nas Casas Populares/Bairro São José? Em que ano e com quantos anos de idade você começou a estudar na Escola São José?

Entrevistado: Em 1989 foi quando eu e minha família tínhamos chegado do sítio barra do juá município de triunfo e fomos morar no Bairro São José e nesse mesmo ano fui matriculado na Escola São José, nessa época eu tinha 11 anos de idade.

Entrevistador: De quais professores (as) da Escola você consegue lembrar dos nomes? Qual professor (a) que mais lhe marcou durante o período em você estudou na Escola São José? E porquê?

Entrevistado: Na verdade só tivemos dois professores na 4ª série: foi professora Adelaide e professor Cirilo e durante esse período que estudei na Escola São José o que mais mim marcou foi o professor Cirilo, por que além dos seus ensinamentos didáticos ele também nos davam exemplos de vida, ou seja, exemplo da sua própria vida. Que era pobre e que ele viu a saída nos estudos para ser alguém na vida e lembro como se fosse hoje, ele dizendo que gostaria de ver todos nós d’aquela 4ª série após uns 20 anos depois formados e pessoas do bem.

Entrevistador: O que você consegue lembrar, sobre como era o dia-a-dia na Escola São José: como era a chegada na Escola? Onde os alunos se concentravam antes de entrar nas salas de aula? Como era organização das salas? Me lembro que os bancos escolares eram de madeira com espaço para duas pessoas sentarem. Tem algum colega especial que você lembra que sentava ao seu lado?

Entrevistado: Eu Lembro como se fosse hoje, chegávamos mais cedo em torno de uma hora antes de entrarmos para sala de aula e essa hora usávamos para brincarmos de bola pátio da escola (quadra coberta), na hora do recreio brincávamos no pátio e até após o termino das aulas brincávamos também e era preciso a Irmã nos colocar para irmos para casa, todos os alunos se concentravam antes de entrar nas salas de aulas no pátio da Escola. Sobre a organização antigamente tinha a igreja no centro da congregação e aos lados, tinha as salas de aulas, dentro da sala de aula as carteiras e os acentos eram todos conjugados e sentávamos em dupla. O meu colega em especial que sentava junto comigo era o André e sempre quando tinha atividades em grupo, sempre fazia com ele.

Entrevistador: Quando e como você chegou a conhecer as Irmãs da Sagrada Face que chegaram em Cajazeiras no ano de 1977? Quais as suas recordações em frequentar a casa delas?

Entrevistado: Eu a conheci no mesmo ano de 1989 quando cheguei para estudar na Escola São José e a conhecer mais ainda através minha mãe D. Zefinha que nesse mesmo ano 1989 começou a trabalhar pra Irmã Fernanda como costureira particular e no curso de corte e costura e comecei a estudar no colégio diocesano eu passei a tomar conta das hortas e do pomar e todos os dias quando ia regar as hortas e plantas tinha que pegar a chave do portão que dava acesso as hortas e sempre tinha que entrar na cozinha que dava acesso a sala onde ficavam todas as chaves de todos os setores e com isso muitas das vezes ficava esperando sempre aparecer uma das irmãs chaves e Irmã Fernanda sempre mim dizia que eu tinha a passagem livre, que era de casa e de confiança. Aquilo mim deixava muito orgulhoso e satisfeito por ela ter aquela consideração por mim. A Irmã Fernanda fazia lanche pra mim, são coisas assim que não sai da minha memória.

Entrevistador: Como você chegou a conhecer a Irmã Fernanda e quais experiências você teve com ela que ainda hoje se encontram bem vivas em sua memória?

Entrevistado: Na verdade mesmo quando a conhecer foi no dia-a-dia da escola pelos corredores, pátio e até mesmo na sua residência. Uma das experiências que tenho bem viva em minha memória é dela sempre está preocupada com nós os mais próximos dela e as outras crianças das nossas comunidades Bairro São José e Casas Populares. Ela sempre nos dizia para sempre seguir o caminho do bem e ajudar ao próximo.

Entrevistador: Você comentou que você foi um dos alunos apadrinhados por Irmã Fernanda e que estudou no Colégio Diocesano Padre Rolim dos anos de 1991 a 1994 ajudado por ela. Por favor, fale mais sobre essa experiência.

Entrevistado: Sim, na verdade foi nos anos de 1990 à 1993 foi quando no decorrer do ano letivo ela chegava no meio da aula e falava com o professor para liberar eu e outro colega de sala pra lavar seu carro, pois ela precisava resolver uma coisa no centro e com isso, foi acontecendo, uma, duas, três, quatros, cinco... etc. e sempre meu colega ganhava uma bola, outra vez era um brinquedo e eu, nada recebi e sempre a Irmã Fernanda dizia que depois iria mim dá uma coisa e como e como era criança não entendia aquela situação e sempre ficava com raiva por não ganhar nada depois que lavava o carro. Portanto um certo dia sem eu menos esperar, Irmã Fernanda chegou para mim e fez essa pergunta: você gostaria de estudar em um colégio particular? Eu inocente nem passava na minha cabeça que ela tinha a intenção de pagar pra mim, fui logo dizendo, irmã meus pais são pobre e lá em casa são em seis irmãos e as vezes não tem nem o que comer, eles não tem condições não, então ela fez a pergunta novamente e disse: eu não estou perguntando se seus pais tem condições não eu quero saber se vocês gostaria de estudar em um colégio particular e minha resposta foi claro irmã gostaria sim, então ela disse : diga a sua mãe D. Zefinha que venha falar comigo ainda hoje e nesse dia foi um dos dias mais feliz da minha vida. Sobre uma das experiências que encontra bem viva em minha memória era quando ela dizia que gostava muito da nossa família, pois quando se aproximamos

delas foi para pedir um trabalho e não esmolas como muitos iam, que nós eramos pessoas boas e que nos se ajudávamos.

Entrevistador: Eu também fui um aluno apadrinhado por Irmã Fernanda que com a ajuda de famílias Italianas ajudaram a pagar meus estudos no Colégio Diocesano. No seu caso, você teve ou tem conhecimento de famílias italianas também lhe ajudaram financeiramente por meio de Irmã Fernanda e da Congregação? De que maneira você ficou sabendo?

Entrevistado: Sim, tive conhecimento que eram famílias Italianas que adotava um aluno a pedido de Irmã Fernanda para ajudar financeiramente e fiquei sabendo através da própria Irmã Fernanda, pois todo final de semestre tínhamos que enviar o boletim pra essa família que nos patrocinávamos.

Entrevistador: Você comentou que fez a 4ª série na Escola São José. Você lembra dos nomes dos seus professores? Alguns nomes de seus colegas de sala. Que experiências você guarda desse tempo?

Entrevistado: Sim, nessa época foram dois professores : D. Adelaide e Sirilo e os colegas de sala que eu lembro são esses: João Paulo, Maria das Dores, Maria de Fatima, Maria Tereza, Francisco, Claudimar, Zé Carlos, André, Valdez, Emanuel...que naquele tempo tudo era muito difícil para todas as pessoas e que poucas tinha o que comer e também não existia a maldade que existia nos dias atuais, pois podíamos brincar a noite na frente da igreja São José por anos e anos e nunca acontecia nada com nenhum de nós e hoje em dia já se registaram vários casos de assalto e até uma pessoa foi esfaqueada.

Entrevistador: Lembro que participamos juntos numa mesma época, da Oficina de produção e pintura de imagens de gesso com o Fernando que era o Instrutor nessa época. O que significou aquela experiência para você? Era uma atividade complementar as suas atividades em sala de aula, ou seja, precisa estar estudando para participar?

Entrevistado: Sim lembro demais, aquela experiência significou muito para mim, pois ali onde aprendemos a dar valor as pequenas coisas e também ser uma pessoa mais comprometida e responsável. Sim, aquela atividade era complementar e pra fazer parte daquela oficina de produção e pintura teria que estar estudando e com notas boas pra poder frequentar.

Entrevistador: Na sua opinião, as práticas educacionais desenvolvidas pela Irmã Fernanda através da Escola São José, dos cursos de pintura, etc. foram fundamentais para um desenvolvimento de capacidades e potencialidades em seus alunos e participantes destas oficinas?

Entrevistado: Sim, fazia parte sim, e sempre Irmã Fernanda estava presente dia-a-dia sempre passando informações, deveres e a fazeres. Ao meu ver sim, pois com essas práticas se tornamos pessoas disciplinadas, naquela época ela já tinha essa visão que quando o aluno tem uma obrigação com algum serviço que seja em casa ou fora de casa ele se torna mais disciplinado nos estudos. Hoje mesmo estudos mostram que quando uma criança que os pais colocam pra fazer alguma atividade em casa como por obrigação todos os dias ele se torna um aluno mais bem-sucedido entre os colegas.

Entrevistador: Como ex-aluno da Escola São José e ex-participante destas oficinas, que contribuições você identifica na sua vida destas práticas educacionais de Irmã Fernanda à frente da Escola?

Entrevistado: Que ela não só se preocupava em nos ensinar a ler e a escrever, mas como sermos pessoas, humildes, justas, disciplinadas, ajudar ao próximo, andar sempre no bom caminho, não se envolver com coisas erradas, enfim, ela na verdade nos preparava pra vida

Entrevistador: Quais os ensinamentos e aprendizados fundamentais para a sua vida, que foram adquiridos na época que você estudou na Escola São José? Comente sobre alguns deles.

Entrevistado: Primeiro ensinamento para minha vida foi que Deus em primeiro lugar e a família é a base de tudo, e sempre que Irmã Fernanda falava para trilharmos o caminho do bem ela colocava a família como base e esses ensinamentos e aprendizados foram fundamentais pra minha vida e que foram adquiridos nessa época que estudei na escola São José.

Entrevistador: Na sua opinião, com relação à atividade educacional da Religiosa Irmã Fernanda Marabello, quais as principais contribuições da sua prática educativa na sua vida como aluno da Escola São José e nos dias como Pessoa que você identifica mais fortemente.

Entrevistado: Na minha opinião é de ser uma pessoa temente a DEUS, ser uma pessoa mais humano, se compadecer com o próximo e tentar ajudar de alguma forma da minha maneira e de ser uma pessoa mais família e que os valores e virtudes de um homem é ser honesto

MARIA FERNANDA MARABELLO: EDUCADORA RELIGIOSA E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA O “SABER FAZER” E O “SABER SER” (1977-1991)

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes
Doutorando: Damião Fernandes dos Santos

**ENTREVISTA COM A EX-ALUNA MARIA DA SILVA CARVALHO ARAÚJO
(Entrevista realizada em janeiro de 2020)**

Entrevistador: Qual o seu nome completo e qual a sua formação?

Entrevistada: Maria da Silva Carvalho Araújo, Ensino Médio Completo.

Entrevistador: Em que ano e com quantos anos de idade você começou a estudar na Escola São José?

Entrevistada: 1986. 14 anos.

Entrevistador: De quais professores (as) da Escola você consegue lembrar dos nomes? Qual professor (a) que mais lhe marcou durante o período em você estudou na Escola São José? E porquê?

Entrevistada: Dona Francisca de Pôpo. Professora da 4ª série.

Entrevistador: O que você consegue lembrar, sobre como era o dia-a-dia na Escola São José: como era a chegada na Escola? onde os alunos se concentravam antes de entrar nas salas de aula? Como era organização das salas? Tem algum colega especial que você lembra que sentava ao seu lado?

Entrevistada: Lembro que ficávamos todos no pátio brincando à espera da hora de entrarmos nas salas e depois fazíamos filas para entrar nas salas. Era o momento de encontrarmos e reencontrarmos os colegas como uma espécie de reencontro mesmo. A Escola São era para mim um lugar muito importante e de bastante significado. Experiências que vivia lá que guardo na memória. Lembro-me da colega Janileia, em alguns intervalos íamos à casa dela para pegar lanche e água. A escola não tinha excelentes estruturas porque era uma escola de bairro pobre de periferia, mas era muito organizada e as irmãs cuidavam de tudo.

Entrevistador: Como você chegou a conhecer as Irmãs da Sagrada Face que chegaram em Cajazeiras no ano de 1977? E como você chegou a conhecer a Irmã Fernanda e quais experiências você teve com ela e que estão mais vivas na sua memória até hoje?

Entrevistada: Ao se matricular na escola também precisávamos entrar na catequese e frequentar a igreja. Havia vários cursos como música e corte de costura para quem quisesse fazer. Já conhecia a Irmã Fernanda desde que morava no sítio Serragem, pois a capela do sítio fazia parte da paróquia São José. Então a Irmã Fernanda e a Irmã Emerenciana visitavam lá com frequência, dando suporte à população tanto na questão religiosa, mas também em questões de saúde, pois acredito que a Irmã Emerenciana era enfermeira.

Entrevistador: De que maneira os professores desenvolviam suas atividades em sala de aula? Eles ministravam aulas explicativas no quadro? Usavam livro didático em sala? Eles gostavam de fazer atividades diferentes em sala? Se sim, quais? De quais tipo de atividades você mais se envolvia na realização?

Entrevistada: As aulas ministradas pelos professores eram na sua grande maioria aulas tradicionais, utilizando o quadro e os livros que estavam à disposição (que não eram tantos). Em alguns momentos, as aulas tinham características mais abertas e também ocorriam trabalhos em grupo para responder atividades e realizar pesquisas. A disposição das mesas e cadeiras na sala de aula era conjunta, eram organizadas com aqueles bancos de madeira onde cabiam sempre duas pessoas e assim, então costumávamos dividir livros com colegas durante as atividades. As aulas eram ministradas e sempre tinha tarefas de casa, de pesquisar em livros. Eram atividades que as vezes me estimulavam a ajuda de outros colegas e a pesquisar em uns livros velhos que tinham na Escola.

Entrevistador: Você chegou a participar de outra atividade na Escola São José, fora das atividades regulares de sala de aula? (Catequese, grupos de teatro, oficina de pintura, curso de datilografia ou outras?)

Entrevistada: Sim, participei. Participava da catequese, das oficinas de pinturas de imagens de gesso e do curso de datilografia. A oficina de pintura em que eu participava aconteciam sempre em contraturno das aulas dos alunos que participavam

da oficina. Aprendíamos a fazer imagens de gesso com aquelas formas de borracha, a colocar pra secar e depois Fernando nos ensinava a pintar. Eram atividades que me ajudavam e me incentivavam a participar e frequentar mais a escola. Facilitava por ser em outro turno do que a gente estudava na Escola. Mas sempre Irmã Fernanda convidava alunos e alunas para fazer o curso de pintura ou datilografia.

Entrevistador: Na sua opinião, com relação à atividade educacional da Religiosa Irmã Fernanda Marabello, quais as principais contribuições da sua prática educativa na sua vida e nas das pessoas?

Entrevistada: Antes das Irmãs chegarem em Cajazeiras, o bairro São José era um dos bairros mais pobres da cidade e um dos mais violentos. Bairro São José Casas populares eram os bairros que mais concentravam crianças no meio da rua sem ir para a Escola. No bairro já tinha algumas escolas do município, mas não comportavam todas as crianças. A Escola São José na época foi muito importante. Muitas crianças que antes estavam sem Escola começaram a estudar lá. Muitas crianças pobres que não tinha o que comer em casa começaram a estudar e ser ajudadas pelas irmãs. Elas davam feira, roupa, calçados, e ensina as crianças a se ajudarem também. As pedia a elas para lavarem o carro, limpar um jardim da casa delas e depois davam a elas uma ajuda para levar para casa.

Entrevistador: Com relação às oficinas oferecidas na escola São José, você considerou que foram importantes para as crianças e alunos da Escola São José?

Entrevistada: Na Escola São José, as oficinas ajudavam as crianças a aprender a fazer alguma coisa, abrir a mente pra futuramente ajudarem em casa e não mexer no que é dos outros. Irmã Fernanda tinha muita esta preocupação com os alunos. Acredito que ela foi uma peça fundamental para a região, contribuindo muito para os bairros. Por isso, não era todos os alunos que Irmã Fernanda convidava para participar das oficinas, mas aqueles alunos que ela via que tinha interesse nos estudos, se mostrava responsáveis com a Escola e eram comportados. Quando ela via alunos assim, ela investia o seu tempo além do da Escola.

MARIA FERNANDA MARABELLO: EDUCADORA RELIGIOSA E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA O “SABER FAZER” E O “SABER SER” (1977-1991)

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes
Doutorando: Damião Fernandes dos Santos

**ENTREVISTA COM A EX-PROFESSOA FRANCISCA DE SOUZA GONÇALVES
(Entrevista realizada em agosto de 2017)**

Entrevistador: Qual o seu nome completo? Em qual ano a senhora nasceu?

Entrevistado: Francisca de Souza Gonçalves, nasci em 18 de julho de 1934.

Entrevistador: Em qual ano a senhora concluiu a sua formação superior? A senhora começou a trabalhar na Escola São José antes ou depois de conhecer Maria Fernanda Marabello? Como aconteceu?

Entrevistado: Me formei na UFCG em 1981 em História. Comecei a trabalhar na Escola São José, Depois de conhecer Irmã Fernanda, através da nossa aproximação na Igreja São José que era administrada pelas Irmãs da Sagrada Face.

Entrevistador: Como era a sua convivência com Maria Fernanda Marabello? Fale um pouco sobre ela.

Entrevistado: O meu primeiro encontro com Irmã Fernanda foi maravilhoso, por informação de minha mãe que na época morava no Bairro das Casas Populares. Antes de conhecer as Irmãs da Sagrada face e de trabalhar na Escola São José, eu já trabalhava na Escola Municipal Cecília Meireles, que ficava próximo a minha casa, no bairro onde eu morava. E que ainda funciona no mesmo bairro. Esta Escola foi construída no governo de João Agripino Filho, entre os anos 1962 e 1970. No mesmo momento em que a CEHAP (Companhia Estadual de Habilitação Populares) estava construindo as Casas Populares, que se encontram no entorno da Escola. A construção desta escola tinha como objetivo atender aos filhos dos moradores, do referido bairro, em idade escolar, recebendo o nome de Escola de 1ª grau Arsênio

Rolim Araruna, funcionando com apenas duas salas de aula. Nesta escola trabalhei por muito tempo, antes ir para a Escola São José de Irmã Fernanda.

Entrevistador: E sobre as práticas educativas desenvolvidas na Escola São José por Irmã Fernanda como era que aconteciam as oficinas?

Entrevistado: Me lembro que as oficinas aconteciam geralmente em contra turno ao das aulas normais. Quem participava eram os alunos que davam mais trabalho em sala na questão do comportamento, na aprendizagem, mas que apesar disso eram crianças esforçadas no estudo, mas que tinham dificuldades. Irmã Fernanda as convidava para aprender um ofício, a pintar e a fazer imagens de gesso. O que acabava se tornando uma atividade complementar ao da escola.

Entrevistador: Qual é a sua percepção sobre as práticas educativas de Irmã Fernanda na Escola São José?

Entrevistado: As práticas educativas desenvolvidas pela Irmã Fernanda Marabello à frente da Escola São José eram práticas normais para a sua época, como acompanhamento das famílias dos alunos mais problemáticos, uma atenção a estes casos de crianças indisciplinadas. As oficinas de pinturas de imagens de gesso era uma outra forma que ajudava muito no incentivo aos alunos para o ensino e a aprendizagem na escola.

Entrevistador: Como era a relação de Maria Fernanda Marabello com as outras professoras e funcionários?

Entrevistado: A minha relação com Irmã Fernanda sempre foi muito boa e respeitosa. Até porque eu a amava muito e a respeitava como religiosa e como educadora à frente daquela escola com tantos desafios. A irmã Fernanda enfrentou muitas dificuldades. Mas ela procurava arranjar tudo que precisava na Escola. Não deixava faltar nada para as crianças que ela tanto amava. Tinha dias que ela ficava agoniada com tanta coisa pra resolver, com tantos problemas. Além da responsabilidade da Escola São José, ela se prontificava a ajudar as famílias dos alunos que estudavam na Escola

dela, que era a Escola citada, São José. Construiu mais de 50 casas para as famílias. Ajudava aos seminaristas pobres etc. Fazia tudo isso com ajuda de famílias da Itália. Era uma freira santa. Por isso, ela mendigava para ajudar as famílias carentes. Com relação a outra pergunta sobre os professores e funcionários, eu mantinha uma relação de amizade, pois éramos todos muito próximos e respeitávamos muitos uns aos outros.

Entrevistador: Maria Fernanda Marabello era somente diretora ou ela também exercia ao mesmo tempo a função de coordenadora pedagógica na organização de atividades nas Salas de aula?

Entrevistado: Irmã Fernanda teve um bom tempo à frente da Escola que ela era Diretora e coordenadora pedagógica, porque a prefeitura colocava sempre uma certa dificuldade para encaminhar algum funcionário para a Escola. Irmã Fernanda acumulava as duas funções. Era responsável pela burocrática da Escola e pela parte pedagógica, se reunia com os professores, queria ficar por dentro das atividades que eram desenvolvidas em sala. Era bastante exigente em sala de aula e exigia responsabilidade e compromisso dos professores em sala de aula.

MARIA FERNANDA MARABELLO: EDUCADORA RELIGIOSA E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA O “SABER FAZER” E O “SABER SER” (1977-1991)

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes
Doutorando: Damião Fernandes dos Santos

**ENTREVISTA COM A EX-PROFESSORA ADELAIDE LEITE DA FONSECA
(Entrevista realizada em janeiro de 2020)**

Entrevistador: Qual o seu nome completo e qual a sua formação acadêmica?

Entrevistado: Adelaide Leite da Fonseca. Licenciatura em Pedagogia. Especialização em Atendimento Educacional Especializado – AEE

Entrevistador: A Sr^a. faz parte do quadro ativo do Magistério Municipal de Cajazeiras? Atualmente ainda leciona? Desde que ano a Sra. exerce a função de Professora no Município de Cajazeiras?

Entrevistado: Não leciono desde o ano de 2015 quando me aposentei. Ingressei no Magistério Municipal de Cajazeiras no ano de 1985, portanto, exerci tal função durante 30 anos.

Entrevistador: A partir de que ano a Sr^a. começou a lecionar na Escola São José, sob a administração das Irmãs da Sagrada Face e em que ocasião conheceu a Educadora e Religiosa Maria Fernanda Marabello?

Entrevistado: No mesmo ano que iniciei a lecionar 1985, mas a conheci anos anteriores, pois foi Irmã Fernanda que me incentivou e me ajudou a concluir o curso do Magistério conseguindo uma bolsa no Colégio Nossa Senhora de Lourdes que na época era administrado pelas Irmãs Dorotéias. Conheci Irmã Fernanda no ano de 1978 tinha apenas 12 anos de idade, ainda me lembro, quando ao término da missa da tarde, nós rodeava uma freira que falava estranho, mesmo sem entender o que falava, mas seus gestos de carinhos afagando nossos rostos com o toque delicado de

sua mão nos marcou profundamente fazia com que nós retornássemos sempre no domingo seguinte.

Entrevistador: Quais as turmas que a Sr^a. lecionou na Escola São José a partir do ano de 1989?

Entrevistado: Lecionei da 1^a a 4^a Série

Entrevistador: Durante o período quem a Sr^a.foi professora da Escola São José, quais eras práticas educacionais orientadas, indicadas ou sugeridas aos professores pela Educadora e Religiosa Irmã Fernanda Marabello, durante o período em que ela esteve à frente da Escola?

Entrevistado: Irmã Fernanda sempre nos orientou a desenvolver práticas educacionais voltada para a formação integral da criança, posso afirmar que ela tinha uma visão além do tempo, pois se preocupava e não concordava com os métodos mecânicos e tradicionais da época. Ela sempre nos dizia que a criança precisava se preparar para enfrentar o mundo lá fora.

Entrevistador: Na sua opinião, com relação à atividade educacional da Educadora e Religiosa Irmã Fernanda Marabello, quais as principais contribuições da sua prática educativa na sua vida dos alunos da Escola São José?

Entrevistado: Conseguiu administrar consolidando a catequese com as práticas educacionais na Escola e em outras escolas quando era convidada por outros gestores escolares. Foram muitas as contribuições nesta área, pois conhecia as diversas situações, principalmente de extrema pobreza, vivenciadas pelos educandos.

Entrevistador: Quais as memórias que a Sr^a. guarda da atuação da Educadora e Religiosa Maria Fernanda Marabello na Escola São José, enquanto diretora da Escola?

Entrevistado: A preocupação em acompanhar o desenvolvimento das crianças e suas famílias, como conhecia bem a situação de cada uma, uma vez no final do ano letivo restou muita merenda escola, ela sabia que não seria utilizada no ano seguinte por causa do prazo de validade, mesmo desobedecendo as normas da secretaria e correndo o risco de ser presa, chamou as famílias e entregou toda merenda que restava para as mesmas.

Entrevistador: Na sua visão como professora da Escola São José, as oficinas de pintura de imagens de gesso e o curso de corte costura eram atividades complementares às práticas educacionais da Escola São José?

Entrevistado: Na minha visão não. Esses cursos não tinham nada a ver com a escola. Era um trabalho social voltado para a formação profissionalizante de jovens e adultos com a finalidade de inseri-los no mercado de trabalho. Era uma atividade importante, sim, não resta dúvidas, mas não as considero como atividades complementares às práticas educacionais da Escola São José.

MARIA FERNANDA MARABELLO: EDUCADORA RELIGIOSA E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA O “SABER FAZER” E O “SABER SER” (1977-1991)

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes
Doutorando: Damião Fernandes dos Santos

**ENTREVISTA COM A EX-PROFESSORA MARIA AMÁVEL DE OLIVEIRA
(Entrevista realizada em maio de 2017)**

Entrevistador: Qual o seu nome completo? Em qual ano a senhora nasceu?

Entrevistado: Maria Amável de Oliveira, nasci no dia 23 de agosto de 1938. Conclui o terceiro ano do ensino médio em 1979.

Entrevistador: A Sr^a. faz parte do quadro ativo do Magistério Municipal de Cajazeiras? Desde que ano a Sr^a. exerce a função de Professora no Município de Cajazeiras?

Entrevistado: Eu trabalhava no Centro Social Urbano, era contratada pelo poder público municipal. Quando recebi o convite de Irmã Fernanda para trabalhar como voluntária no Centro Social São José. Foi o primeiro contato que tive com Irmã Fernanda. Trabalhei como voluntária o ano de 1980. No ano seguinte em 1981, pedi transferência do CSU (Centro Social Urbano) para a o Centro Social São José.

Entrevistador: Desde o ano de 81 que a Senhora trabalha no Centro Social São José e na Escola São José à frente das oficinas de cortes e costura? Como funcionava?

Entrevistado: O curso de corte e costura era mantido pela Congregação, máquinas, tecidos, enfim todo o material necessário. O poder público pagava apenas a monitora. Esse curso não tinha fins lucrativos, a Irmã Fernanda queria apenas ajudar proporcionando uma ocupação para as mães de família e adolescentes a partir dos 16 anos. O curso não tinha distinção, todos podiam participar, se matricular. O curso tinha a duração de seis meses. No termino de cada curso, vendia-se as roupas e o dinheiro apurado custeava-se o próximo curso que eram dois cursos por ano. As

oficinas de corte e costura aconteciam como atividades complementares á ação de evangelização das Irmãs da Sagrada Face na Zona Norte de Cajazeiras, uma localidade muito necessitada de atividades nesse sentido no campo social de ajuda aos mais vulneráveis.

Entrevistador: Quais os desafios que a Sr^a. encontrava a frente destas oficinas como monitora?

Entrevistado: O desafio enfrentado por mim, a frente do curso, foi o mesmo de hoje nas salas de aula. Alguns alunos não querem nada na vida. Havia também outros cursos: o bordado a mão, à máquina, artesanato, etc. Esses eram mantidos pela Congregação. A Irmã Fernanda era muito ocupada, atuava na área de educação com muitas salas de aula. Por isso ela designava outra irmã como diretora para nos ajudar. Mas, o tempinho que sobrava, ela passava em nossa sala para saber se estava tudo bem ou faltava alguma coisa. A dificuldade da Congregação das Irmãs da sagrada Face na época, era o povo muito tosco, não reconhecia o esforço daquelas Irmãs corajosas, que resistia a todas as tribulações pelo bem da comunidade. Em especial Irmã Fernanda que era sensata, porém generosa. Tinha o carisma de ajudar as pessoas.

Entrevistador: Na sua opinião, com relação à atividade educacional da Educadora e Religiosa Irmã Fernanda Marabello, houve contribuições da sua prática educativa na sua vida e dos alunos da Escola São José?

Entrevistado: Sim, houveram. As irmãs da Sagrada Face à frente da Escola São José realizaram um trabalho importante na educação de centenas de crianças. Na época a Escola Cecilia Meireles aqui no bairro não era suficiente para abrigar tantas crianças. A escola São José foi importante nesse sentido. As atividades de corte e costura e de pintura foi importante para ajudar a tirar muitas crianças da rua porque eram atividades que funcionavam em contra turno ao da Escola.

ANEXO B – Documentos Comitê de Ética



Programa de Pós-Graduação em Educação



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

Esta pesquisa é sobre **“MARIA FERNANDA MARABELLO: histórias e memórias da educadora e religiosa e suas práticas educativas em Cajazeiras, no alto sertão paraibano (1977-1991)”** e está sendo desenvolvida por **DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS**, aluno do Doutorado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora **Dr^a MARIA LÚCIA DA SILVA NUNES**.

O objetivo do estudo é desvelar a história e as memórias da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello, descrever seu perfil biográfico e ainda investigar a trajetória educacional da educadora em evidência, analisando o seu fazer educacional como instrumento de transformação social na cidade de Cajazeiras.

As informações prestadas ao estudo são de *forma voluntária e confidencial*, e de uso exclusivamente acadêmico. Toda e qualquer informação divulgada em artigo ou publicação será feita de forma anônima e codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

De acordo com a Resolução nº 466/12, considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. Entretanto este estudo, empregam técnicas e métodos de pesquisa em que não se realiza nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam da pesquisa, entre os quais se consideram: questionários, entrevistas, revisão bibliográfica e documental, nos quais não se identifique nem seja invasivo à intimidade do indivíduo.

Em caso de dúvida, você pode procurar a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da UFPB, através do telefone (83) 3216-7140 ou falar com o pesquisador que estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, no endereço: **Rua Max Alberto Ferreira, 19. Sol Nascente – Cep 58900.000, Cajazeiras –PB e o do CCS/UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791.**

Diante do acima exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

João Pessoa/PB, _____ de _____ 2017.

Entrevistado (a)

Pesquisador



Programa de Pós-Graduação em Educação



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Esta pesquisa é sobre “**MARIA FERNANDA MARABELLO: histórias e memórias da educadora e religiosa e suas práticas educativas em Cajazeiras, no alto sertão paraibano (1983-1991)**” e está sendo desenvolvida por **DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS**, aluno do Doutorado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora **Drª MARIA LÚCIA DA SILVA NUNES**.

O objetivo do estudo é desvelar a história e as memórias da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello, descrever seu perfil biográfico e ainda investigar a trajetória educacional da educadora em evidência, analisando o seu fazer educacional como instrumento de transformação social na cidade de Cajazeiras.

As informações prestadas ao estudo são de *forma voluntária e confidencial*, e de uso exclusivamente acadêmico. Toda e qualquer informação divulgada em artigo ou publicação será feita de forma anônima e codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

De acordo com a Resolução nº 466/12, considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. Entretanto este estudo, empregam técnicas e métodos de pesquisa em que não se realiza nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam da pesquisa, entre os quais se consideram: questionários, entrevistas, revisão bibliográfica e documental, nos quais não se identifique nem seja invasivo à intimidade do indivíduo.

Em caso de dúvida, você pode procurar a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da UFPB, através do telefone (83) 3216-7140 ou falar com o pesquisador que estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, no endereço: **Rua Max Alberto Ferreira, 19. Sol Nascente – Cep 58900.000, Cajazeiras –PB e o do CCS/UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791.**

Diante do acima exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

João Pessoa/PB, 10 de Maio de 2017.

Maria Amável de Oliveira
Entrevistado
Damião Fernandes dos Santos
Pesquisador



Programa de Pós-Graduação em Educação



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Esta pesquisa é sobre “**MARIA FERNANDA MARABELLO: histórias e memórias da educadora e religiosa e suas práticas educativas em Cajazeiras, no alto sertão paraibano (1983-1991)**” e está sendo desenvolvida por **DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS**, aluno do Doutorado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora **Drª MARIA LÚCIA DA SILVA NUNES**.

O objetivo do estudo é desvelar a história e as memórias da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello, descrever seu perfil biográfico e ainda investigar a trajetória educacional da educadora em evidência, analisando o seu fazer educacional como instrumento de transformação social na cidade de Cajazeiras.

As informações prestadas ao estudo são de *forma voluntária e confidencial*, e de uso exclusivamente acadêmico. Toda e qualquer informação divulgada em artigo ou publicação será feita de forma anônima e codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

De acordo com a Resolução nº 466/12, considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. Entretanto este estudo, empregam técnicas e métodos de pesquisa em que não se realiza nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam da pesquisa, entre os quais se consideram: questionários, entrevistas, revisão bibliográfica e documental, nos quais não se identifique nem seja invasivo à intimidade do indivíduo.

Em caso de dúvida, você pode procurar a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da UFPB, através do telefone (83) 3216-7140 ou falar com o pesquisador que estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, no endereço: **Rua Max Alberto Ferreira, 19. Sol Nascente – Cep 58900.000, Cajazeiras –PB e o do CCS/UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791.**

Diante do acima exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

João Pessoa/PB, 20 de Agosto de 2017.

Francisca de Souza Gonçalves
Entrevistado

Damião Fernandes dos Santos
Pesquisador



Programa de Pós-Graduação em Educação



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGGE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

Esta pesquisa é sobre **"MARIA FERNANDA MARABELLO: histórias e memórias da educadora e religiosa e suas práticas educativas em Cajazeiras, no alto sertão paraibano (1977-1991)"** e está sendo desenvolvida por **DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS**, aluno do Doutorado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora **Dr^a MARIA LÚCIA DA SILVA NUNES**.

O objetivo do estudo é desvelar a história e as memórias da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello, descrever seu perfil biográfico e ainda investigar a trajetória educacional da educadora em evidência, analisando o seu fazer educacional como instrumento de transformação social na cidade de Cajazeiras.

As informações prestadas ao estudo são de *forma voluntária e confidencial*, e de uso exclusivamente acadêmico. Toda e qualquer informação divulgada em artigo ou publicação será feita de forma anônima e codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

De acordo com a Resolução nº 466/12, considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. Entretanto este estudo, empregam técnicas e métodos de pesquisa em que não se realiza nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam da pesquisa, entre os quais se consideram: questionários, entrevistas, revisão bibliográfica e documental, nos quais não se identifique nem seja invasivo à intimidade do indivíduo.

Em caso de dúvida, você pode procurar a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da UFPB, através do telefone (83) 3216-7140 ou falar com o pesquisador que estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, no endereço: **Rua Max Alberto Ferreira, 19. Sol Nascente – Cep 58900.000, Cajazeiras –PB e o do CCS/UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791.**

Diante do acima exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

João Pessoa/PB, 21 de maio, 2019.

pe. Gervásio F. de Queiroga
Entrevistado (a)

Damião Fernandes dos Santos
Pesquisador



PPGE

Programa de Pós-Graduação em Educação



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGGE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

Esta pesquisa é sobre **MARIA FERNANDA MARABELLO: educadora religiosa e suas práticas educativas para o “saber fazer” e o “saber ser” (1977-1991)** e está sendo desenvolvida por **DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS**, aluno do Doutorado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora **Drª MARIA LÚCIA DA SILVA NUNES**.

O objetivo do estudo é desvelar a história e as memórias da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello, descrever seu perfil biográfico e ainda investigar a trajetória educacional da educadora em evidência, analisando o seu fazer educacional como instrumento de transformação social na cidade de Cajazeiras.

As informações prestadas ao estudo são de *forma voluntária e confidencial*, e de uso exclusivamente acadêmico. Toda e qualquer informação divulgada em artigo ou publicação será feita de forma anônima e codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

De acordo com a Resolução nº 466/12, considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. Entretanto este estudo, empregam técnicas e métodos de pesquisa em que não se realiza nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam da pesquisa, entre os quais se consideram: questionários, entrevistas, revisão bibliográfica e documental, nos quais não se identifique nem seja invasivo à intimidade do indivíduo.

Em caso de dúvida, você pode procurar a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da UFPB, através do telefone (83) 3216-7140 ou falar com o pesquisador que estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, no endereço: **Rua Max Alberto Ferreira, 19. Sol Nascente – Cep 58900.000, Cajazeiras –PB e o do CCS/UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791.**

Diante do acima exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

João Pessoa/PB, 30 de Janeiro 2020.

Adelaide Leite da Faria
Entrevistado(a)

Damião Fernandes dos Santos
Pesquisador



PPGE Programa de Pós-Graduação em Educação



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

Esta pesquisa é sobre **MARIA FERNANDA MARABELLO: educadora religiosa e suas práticas educativas para o “saber fazer” e o “saber ser” (1977-1991)** e está sendo desenvolvida por **DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS**, aluno do Doutorado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora **Drª MARIA LÚCIA DA SILVA NUNES**.

O objetivo do estudo é desvelar a história e as memórias da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello, descrever seu perfil biográfico e ainda investigar a trajetória educacional da educadora em evidência, analisando o seu fazer educacional como instrumento de transformação social na cidade de Cajazeiras.

As informações prestadas ao estudo são de *forma voluntária e confidencial*, e de uso exclusivamente acadêmico. Toda e qualquer informação divulgada em artigo ou publicação será feita de forma anônima e codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

De acordo com a Resolução nº 466/12, considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. Entretanto este estudo, empregam técnicas e métodos de pesquisa em que não se realiza nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam da pesquisa, entre os quais se consideram: questionários, entrevistas, revisão bibliográfica e documental, nos quais não se identifique nem seja invasivo à intimidade do indivíduo.

Em caso de dúvida, você pode procurar a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da UFPB, através do telefone (83) 3216-7140 ou falar com o pesquisador que estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, no endereço: **Rua Max Alberto Ferreira, 19. Sol Nascente – Cep 58900.000, Cajazeiras –PB e o do CCS/UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791.**

Diante do acima exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

João Pessoa/PB, 07 de Janeiro 2020.

Entrevistado (a)

Pesquisador



Programa de Pós-Graduação em Educação



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

Esta pesquisa é sobre **MARIA FERNANDA MARABELLO: educadora religiosa e suas práticas educativas para o “saber fazer” e o “saber ser” (1977-1991)** e está sendo desenvolvida por **DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS**, aluno do Doutorado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora **Drª MARIA LÚCIA DA SILVA NUNES**.

O objetivo do estudo é desvelar a história e as memórias da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello, descrever seu perfil biográfico e ainda investigar a trajetória educacional da educadora em evidência, analisando o seu fazer educacional como instrumento de transformação social na cidade de Cajazeiras.

As informações prestadas ao estudo são de *forma voluntária e confidencial*, e de uso exclusivamente acadêmico. Toda e qualquer informação divulgada em artigo ou publicação será feita de forma anônima e codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

De acordo com a Resolução nº 466/12, considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. Entretanto este estudo, empregam técnicas e métodos de pesquisa em que não se realiza nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam da pesquisa, entre os quais se consideram: questionários, entrevistas, revisão bibliográfica e documental, nos quais não se identifique nem seja invasivo à intimidade do indivíduo.

Em caso de dúvida, você pode procurar a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da UFPB, através do telefone (83) 3216-7140 ou falar com o pesquisador que estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, no endereço: **Rua Max Alberto Ferreira, 19. Sol Nascente – Cep 58900.000, Cajazeiras –PB e o do CCS/UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791.**

Diante do acima exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

João Pessoa/PB, 05 de fevereiro 2020.

Damião Fernandes dos Santos
Entrevistado (a)

Damião Fernandes dos Santos
Pesquisador

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO**

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PROFESSORES PARTICIPANTES

1. Qual o seu nome completo? Em qual ano a senhora nasceu?
2. Em qual ano a senhora concluiu a sua formação superior? A senhora começou a trabalhar na Escola São José antes ou depois de conhecer Maria Fernanda Marabello? Como aconteceu?
3. Como era a sua convivência com Maria Fernanda Marabello? Fale um pouco sobre ela.
4. E sobre as práticas educativas desenvolvidas na Escola São José por Irmã Fernanda como era que aconteciam as oficinas?
5. Qual é a sua percepção sobre as práticas educativas de Irmã Fernanda na Escola São José?
6. Como era a relação de Maria Fernanda Marabello com as outras professoras e funcionários?
7. Maria Fernanda Marabello era somente diretora ou ela também exercia ao mesmo tempo a função de coordenadora pedagógica na organização de atividades nas Salas de aula?

ANEXO C - PARECER DE AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MARIA FERNANDA MARABELLO: histórias e memórias da educadora e religiosa e suas práticas educativas em Cajazeiras, no alto sertão paraibano (1977-1991)

Pesquisador: DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 82126117.7.0000.5188

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.667.085

Apresentação do Projeto:

Projeto de doutorado do PPGE-UFPB que tem como objeto de estudo a história e a memória da religiosa Maria Fernanda Marabello.

Objetivo da Pesquisa:

Desvelar a história e as memórias da educadora e religiosa Maria Fernanda Marabello e o seu fazer educacional, bem como a contribuição deste para a transformação social e o desenvolvimento sociocultural da cidade de Cajazeiras.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Não existe nenhum risco adicional envolvendo a participação dos sujeitos na pesquisa, a ser aqueles já apontados pela Resolução CNS 196/96.

Benefícios:

A participação neste estudo é estritamente voluntária. Os participantes não serão reembolsados ou compensados financeiramente de nenhuma maneira. Então, ainda que não haja benefícios diretos

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 3.667.085

para os participantes deste estudo, você poderá, certamente, ter orgulho em saber que em virtude de sua participação, você, indiretamente, tem ajudado o progresso da história da educação da sua cidade e contribuído para a reconstrução da história de vida da Educadora e Religiosa Maria Fernanda Marabello. Os resultados das entrevistas estarão disponíveis para você no final deste estudo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A metodologia tem como base o depoimentos orais de testemunhas oculares que tiveram contato físico com a educadora religiosa, objeto de estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram anexados tempestivamente.

Recomendações:

RECOMENDAMOS QUE, CASO OCORRA QUALQUER ALTERAÇÃO NO PROJETO (MUDANÇA NO TÍTULO, NA AMOSTRA OU QUALQUER OUTRA), O PESQUISADOR RESPONSÁVEL DEVERÁ SUBMETTER EMENDA SOLICITANDO TAL(IS) ALTERAÇÃO(ÕES), ANEXANDO OS DOCUMENTOS NECESSÁRIOS.

RECOMENDAMOS QUE AO TÉRMINO DA PESQUISA O PESQUISADOR RESPONSÁVEL ENCAMINHE AO COMITÊ DE ÉTICA PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, RELATÓRIO FINAL E DOCUMENTO DEVOLUTIVO COMPROVANDO QUE OS DADOS FORAM DIVULGADOS JUNTO À INSTITUIÇÃO ONDE OS MESMOS FORAM COLETADOS, AMBOS EM PDF, VIA PLATAFORMA BRASIL, ATRAVÉS DE NOTIFICAÇÃO.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

TENDO EM VISTA O ATENDIMENTO DAS PENDÊNCIAS ELENCADAS NO PARECER ANTERIOR, SOMOS DE PARECER FAVORÁVEL A APROVAÇÃO DO PRESENTE PROJETO DE PESQUISA, DA FORMA COMO SE APRESENTA, SALVO MELHOR JUÍZO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 3.667.085

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_912581.pdf	08/10/2019 12:35:01		Aceito
Outros	INSTRUMENTO.pdf	08/10/2019 12:32:54	DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CERTIDAO.pdf	08/10/2019 12:12:05	DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	21/12/2017 10:32:48	DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	consentimento.pdf	21/12/2017 10:21:39	DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	21/12/2017 10:05:26	DAMIÃO FERNANDES DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 29 de Outubro de 2019

Assinado por:

**Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))**

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
 Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
 UF: PB Município: JOAO PESSOA
 Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br